



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

GABRIEL LECOQUE FRANCISCO

*CINECONVERSAS E IMAGENS NARRATIVAS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS COTIDIANOS ESCOLARES DE VILA VELHA, ES*

VITÓRIA/ES
2023



mestrado profissional
ppgme/ufes

GABRIEL LECOQUE FRANCISCO

CINECONVERSAS E IMAGENS NARRATIVAS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS COTIDIANOS ESCOLARES DE VILA VELHA, ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Orientador: Prof. Dr. Soler Gonzalez

VITÓRIA/ES

2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F818c FRANCISCO, Gabriel Lecoque, 1991-
Cineconversas e imagensnarrativas em práticas pedagógicas
de educação ambiental nos cotidianos escolares de Vila Velha, ES
/ Gabriel Lecoque FRANCISCO. - 2023.
152 f. : il.

Orientador: Soler Gonzalez.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação. 2. Educação Ambiental. 3. Cotidianos escolares.
4. Imagensnarrativa. 5. Cineconversas. 6. Geografia. I.
Gonzalez, Soler. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Ata da sessão da centésima trigésima segunda defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, do discente **GABRIEL LECOQUE FRANCISCO**, candidato ao título de Mestre em Educação, realizada às 09h00min do dia **quatro de julho do ano dois mil e vinte e três**. O presidente da Banca, **SOLER GONZALEZ**, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelos Doutores **TÂNIA MARA ZANOTTI GUERRA FRIZZERA DELBONI** e **RODRIGO BARCHI**. Em seguida, cedeu a palavra ao candidato que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **"CINECONVERSAS E IMAGENS NARRATIVAS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS COTIDIANOS ESCOLARES DE VILA VELHA, ES"**. Terminada a apresentação do aluno, o presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. O presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e o presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido **APROVADA**. O presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 04 de julho de 2023.

Prof. Dr. SOLER GONZALEZ

Orientador

Profa. Dra. TÂNIA MARA ZANOTTI GUERRA FRIZZERA DELBONI

Membro Interno (PPGMPE/Ufes)



Prof. Dr. RODRIGO BARCHI

Membro Externo (Universidade Ibirapuera)

Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Educação – Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação. Avenida Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES.
CEP: 29075-910. Telefone: (27) 4009-7779. E-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por SOLER GONZALEZ - SIAPE 2086070 Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE Em 05/07/2023 às 08:47

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/742394?tipoArquivo=0>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
TANIA MARA ZANOTTI GUERRA FRIZZERA DELBONI - SIAPE 2243465
Departamento de Teorias de Ensino e Práticas Educacionais - DTEPE/CE
Em 06/07/2023 às 10:26

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/743543?tipoArquivo=O>

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos *praticantespensantes* da ecologia nos cotidianos escolares, que ao ler e refletir juntos possamos trilhar bons caminhos.

A todos os professores que me incentivaram na minha trajetória até aqui, do fundamental até o mestrado.

Ao meu orientador, Soler Gonzalez, por discussões de assuntos que não conhecia, ou conhecia de uma perspectiva diferente, que me ajudou a encontrar palavras para expressar este trabalho.

À minha família, que esteve presente e acreditando em mim, mesmo quando eu não confiava tanto assim. Em especial à minha mãe, Márcia Cristina Teixeira Lecoque, e minha esposa, Emily Santana do Carmo Lecoque.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família e amigos que apoiaram na caminhada escolar e acadêmica, avós e avôs, tios e tias, primos e primas por acreditarem em mim. À minha mãe, Márcia Cristina, por aprendermos sobre Geografia e Educação em nossas conversas. Pelo apoio e força de meu pai Altair e meu padrasto Maurício. Minhas irmãs Maria Eduarda e Yasmin, e meu irmão Fernando, por estarem em minha vida. Minha esposa Emily, pelo incentivo e paciência nos momentos bons e ruins, por acreditar e ajudar nesta dissertação.

Fica meu agradecimento à professora doutora Cione Marta Raasch Manske, que me ajudou muito no pré-projeto desta dissertação. Sua paciência e motivação guardo em meu coração.

Aos amigos e amigas e aos colegas de profissão Alinne Bastos, Augusto Júnior, Augusto Neto, Benjamin Jacob, Bruno Zamite, Clebson do Carmo, Edvan Costa, Eliana Rocon, Elizabeth Luchini, Fabiano Barbosa, Felipe Loureiro Fernandes, Henrique Luchini, Jonas Willian, José Américo Cararo, Josimar Nunes, Luciane Soneghete, Pedro Nascimento, Renata de Assis, Ronald Pereira, Ronildo Gabriel, Vilmar Borges e Wagner Scopel, aprendi com cada um de vocês.

Quero agradecer aos colegas da Turma V (Esperança Garcia) do Mestrado Profissional, por diálogos referentes às nossas práticas, pesquisas, cotidianos escolares, em especial a Letícia Lopes Bortolotti Batista e Simara Santos Silva, que caminharam mais próximo, compartilhando alegrias, angústias, aprendizados.

Agradeço também aos ecoamigos do Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas, que muito contribuíram para este trabalho.

Agradeço por estar comigo em suas palavras, Ailton Krenak, Marcos Reigota, Malcon Ferdinand, Paulo Freire, Nilda Alves e demais autores, pois fizeram uma revolução em mim.

Professora Dra. Andréia Ramos, professor Dr. Rodrigo Barchi, e professora Dra. Tânia Mara Delboni, fica minha gratidão por aceitarem fazer parte deste processo de escrita.

Um agradecimento especial aos professores e professoras do Mestrado Profissional. Ao meu orientador Soler Gonzalez por suas contribuições, palavras de ânimo e paciência, este trabalho também é seu.

Por fim, O mais importante, Ao Invisível, mas real. Não tenho palavras aqui para te agradecer, contudo te agradeço. Sei que está comigo a cada instante.

Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?

Paulo Freire

Ninguém pode fugir da sua própria história.

Filme: "Rango" (2011)

RESUMO

Esta dissertação busca problematizar, nos cotidianos escolares, práticas pedagógicas de Educação Ambiental com o ensino de Geografia em diálogo com as perspectivas ecologistas de Educação e com a educação para as relações étnico-raciais. Os sujeitos da pesquisa são os estudantes de duas unidades municipais de ensino, bem como suas famílias e educadores destas unidades. O objetivo geral consiste em realizar nos cotidianos escolares práticas pedagógicas de Educação Ambiental no ensino de Geografia que dialoguem com a perspectiva ecologista de Educação e discutam as problemáticas ambientais locais com oficinas de *cineconversas* e de *imagensnarrativas*. Os objetivos específicos consistem em fomentar, nos cotidianos escolares, práticas pedagógicas de Educação Ambiental no ensino de Geografia voltadas para a criação e cocriação de *imagensnarrativas* que abordem as problemáticas e potencialidades ecológicas locais; realizar oficinas de *cineconversas* nos cotidianos escolares para dialogarmos acerca das problemáticas ecológicas cotidianas e comunitárias, e elaborar um produto educacional que apresente a potencialidade das *cineconversas* nos cotidianos escolares e em práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia, comprometidas com as problemáticas ambientais locais. As abordagens teóricas desta dissertação dialogam com as pesquisas com os cotidianos escolares, de Nilda Alves, com a concepção freiriana de Educação, com a perspectiva ecologista de educação ambiental a partir dos estudos de Marcos Reigota, com as pesquisas narrativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas; e com o estudo recente acerca da ecologia decolonial, do pesquisador martinicano, Malcom Ferdinand. As abordagens metodológicas e os procedimentos metodológicos consistem nos *usos* das *imagensnarrativas* e das oficinas de *cineconversas*, aulas dialogadas, consulta a fontes documentais, fotografias e diário de campo, para dialogarmos acerca das problemáticas ecológicas cotidianas e comunitárias. O produto educacional apresenta a potencialidade das *cineconversas* nos cotidianos escolares e em práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia comprometidas com as problemáticas ambientais locais.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Cotidianos escolares. *Imagensnarrativas*. *Cineconversas*.

ABSTRACT

This dissertation seeks to problematize, in everyday school life, pedagogical practices of Environmental Education with the teaching of Geography in dialogue with the ecological perspectives of Education and with education for ethnic-racial relations. The research subjects are students from two municipal teaching units, as well as their families and educators from these units. The general objective is to carry out pedagogical practices of Environmental Education in the teaching of Geography in everyday school life that dialogue with the ecological perspective of Education and discuss local environmental problems with workshops of *cineconversations* and *narrativeimages*. The specific objectives consist of, promoting pedagogical practices of Environmental Education in the teaching of Geography in everyday school life, aimed at the creation and co-creation of *narrativeimages* that address local ecological problems and potential; hold *cineconversation* workshops in school daily life to dialogue about everyday and community ecological problems, and develop an educational product that presents the potential of *cineconversations* in school daily life and in pedagogical practices of environmental education in the teaching of Geography, committed to local environmental problems. The theoretical approaches of this dissertation dialogue with Nilda Alves' research on school daily life, with Freire's conception of Education, with the ecological perspective of environmental education based on Marcos Reigota's studies, with the narrative research of the research group Território de Autopoietic Learning; and, with the recent study on decolonial ecology, by the Martinican researcher, Malcom Ferdinand. The methodological approaches and methodological procedures consist of the use of *narrativeimages* and *cineconversation* workshops, dialogued classes, consultation of documentary sources, photographs, and field diary, to dialogue about everyday and community ecological problems. The educational product presents the potential of *cineconversations* in school daily life and in pedagogical practices of environmental education in the teaching of Geography committed to local environmental problems.

Keywords: Environmental Education. School routines. *Narrativeimages*. *Cineconversations*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografia da pedreira na Serra do Anil. No canto direito uma parte do Moxuara	20
Figura 2 - Fotografia do Moxuara. No canto esquerdo a pedreira na Serra do Anil ..	21
Figura 3 - Mapa das regiões de Vila Velha	40
Figura 4 - Mapa do terreno de Vila Velha.....	41
Figura 5 - Rodovia Carlos Lindenberg. Ao fundo o Moxuara	43
Figura 6 - Rodovia do Sol, próximo à ponte Waldyr Zanotti sobre o Rio Jucu	44
Figura 7 - Foto do Rio Marinho nas proximidades da UMEF da região IV	48
Figura 8 - Cartaz e maquete do grupo sobre o Rio Marinho e a poluição	50
Figura 9 - Maquete rio e poluição feita pela dupla.....	53
Figura 10 - Reportagem do jornal A Tribuna	54
Figura 11 - Reportagem do jornal A Gazeta.....	55
Figura 12 - Cartaz e maquete da dupla sobre mar e poluição.....	56
Figura 13 - Maquete de um <i>praticantepensante</i> sobre o mar e a poluição no contexto global.....	58
Figura 14 - Maquete da <i>praticantepensante</i> representando o desmatamento	59
Figura 15 - Maquete do trio sobre o desmatamento.....	60
Figura 16 - Cartaz e maquete da dupla sobre o desmatamento na Amazônia.....	61
Figura 17 - Cartaz e maquete da dupla sobre o desmatamento e queimadas	62
Figura 18 - <i>Imagemnarrativa</i> da pesca.....	63
Figura 19 - Estrada Ayrton Senna, em um trecho no bairro Barramares	64
Figura 20 - Foz do Rio Jucu, no bairro Jucu	67
Figura 21 - <i>Imagemnarrativa</i> de um <i>praticantepensante</i> sobre o Rio Jucu limpo.....	68
Figura 22 - <i>Imagemnarrativa</i> de um <i>praticantepensante</i> sobre o Rio Juca poluído ..	68
Figura 23 - Imagem retirada do trabalho do estudante Isaque.....	69
Figura 24 - Fotografia da Lagoa da Coca-Cola no Parque Paulo César Vinha	70
Figura 25 - Imagem de uma reportagem sobre o Rio Jucu do Jornal A Tribuna.....	73
Figura 26 - Lagoa Jaguarussú, bairro Morada da Barra.....	75
Figura 27 - Imagem do Google Maps da Lagoa Jaguarussú, 2023.....	77
Figura 28 - Imagem da pesquisa realizada por Felipe sobre a Lagoa Jabaeté	78

Figura 29 - <i>Imagemnarrativa</i> do estudante, a Terra pede socorro	80
Figura 30 - Momento de uma das cineconversas com a “Família Dinossauro”	88
Figura 31 - Imagem da Família Dinossauro	90
Figura 32 - Cena do casamento entre Mônica e Roy	99
Figura 33 - O desmatamento da Companhia em que Dino e Roy trabalham	100
Figura 34 - Cena do discurso proferido pelo Sábio Ancião contra os quadrúpedes	101
Figura 35 - <i>Imagemnarrativa</i> de um estudante sobre “A música do Pântano”	109
Figura 36 - <i>Imagemnarrativa</i> dinossauro e mamífero.....	110
Figura 37 - <i>Imagemnarrativa</i> da estudante	111
Figura 38 - Os personagens principais do “Bob Esponja”	114
Figura 39 - Panfleto que aparece durante o episódio "Bob Esponja Protesta"	116
Figura 40 - Cena da estrada e a destruição do ecossistema	117
Figura 41 - Cena de todos juntos contra a superestrada	118
Figura 42 - <i>Imagemnarrativa</i> da estudante sobre a votação da superestrada	119
Figura 43 - <i>Imagemnarrativa</i> do estudante com a frase: “cuidem da natureza”	120
Figura 44 - <i>Imagemnarrativa</i> do Siri Cascudo embaixo da superestrada.....	121
Figura 45 - Imagem com alguns personagens, entre eles o Lorax, o Umavez-Ildo, Audrey e Ted.....	123
Figura 46 - Cena de quando o Umavez-Ildo encontra as tréfulas	125
Figura 47 - Cena da última árvore sendo cortada pelo trator	128
Figura 48 - Umavez-Ildo observando um pássaro e, ao redor, a natureza voltando ao que era antes da destruição	129
Figura 49 - Vale das tréfulas	131
Figura 50 - <i>Imagemnarrativa</i> Umavez-Ildo, Lorax e os ursinhos	132
Figura 51 - <i>Imagemnarrativa</i> sobre desmatamento em o “Lorax”	133

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ABL – Aristóbulo Barbosa Leão

APA – Área de Proteção Ambiental

ARSP – Agência de Regulação de Serviços Públicos do Espírito Santo

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

COVID-19 – Coronavírus

EA – Educação Ambiental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ES – Espírito Santo

IEMA – Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PDM – Plano Diretor Municipal

PUPT – Programa Universidade Para Todos

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UMEF – Unidade Municipal de Ensino Fundamental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 MEMORIAL DE UM PESQUISADOR	20
1.1 RELATO DA MARTA EU ESTUDEI PARA SER PROFESSORA	27
1.2 AQUI HAVIA POUCAS CASAS, QUANDO IA VISITAR MINHA TIA, PASSAVA POR ONDE ERA A ESCOLA.....	28
1.3 O SETEMBRO AMARELO E OS JOVENS NEGROS	29
1.4 ELE É MUITO GRANDE! “COMEU FERMENTO DEMAIS”	30
1.5 A CAPOEIRISTA DA ESCOLA – LEI 10.639/03.....	32
1.6 A ÁGUA TEM DE TUDO! TEM COMO VOLTAR A SER RIO LIMPINHO?.....	33
1.7 EU TRABALHO, EU GOSTO!	35
2 IMAGENS NARRATIVAS DO RIO MARINHO E DO RIO JUCU NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA PESQUISA	38
2.1. MUNICÍPIO DE VILA VELHA.....	39
2.2 NOSSAS <i>IMAGENS NARRATIVAS</i>	45
3 IMAGENS NARRATIVAS DO RIO MARINHO NOS COTIDIANOS ESCOLARES	48
4 IMAGENS NARRATIVAS DO RIO JUCU NOS COTIDIANOS ESCOLARES	63
5 CINECONVERSAS, IMAGENS NARRATIVAS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS COTIDIANOS ESCOLARES.....	81
6 EPISÓDIO “O CASAMENTO DE ROY”	89
6.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM O “CASAMENTO DE ROY”	97
7 EPISÓDIO “A MÚSICA DO PÂNTANO”	104
7.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM “A MÚSICA DO PÂNTANO”	106
8 EPISÓDIO “BOB ESPONJA PROTESTA”	113
8.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM “BOB ESPONJA PROTESTA”	118
9 CINECONVERSA COM “O LORAX”	123
9.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM “O LORAX”	130
PRODUTO EDUCACIONAL	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa na área de Educação, com o intuito de dialogar com outras ecologias e com a perspectiva ecologista de Educação (REIGOTA, 2003), nos cotidianos escolares do município de Vila Velha, Estado do Espírito Santo, e com inspiração nas abordagens freirianas de Educação, pois, como diz Paulo Freire (1996, p. 25), “A teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.”

Ao abordarmos a pesquisa em Educação Ambiental nos cotidianos escolares, preferimos utilizar na escrita dessa pesquisa o termo no plural, Educações Ambientais, devido às múltiplas possibilidades que o campo permite. Desejamos tecer diálogos com práticas pedagógicas a partir da criação e dos usos de *imagensnarrativas*¹, audiovisuais e de *cineconversas*. O termo *imagensnarrativas* traz consigo a intenção de provocar pensamentos, reflexões, escritas e imagens conectadas em suas subjetividades dos que as percebem, e vem “a partir dos movimentos propostos por Alves (2001), em especial o de ‘narrar a vida e literaturizar a ciência’ [...]” (ALVES; FERRAÇO, 2015, p. 312) e possui a característica de uma potencialidade por abordar o “ver”, o “ouvir”, o “sentir”, o “pensar” (ALVES; FERRAÇO, 2015).

Adotamos a união de palavras de alguns conceitos reiterando o que a autora Nilda Alves e seu grupo de pesquisa entende como quebra de dicotomia, com isso, tanto as imagens como as narrativas, *imagensnarrativas* (ALVES; FERRAÇO, 2015), nos possibilitam uma linguagem sobre os saberes dos estudantes, que praticam e pensam *com* o mundo ao seu redor, como *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) constituindo redes de conhecimentos acerca das problemáticas locais da pesquisa.

O tema Educação Ambiental é de grande importância devido às suas facetas e pode ser compreendido como uma zona de contatos e conflitos do cotidiano. A pesquisa

¹ “A escrita conjunta desses termos tem, também, a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como ‘pares’, mas opondo-se entre si” (ALVES; OLIVEIRA, 2004).

pretende problematizar o quanto a comunidade escolar pode ser envolvida como protagonista de um espaço em constante modificação.

Justificamos esta dissertação por ser parte da prática pedagógica do pesquisador que, desde a graduação, realiza diálogos nos cotidianos escolares voltados para as questões ambientais no contexto local. A dissertação se justifica também por suscitar questões ambientais e de produção do espaço a partir das comunidades locais com suas leituras de mundo (FREIRE, 1996). Além disso, a dissertação se justifica como trabalho acadêmico por seu rigor teórico e metodológico nas práticas educacionais realizadas, documentadas e analisadas, trazendo à tona para o campo da Educação Ambiental as relações ambientais locais em diálogo com a Educação das Relações Étnico-Raciais nos cotidianos escolares com o ensino de Geografia, e, os usos de *imagensnarrativas* e da metodologia das *cineconversas*.

Dentro deste convívio cotidiano, algumas perguntas moveram essa pesquisa em sua fase inicial: como os estudantes se relacionam com a água, e quais as suas percepções? O município de Vila Velha possui algumas características que fazem a água ter um destaque político para os que governam e para a comunidade? Há algum planejamento de valorização das fontes de água doce ou do litoral por se tratar de um município costeiro? Com o processo de habitar o campo da pesquisa e com o contato com as fontes pesquisadas e dados encontrados, optamos por repensar tais questões que envolviam diretamente a água, naquele momento da pesquisa e do pesquisador.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa consiste em realizar, nos cotidianos escolares de duas Unidades Escolares das Regiões Administrativas IV e V do município de Vila Velha, práticas pedagógicas no ensino de Geografia que dialoguem com a perspectiva ecologista de Educação e discutir as problemáticas ambientais locais com oficinas de *cineconversas* e de *imagensnarrativas*.

A partir desse objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Fomentar nos cotidianos escolares práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia voltadas para a criação e cocriação de *imagensnarrativas* que abordem as problemáticas e potencialidades ecológicas locais;

- Realizar oficinas de *cineconversas* nos cotidianos escolares para dialogarmos acerca das problemáticas ecológicas cotidianas e comunitárias;
- Elaborar um produto educacional que apresente a potencialidade das *cineconversas* nos cotidianos escolares e em práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia comprometidas com as problemáticas ambientais locais.

Os sujeitos da pesquisa e *praticantespensantes* são os educandos, seus familiares e educandos, de duas unidades municipais de ensino das Regiões Administrativas IV e V de Vila Velha, ES.

As abordagens teóricas desta dissertação dialogam com as pesquisas com os cotidianos escolares (ALVES; OLIVEIRA, 2004; 2015; 2019), com a concepção freiriana de Educação (FREIRE, 1987; 1996), além dos diálogos com perspectiva ecologista de educação ambiental a partir dos estudos de Marcos Reigota (2003; 2010; 2012) e do estudo recente acerca da ecologia decolonial com o pesquisador martinicano, Malcom Ferdinand (2022).

As abordagens metodológicas desta dissertação apostaram no potencial pedagógico e político dos usos de *imagensnarrativas* e da metodologia das *cineconversas* com as publicações do grupo de pesquisa coordenado pela professora e pesquisadora Nilda Alves (2004; 2019), e das pesquisas narrativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas (SANTOS, 2020; FARIA, 2021; MAZOCCO, 2021; FERNANDES, 2022; GAMA, 2022; GONZALEZ; RAMOS, 2021), assim como com as narrativas ficcionais (REIGOTA, 2003).

Os procedimentos metodológicos desta dissertação foram, inicialmente, com aulas dialogadas com a disciplina de Geografia para compreender o que os estudantes já conheciam sobre o bairro da escola e bairros ao redor, situados nas Regiões Administrativas IV e V de Vila Velha, com um foco nas questões ambientais. Posteriormente, foram realizadas práticas pedagógicas com *imagensnarrativas* para que as leituras de mundo, memórias e problemáticas ambientais locais fossem narradas pelos *praticantespensantes*. Posteriormente, realizamos oficinas de *cineconversas* para dialogarmos acerca das problemáticas ecológicas cotidianas e comunitárias, tendo uma possibilidade de expansão de diálogo do local para o global.

No que tange ao produto educacional desta dissertação, apresentamos a potencialidade pedagógica, política e ecológica da metodologia das *cineconversas* nos cotidianos escolares e em práticas pedagógicas de educação ambiental com o ensino de Geografia, comprometidas com as problemáticas ambientais locais, relacionando-as com o contexto histórico do nosso país, marcado pela colonização e escravidão que sustentam uma sociedade marcada por relações sociais e antiecológicas advindas do racismo estrutural, institucional, cotidiano e ambiental.

Quanto à organização dos capítulos desta dissertação, abordamos no Capítulo 1 um memorial do pesquisador juntamente com algumas narrativas ficcionais sobre memórias e provocações que nos levaram a esta escrita. No Capítulo 2, apresentamos *imagensnarrativas* veiculadas em documentos e jornais locais sobre o Rio Marinho e o Rio Jucu nos cotidianos escolares da pesquisa, tendo também uma apresentação do espaço geográfico do município de Vila Velha e de suas cinco Regiões Administrativas. Apresentamos também as cocriações de *imagensnarrativas* nas aulas de Geografia sobre o Rio Formate e o Rio Jucu.

No Capítulo 3 abordamos os processos e práticas pedagógicas vivenciados e realizados nos cotidianos escolares de uma unidade de ensino próximo ao Rio Marinho em Vila Velha, ES e suas *imagensnarrativas*. No Capítulo 4 realizamos o mesmo processo em uma unidade de ensino próximo ao Rio Jucu em Vila Velha.

No Capítulo 5 apresentaremos as práticas pedagógicas que realizamos e que se aproximam de uma perspectiva ecologista de Educação com as oficinas de *cineconversas*. No Capítulo 6 abordamos o episódio “O casamento de Roy”, da “Família Dinossauro” e as questões étnico-raciais, entre outros temas. No Capítulo 7 abordamos o episódio “A música do pântano”, também da “Família Dinossauro”, com o intuito de possibilitar um diálogo acerca do preconceito e racismo e as segregações socioespaciais e ambientais.

No Capítulo 8, a *cineconversa* abordada foi com o episódio “Bob Esponja Protesta” e continuamos os diálogos com as Educações Ambientais e as consequências das intervenções humanas. No Capítulo 9 abordamos a *cineconversa* com o filme “Lorax: em busca da Trúfula Perdida” e temáticas envolvendo os desdobramentos do capitalismo na sociedade.

Por fim, o Produto Educacional da dissertação apresenta as potencialidades políticas, pedagógicas e ecológicas da metodologia das *cineconversas* em práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia nos cotidianos escolares, comprometidas com as problemáticas ambientais locais. Posteriormente tecemos nossas considerações finais desta dissertação.

1 MEMORIAL DE UM PESQUISADOR

Lembro-me da fala dos adultos, de quando eu era criança, sobretudo de minha mãe, Márcia Cristina, quanto à necessidade do zelo pelo que nos cerca, como um simples gesto de lixo na lixeira. Em determinado momento da minha vida, me vi questionar as relações cotidianas e a degradação ambiental. Dos lugares que podia observar, destaco aqui a vista da minha casa para a formação rochosa do Moxuara, em Cariacica, estado do Espírito Santo, e da pedreira na Serra do Anil (Figura 1), também nesse município. Ao longo dos anos, percebi as transformações da paisagem. Isso era um impacto tanto visual quanto sonoro, dadas as explosões que se podia escutar da minha casa (uma distância de aproximadamente de 10 km) às 11h da manhã, bem pontuais, realizadas pela empresa operadora da pedreira, a Brasitália Mineradora.

Figura 1 - Fotografia da pedreira na Serra do Anil. No canto direito uma parte do Moxuara



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 - Fotografia do Moxuara. No canto esquerdo a pedreira na Serra do Anil



Fonte: Acervo pessoal.

O desejo por entender a dinâmica do mundo, as escolhas e as transformações da sociedade, sempre me constituiu; ter a Geografia como disciplina mais querida no ensino fundamental e médio, nas escolas as quais frequentei, foi predominante na vontade de ingressar no curso superior de Geografia.

Eu, uma pessoa parda, de bairro periférico, que fiz a maior parte da educação básica em escola pública, tive minha carreira acadêmica iniciada no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2010, com a grande ajuda do PUPT². Foi possível desenvolver projetos de cunho ambiental, social e político, a exemplo da produção de um artigo, no ano de 2013, com o título *Publicidade e o Ensino de Geografia: a Propaganda como Instrumento no Processo*

² Fui estudante do PUPT (Projeto Universidade Para Todos) que funcionava através de financiamentos públicos e privados, oportunizando um pré-vestibular para pessoas de baixa renda.

*de Aprendizado do Discente*³. Esse artigo, realizado na companhia de Josimar Nunes Pereira de Freitas, durante o período que atuávamos como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), fez-nos ver a importância da inclusão de audiovisuais nas práticas docentes.

Durante o período em que estive no PIBID, tive a oportunidade de aprendizagem, junto com a coordenação dos professores doutores José Américo Cararo e Vilmar José Borges e supervisão da professora Luciane Soneghete, na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Aristóbulo Barbosa Leão”, mais conhecida como ABL, da rede Municipal de Ensino de Vitória/ES. Nesse período, pude desenvolver e aprender práticas nas aulas de Geografia que tornavam esses momentos mais dinâmicos com a utilização de audiovisuais e visitas técnicas que colaboravam com o ensino de Geografia.

No decorrer do curso, a relação da Geografia com o cotidiano escolar continuou assumindo relevância, em especial nas disciplinas de Geografia Política e Geopolítica, e Estágio Supervisionado II, ministradas, respectivamente, pelos professores doutores Simone Raquel Batista Ferreira e Soler Gonzalez. Na disciplina de Geografia Política e Geopolítica, as aulas envolviam discussões sobre as formas de poder e o território junto com um audiovisual, especificamente o filme de animação com o título de “Rango” (2011)⁴, que trabalha a temática de falta de água e as relações de poder envolvidas nessa questão.

Baseado na temática, foi pensado, e depois colocado em prática, uma forma de expandir o conhecimento do livro didático (“Projeto Araribá: Geografia”, da Editora Moderna, ano 2010, 3ª edição), utilizado pelos estudantes da ABL. Nas aulas de Estágio Supervisionado II, discutiram-se os problemas sociais e comparações com o dia a dia, o que lapidava a concepção de que o uso da cotidianidade é fundamental para a aprendizagem dos alunos.

³ Disponível em:

file:///C:/Users/Soler/Downloads/A_PUBLICIDADE_E_O_ENSINO_DE_GEOGRAFIA_A.pdf.

Acesso em: 29 mai. 2013.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K8rR1XPDCcw>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Em 2014, juntamente com Clebson do Carmo dos Santos, Luiz Felipe Cardoso, Pedro Nascimento Nunes, Ronald Pereira Silva, e Rosangela Maioli Langa, sob orientação do professor doutor José Américo Cararo, pesquisamos sobre as “Micropolíticas e geopolíticas da água: um drama/uma trama por intermédio de audiovisuais”, título do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O trabalho com audiovisual, tanto na conclusão do curso quanto no PIBID, foi fundamental para compreender que a utilização de audiovisual nas aulas é algo significativo para os estudantes e possibilita diálogos e aprendizagens de cunho ambiental.

Após o término da graduação, realizei uma pós-graduação Lato Sensu em Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 2015, na companhia de Pedro Nascimento Nunes, um dos meus companheiros de TCC de Geografia. Ao longo dessa pós-graduação, fizemos um estudo sobre a utilização de audiovisuais na EJA, que culminou em um artigo⁵ sobre o tema (FRANCISO, NUNES, 2015). Essa foi mais uma oportunidade de aliar audiovisuais na produção de conhecimento nos cotidianos escolares e compreender os limites e possibilidades desse recurso didático.

Durante a caminhada profissional, surgiram outras oportunidades de diálogos e aprendizagens, dentre elas no projeto Dandara⁶, com estudantes que desejam aprovação em um curso superior. Contudo, a iniciativa é mais do que isso, por se tratar de um projeto social, é formada por uma rede de conhecimento e constituição cidadã, em que novas histórias são descobertas e contadas a partir das oportunidades. Dito pelos próprios estudantes e ex-estudantes, “o Dandara (projeto) transformou a minha vida, mostrando um engajamento para além dos conteúdos”, uma educação transformadora, libertadora (FREIRE, 1996).

No ano de 2019, iniciei o curso de licenciatura em História, também na Universidade Federal do Espírito Santo, pelo desejo do aprendizado histórico que me atrai, por uma afinidade com a Geografia e como uma forma de ampliar meus conhecimentos na área da educação, influenciando assim no pensar e nos caminhos desta dissertação.

⁵ Com o título “Possibilidades do Recurso Audiovisual Filme como Interação das TICS na Educação de Jovens e Adultos”.

⁶ O projeto Dandara acontece na Faculdade Salesiana de Vitória há mais de 15 anos. É um pré-Enem aberto ao público de baixa renda que deseja ingressar em um curso superior.

No decorrer dos anos lecionando em turmas de ensino fundamental e médio, na rede estadual de ensino do Espírito Santo, foi possível aplicar o trabalho desenvolvido no TCC e discutir com os estudantes a percepção e a relação deles com os recursos hídricos, bem como expandir, discutir e ampliar horizontes da temática – o reinventar das práticas docentes.

A pesquisa caminhou, inicialmente, pelo contato com os corpos hídricos, pois, devido ao campo da Educação Ambiental ser tão amplo, complexo e polissêmico, e proporcionar muitos assuntos, problematizar as relações cotidianas e comunitários com os corpos hídricos se mostrou um bom começo, contudo, a atração por outras problematizações através dos diálogos com as comunidades escolares e as práticas ecologistas fomentadas, proporcionaram uma abrangência maior do que a “apenas” fontes hídricas.

Os corpos hídricos são elementos naturais e essenciais em nossa vida cotidiana e nos espaços em constante modificação, como as sociedades urbanas. Por vezes, o uso dos corpos hídricos existentes (rios, lagos, entre outros) ocorre de forma inadequada, e o direito legal de acesso a uma água de qualidade é negligenciado. Esse direito faz parte dos direitos humanos, como considera Aith e Rothbart, citando a Organização das Nações Unidas:

A água como direito humano foi propriamente reconhecida pela Organização Mundial das Nações Unidas em julho de 2010. A Resolução A/RES/64/292 declarou "a água limpa e segura e o saneamento (como) um direito humano essencial para gozar plenamente a vida e todos os outros direitos humanos" (ONU, 2010) (AITH; ROTHBARTH, 2015, p. 165).

Mesmo sendo a água essencial à vida, estudantes e comunidade, muitas vezes, são desconhecedores dos direitos dos corpos hídricos; sendo assim, a educação tem uma responsabilidade de torná-lo conhecido e colaborar com a valorização da água e com o sentimento de pertencimento ao território, que perpassa e se vincula à memória coletiva.

Bosi (2003) assevera que a memória coletiva tende a intensificar aqueles fatos que assumem simbolismo para o grupo. Portanto, concorda-se aqui que há necessidade de envolvimento com o tema da água e com a perspectiva ecologista em educação, quanto à importância da memória, envolvendo coletivamente perante a urgência de

pautas ecológicas. Como nos diz Reigota: “a base será firme quando assumirmos coletivamente o compromisso em construir um campo que não se distancie dos contextos sociais e ecológicos” (REIGOTA, 2012, p. 511).

A este trabalho de construção coletiva entende-se a importância dos diálogos com Paulo Freire, Nilda Alves, Marcos Reigota, entre outros, por possuírem uma escrita libertadora, o que se busca realizar nesta pesquisa. Trata-se de uma possibilidade de compartilhar em palavras, as reflexões, os sentimentos, as histórias das práticas dos cotidianos.

Uma forma de trazer o tema da água para um debate educativo nos cotidianos escolares é a interligação com os audiovisuais na pesquisa, e esta escolha ocorre devido às experiências exitosas da inserção dessas linguagens no cotidiano escolar. Nesta perspectiva, consideramos que as diferentes expressões e linguagens artísticas, culturais e audiovisuais – músicas, imagens, filmes, entre outros –, sejam fundamentais em práticas pedagógicas de Educação Ambiental nos *espaçostempos* dos cotidianos escolares, e que potencializem os educandos, compreendendo as relações ecológicas e comunitárias, como diz Paulo Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996).

Como a intenção desta escrita é adentrar nos impactos, problemas e soluções ecológicas, relacionados aos corpos hídricos, e discutir as modificações nas comunidades locais, cabe a participação dos estudantes, professores/as e comunidade neste processo, e espera-se que este engajamento resulte na criação de *imagensnarrativas* na divulgação de práticas pedagógicas de Educação Ambiental.

Sabendo que o cotidiano escolar é um espaço de convívio com relações de pessoas de diferentes histórias, vontades, leituras de mundo e saberes, venho trazer algumas narrativas ficcionais que moveram esta dissertação.

Como uma oportunidade de diálogo da prática docente e vivências proporcionadas pelos atravessamentos de histórias e memórias que movem a escrita, sobreveio as escritas ficcionais de adotar os relatos mostrando o quão complexo é o espaço escolar. As narrativas desse capítulo têm como inspiração teórica e metodológica o

modo como o professor, pesquisador e ecologista Marcos Reigota (2003) aborda a pesquisa narrativa, ao interpretá-las como uma ligação de tempo e espaço, em que atos isolados ou momentos particulares podem se complementar e nos fazer *verouirsentirpensar* nossas vozes e memórias.

Importante dizer que as narrativas podem ser de forma escrita, ou de outras formas como oral, corporal e também como uma forma de comunicação de algo vivido ou imaginado (REIGOTA, 2003). Sendo assim, as narrativas a seguir são narrativas ficcionais que, segundo Reigota (2003, p. 79),

se caracterizam pela “memória” disponível sobre os eventos e as suas repercussões, portanto, estão próximas da ficção. Isso não significa que a narrativa, ao se aproximar da ficção, corre o risco de necessariamente expressar de forma incorreta e deturpada os fatos, mas, sim, a disposição como esses fatos são interpretados, recebidos, vivenciados e sequenciados por cada pessoa.

Para compreensão da ficção dentro das narrativas, Reigota (2003) faz uso da compreensão de Luchesi, que afirma que “a ficção literária é uma manifestação da errância, na medida em que investiga, através do impulso criador, a radicalidade do existir” (REIGOTA, 2003, p. 80).

Em um debate sobre o termo ficção da errância, Reigota (2003) adota um entendimento, com o qual concordamos, de errância como condição humana de um ser que comete erros, de um ser em “uma viagem por mares revoltos na frágil embarcação da vida, sempre à margem da verdade” (REIGOTA, 2003, p. 81).

Desse modo, as escritas das narrativas ficcionais aqui realizadas estão interligadas às reflexões sociais a partir de experiências vividas com os *espaçostempos* dos cotidianos escolares da pesquisa e, também, da trajetória profissional do pesquisador, e assumimos que tais narrativas nos possibilitam ampliar a noção de ecologia como aqui retratada, por vezes diferente do habitual, é reflexo do entendimento que a prática ecológica é atravessada pelas relações do ser humano com o meio em que vive e implicações nos movimentos realizados nas mentes e atitudes de personagens não identificados, resguardando a veracidade do que é histórico, representado.

As narrativas ficcionais a seguir possuem nomes fictícios criados pelo pesquisador.

1.1 RELATO DA MARTA EU ESTUDEI PARA SER PROFESSORA

Uma noite, após a aula, Marta conversava com o professor Anderson sobre os assuntos do cotidiano, os problemas do governo atual (presidencial 2018-2022), as consequências sociais da economia, os problemas ambientais do aumento do desmatamento noticiado na televisão e, nesse contexto, surgiu o assunto sobre a intolerância.

Olha, vivemos dias difíceis, eu não enxergo da vista esquerda, eu perdi há muito tempo. Um dia estava indo para escola, mas antes precisava passar na banca de revista. Atravessei a rua, com muito cuidado, e quando cheguei na banca, a dona da banca conversava com uma outra mulher. Nisso eu me afastei um pouco para esperar ela terminar e o passo que dei para trás foi o suficiente para esbarrar em uma mulher que passava naquele momento. Eu não vi aquela mulher, não sei se eu esbarrei nela ou ela esbarrou em mim. Logo em seguida ela disse, “presta atenção por onde anda!” Na hora pedi desculpa e quis me explicar dizendo que eu não enxergo da vista esquerda. Ela imediatamente disse: “se não enxerga deveria ficar em casa!”

E a pedagogia continua a conversa com o professor:

Olha, vivemos dias assim, na verdade pessoas assim existem, mas nestes tempos elas tiveram oportunidade de mostrar quem são. A verdade é que houve um tempo em que os pais escondiam os filhos com deficiência, os trancavam em casa, meu receio é que este tempo volte. Desde nova quis trabalhar com educação. Fiz a faculdade e, após quatro anos atuando como professora, passei em um concurso. Quando fui pegar o laudo para atuar, o médico olhou para mim e disse: “para que você quer trabalhar? Não posso te dar esse laudo. Você será mais uma pessoa nas custas do governo”. Prontamente respondi que queria trabalhar, e ele retrucou: “você pode trabalhar em casa, limpando, arrumando”. Nisso tive que aumentar o tom, dizendo: “Eu estudei para ser professora. Tenho meu marido, minha criança, nem que precise ir no presidente da república, eu vou ser professora!”

Esse tipo de intolerância com o deficiente, com a mulher, me preocupa nos discursos, essas sombras tentam tomar a luz.

1.2 AQUI HAVIA POUCAS CASAS, QUANDO IA VISITAR MINHA TIA, PASSAVA POR ONDE ERA A ESCOLA

Em uma noite na aula de Geografia abordávamos o assunto de transformações socioespaciais e em uma turma os estudantes começaram a falar sobre o bairro e o entorno, narrando as grandes mudanças percebidas ao longo dos últimos 30, 40 anos. Era uma turma de Educação de Jovens e Adultos, sendo que muitos conheceram o bairro da escola, antes mesmo de ser um bairro.

Joaquim, um dos estudantes, narrou que ele e o seu pai costumavam pescar e caçar onde ficava a escola. Ele dizia:

Havia um grande número de córregos, principalmente depois que chovia. Ia tudo para a pista (rodovia) sabe, e era difícil o acesso. Era tipo uma fazenda, mas era aberto. As pessoas entravam para pescar e tomar banho. Meu pai me levava, e pude levar meu filho.

A estudante Bruna, que morava há mais tempo na região, começou a narrar sobre a travessia quando as primeiras casas surgiram no bairro:

Aqui havia poucas casas e quando ia visitar minha tia passava por onde era a escola. Não havia nada, só mato, era perigoso por causa de cobra. Outra estudante complementa dizendo: muita cobra mesmo, infelizmente matavam as cobras, hoje a gente sabe que é errado, mas naquela época pensava que era melhor. A estudante Bruna retoma a palavra narrando: minha tia não tinha luz elétrica em casa. Uma outra estudante diz acreditar que a luz teria chegado em 89 (1989).

A estudante Bruna conclui sua narrativa inicial dizendo: *É, professor, muita coisa mudou, principalmente com o Parque Aquático (grande parque aquático instalado que*

atraía pessoas da região e de outros municípios). *Depois que o parque chegou foi um boom, muita gente quis morar aqui.*

Alguns lembram do parque e começam a falar.

O parque era legal, domingo eu vivia lá, mas depois que resolveram expandir... você já reparou nos prédios construídos!? Foi muito dinheiro gasto, mas o dono faleceu e os filhos não se decidiam o que fazer. Dizem ter impostos a pagar e o parque depois foi fechado e abandonado. Foi uma pena. Algumas transformações vieram, como a passarela na pista, que era uma reivindicação antiga dos moradores do bairro,

E as narrativas sobre o bairro continuam...

A passarela fica uns 300 metros da entrada do bairro, com pouca utilização, mas sabe por quê? Olha, depois que foi decidido ter a passarela, foi um impasse, pois queriam que fosse no terreno de um vereador. Um terreno distante. Teve reunião sobre o assunto, protesto, mas não teve jeito, acabou que compraram o terreno. Foi uma nota, e foi feito lá, mas eu não uso. Acho que passei lá umas duas vezes. É longe. É melhor atravessar a pista, mas um dia desses uma menina e uma senhora quase foram atropeladas. Passa pouco carro em alguns horários, mas geralmente passam a mais de 100 km/h. O que melhorou foi o radar. Sabe o radar perto da entrada do bairro!? É recente, tem alguns anos.

Os estudantes dizem que o debate sobre uma nova passarela continua, mas é difícil. Joaquim salienta que o bairro está crescendo, pode ser que construam no futuro.

1.3 O SETEMBRO AMARELO E OS JOVENS NEGROS

Era uma manhã de setembro e de dia ensolarado. Havia, na programação da escola, a temática sobre o suicídio. Alguns estudantes acharam estranho.

Ao falar sobre a importância do “Setembro Amarelo” alguns estudantes já ficam atentos para ouvir. Após uma breve introdução, os estudantes foram convidados a

falarem e tirarem suas dúvidas sobre esse assunto e que também se faz presente nos cotidianos escolares.

Logo na primeira aula, uma estudante disse que pensou em cometer suicídio e em todas as aulas ocorreu o mesmo. Em todas as aulas havia filhos, familiares e responsáveis prestando atenção e querendo participar, alguns em busca de respostas e soluções práticas sobre o problema do suicídio. Vale ressaltar que a maioria dos estudantes das escolas públicas são pessoas racializadas, sendo que no Brasil a população negra está mais suscetível ao suicídio, principalmente quando falamos de adolescentes e jovens.

Na comparação entre brancos e negros, os dados demonstram que, em 2012, para cada 100 suicídios de adolescentes e jovens brancos, aconteceram 134 envolvendo adolescentes e jovens negros. Já em 2016, para cada 100 suicídios entre adolescentes e jovens brancos, ocorreram 145 suicídios de negros (BRASIL, 2018). Isto é, uma diferença de 45% (ARRUDA, 2022, p. 599).

A segregação socioespacial e racial proporciona a esse grupo de pessoas, que historicamente convive com o descaso governamental, menos oportunidades, gerando angústias, depressões, tristezas ou outros sentimentos que levam a este ato extremo de tirar a própria vida.

Em todas as turmas foi falado sobre o número de telefone 188, do Centro de Valorização da Vida e foi proposto escrever uma mini carta, ali mesmo, para o seu colega, ou familiar, caso soubesse que o mesmo tinha intenção de cometer suicídio. Eram cartas para si mesmos, muitas vezes. Este dia fez a diferença, não solucionando, não era esse o objetivo; mas ajudando, fortalecendo, acalmando.

1.4 ELE É MUITO GRANDE! “COMEU FERMENTO DE MAIS”

Era o primeiro dia em uma escola. Ao conhecer uma turma de 6º ano deparei-me com um estudante muito grande comparado com os demais, e logo vem o pensamento de ser um estudante fora da idade correta para aquela turma, mas para minha surpresa

não, era só alguém bem alto mesmo, ou como os antigos dizem “comeu fermento demais”. Por ser alto, logo chama atenção, mas isso o incomodava.

Ser diferente em uma escola regular provoca isso. Não foi uma, ou duas vezes que vi alguém se queixando por ser baixo. O preconceito ocorre com frequência e alguns reagem com agressividade, outros ficam quietos, outros implicam, mas, na verdade, todos ficam incomodados, uns mais e outros menos. Todos são exemplos. Mas, alguns um pouco mais, como é o caso de jogadores de futebol famosos, atores de novela e, por incrível que pareça, professores e professoras também.

Como somos pessoas importantes na vida dos estudantes somos chamados de tios, tias e, não sei quantas vezes me chamaram de pai, e é aquela gargalhada na sala de aula.

Os estudantes não querem magoar. As crianças não nascem preconceituosas, racistas, mas, às vezes, comentem atitudes que podem magoar tanto os professores e professoras quanto os colegas e demais pessoas em suas redes de relações. Lembro do cuidado de um estudante ao perguntar se a professora não ia ficar magoada com ele, por ter feito charges dos professores e professoras, como uma homenagem dele ao Dia dos Professores. E como é comum, a charge geralmente exagera em uma característica marcante e que diferencia a pessoa.

Uma educação dialógica com os estudantes sobre as consequências de atitudes preconceituosas e racistas para com as pessoas é imprescindível e necessária, sendo a escola um território importante nesse processo em defesa de uma escola e uma educação antirracista.

O planeta Terra é tão diferente e com tantas singularidades. São diferentes também nossas relações com as pessoas, assim como as enxergamos. Nessas diferenças encontramos as potencialidades para pensarmos em nossas relações com outras formas de vida e, portanto, em outras ecologias e geografias que nos habitam.

1.5 A CAPOEIRISTA DA ESCOLA – LEI 10.639/03

Assim como há estudantes com diferentes características, também há professores e professoras. Havia uma estudante, Sofia, que gostava de sentar junto aos mais dedicados.

Um determinado dia foi dito que a Sofia gostava de capoeira. Foi uma dica precisa, um gancho para uma ligação com esta estudante e com a turma. Na aula seguinte a atividade sugerida era de desenhar ou escrever sobre o que mais gosta, surgindo uma variedade de respostas, indicando o gosto pela leitura, desenhar, jogar bola (isso nunca falta), jogar vídeo game (isso também não falha) e capoeira. Uma simples conversa com a turma sobre o que gostavam de fazer trouxe brilhos nos olhares e criou uma relação de aceitação do outro e de fazer ouvir o outro.

O caso da estudante relatar que o que mais gosta é de praticar a capoeira nos remete a pensarmos que nossa pesquisa em educação ambiental relacionada com o currículo da disciplina de Geografia está também imbricada com a Lei 10.639/03⁷ e com a Lei 11.645/08⁸, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História Africana, Afro-brasileira e Indígena, incluindo no currículo o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra.

Apostamos em práticas pedagógicas que possibilitam e potencializam um diálogo amoroso, como nos ensinou Paulo Freire e, no caso do ensino de Geografia, que possibilitem aos estudantes narrarem e aprenderem e ensinarem com suas geografias e ecologias cotidianas e para que possam apresentar o que faz parte do seu cotidiano,

⁷ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁸ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 13 jun. 2023.

de suas ecologias e geografias, e de como e com o quê, eles se sentem representados.

Um dia, em um Sarau Geográfico, um grupo de estudantes de uma escola do município de Vitória apresentou a melhor dança/luta de capoeira que já vi, eram rápidos e precisos. Quase se acertavam, causando um bocado de aflição no público que assistia. Não era esse o combinado, mas deu tudo certo, todos ficaram impressionados.

Naquela turma, da capoeirista, havia um grande número de estudantes com talento para os desenhos, desenhos lindos e com perspectivas de crítica social, sendo que certa vez uma estudante falou que os desenhos são marcas da realidade. Desenhos vivos, havia grandes agradecimentos às professoras e aos professores de Arte, mas também aos demais pela oportunidade e por acreditarem neles.

1.6 A ÁGUA TEM DE TUDO! TEM COMO VOLTAR A SER RIO LIMPINHO?

Aquela aula seria na Sala de Informática, improvisada como Sala de Vídeo. Não fica tão escuro para assistir um vídeo, mas é melhor que a sala de aula, porém, um 6º ano se satisfaz com pouco, e às vezes não se satisfaz com nada! Um professor certa vez disse que o 6º ano seria “o exército que poderia vencer uma guerra”. Uns dias antes aquela turma estava agitada e, ao pedir um pouco de calma, foi como falar ao vento. Para aproveitar o ímpeto deles, pois faltava 10 minutos, foi perguntado se todos queriam levantar um pouco e alongar as pernas, os braços, algo simples. Parecia uma festa. É assim o 6º ano.

Voltando à situação do vídeo na sala de informática, logo ao chegar na sala explicamos que assistiríamos três vídeos curtos com o tema Água. “Professora, posso ir beber água?”, perguntou um estudante. A professora logo respondeu: “Agora não”. (era o estopim para outros pedirem). Os vídeos eram curtos e, caso saísse naquele momento, não ia poder ver e ouvir um dos assuntos. Mas é sempre assim. É só falar em água que dá sede!

Após o primeiro vídeo alguns saem para beber água, ir no banheiro, enquanto outros comentam sobre o vídeo, poucos acham interessante. Foi talvez um pouco técnico demais e não trouxe tanto ânimo, mas, sempre tem alguém que gosta. Uma aluna diz ter sido muito interessante o vídeo⁹ por contar a origem da água.

O segundo vídeo foi um alarde, o título era Falta de Água, do canal Nerdologia,¹⁰ do YouTube, e abordava a temática da água, inclusive sua poluição e o que faz a quantidade de água potável diminuir. Ficaram surpresos ao saberem que é possível encontrarmos vários tipos de poluentes nos rios, inclusive vestígios de drogas nocivas que podem ser consumidas por humanos.

Conversamos sobre os rios de Vila Velha, fazendo uma relação com o que foi visto nos vídeos e o que há próximo à realidade deles. Como são os rios? Um estudante diz que perto da casa dele não tem rio, só valão. Outro estudante complementa dizendo que “o valão é um rio que está poluído”. Uma menina logo questiona, “tem como voltar a ser rio limpinho?”

No fim da aula, um estudante pergunta: “na água tem tudo mesmo?”. É respondido que sim e que cabe a nós, humanos, ajudar ou atrapalhar. Nessa hora (sempre tem) um outro estudante fala: “tem até monstro!”. Outro retruca: “até te vi nadando lá” e a turma se agita, com gargalhadas e ao som de uuuhhhh!!! É meio que o fim da aula.

Por vezes planejamos as aulas e elas tomam outro rumo e, muitas vezes, que bom que isso acontece. Aprender com os saberes dos educandos, suas geografias e ecologias cotidianas, e, no caso do 6º ano, isso acontece de forma peculiar.

⁹ O vídeo era um trecho do documentário A origem do planeta Terra. Este trecho não é mais encontrado no YouTube, apenas a versão completa encontrada em <https://www.youtube.com/watch?v=dgJOMTRIBms>

¹⁰ O canal Nerdologia possui muitos vídeos com temáticas atuais abordadas em torno de dez minutos, como o vídeo Falta de Água encontrado em <https://www.youtube.com/watch?v=RsUD8CTDdAw&t=8s>

1.7 EU TRABALHO, EU GOSTO!

Um estudante da EJA logo chama a atenção por ser bem falante e por gostar de conversar com estudantes, professores, servidores, e sempre que podia incluía nas conversas o seu trabalho de vender doces. Bombom é o principal carro-chefe, sendo que, geralmente, ia para a escola com uma bolsa térmica e seus bombons gelados e com um preço compatível. Às vezes, fazia promoção. De vez em quando se queixava, não pelo seu trabalho, mas pelo fato de ter que fazer longas caminhadas trabalhando. Sua fisionomia transparecia o cansaço ao longo da semana, a sexta-feira era o dia mais difícil. Com o passar do semestre, o cansaço era mais visível.

Um dia, estava esse aluno conversador deitado na Sala dos Professores. “Ele não está se sentindo bem”, disse a Coordenadora e resolveram deixá-lo deitado em um sofá. Ele dormiu ao ponto de não se incomodar com as conversas. Mas, o fato é que o rapaz também tinha crises epiléticas cada vez mais frequentes e mais de uma vez foi carregado por professores. Não era um incômodo, mas uma preocupação constante. Suas passagens de ônibus viravam lanches, suas caminhadas eram uma forma de economia para pagar o aluguel e morava sozinho. Sua história movia ajudas em vários sentidos. A última notícia é que estava bem e trabalhando.

Outra história de resistência é do estudante Felipe, estudante que passou rápido pela escola, como se fosse um raio, daqueles que inicia o ano, mas logo vai para outra escola. Tão rápido quanto marcante, e certa vez disse:

eu trabalhei em uma oficina mecânica, quando era 6º ano e desde aquele tempo venho trabalhando, geralmente como ajudante de alguma coisa, mas eu gosto! No meu primeiro trabalho recebia 10 reais por dia, 50 por semana, e conseguia comprar algumas coisas. Eu acredito que o trabalho é muito importante.

Suas mãos com calos denunciavam sua história. Outros jovens demonstram de outro jeito.

Um outro estudante, Daniel, trabalhava muito longe da escola. Era um rapaz que dificilmente faltava. Outra situação complexa era a de uma estudante de

aproximadamente 13 anos que começou a apresentar comportamentos diferentes do habitual. Era falante e parecia estar tudo bem, mas, já no meio do ano ela mudou seu modo de se relacionar, ficando quieta demais e com muitas faltas.

Chegou a informação que ela trabalhava vendendo doces no sinal, mas nos últimos tempos não era só isso, vendia também o seu corpo. Diziam que ia a um local de caminhoneiros. Não queríamos acreditar, mas uma professora disse que certa vez passou por aquele lugar e viu. Era algo de cortar o coração, mas o pior é que o incentivo, no sentido mais de obrigação, vinha da sua própria mãe. Cada movimento da escola em acionar os órgãos competentes para ajudar na situação provocava o distanciamento da jovem.

Em um outro dia, o professor de Ensino Religioso, que ouvia a história dessa jovem, falou da importância de estarmos de olhos e ouvidos atentos e contou uma situação vivenciada por ele quando trabalhava em um órgão de Assistência Social.

Certa vez, uma professora denunciou um caso de uma menina que aparentava ter muito medo ao chegar qualquer homem perto dela e outras mudanças de comportamento. Indo mais a fundo na situação e nas conversas com a criança, descobriu que o pai a abusava sexualmente da criança. Infelizmente, ela não era a única, sua irmã também. Sua mãe, por ocultar, também teve que responder por sua conduta.

O professor havia compartilhado conosco que sua família não tinha condições financeiras, mas uma Tia que gostava muito dele o ajudava pagando uma escola particular, uma famosa. Todos os anos havia uma excursão do Ensino Médio de passeio de fim de ano, mas, devido à sua condição financeira, não pôde ir naquele que seria o último passeio. Depois de um tempo, as conversas chegaram aos ouvidos de sua Tia dizendo que algumas meninas ficaram grávidas durante a excursão. Diziam que eram cinco e talvez mais, de um grupo de aproximadamente 30 estudantes. Nenhuma delas teve bebê e todas abortaram e que ele encontrou uma das prováveis meninas na faculdade. As famílias não as deixariam estragar suas carreiras.

Com as narrativas ficcionais acima e o memorial do pesquisador, desejamos compartilhar as complexidades da vida cotidiana e dos cotidianos escolares, no

movimento de aprendermos o que essas relações complexas têm a nos ensinar, seus silenciamentos e desafios. São narrativas que nos ajudam a pensar nas ecologias e geografias que habitam as vidas cotidianas, familiares e comunitárias dos *sujeitospraticantes* da pesquisa e a própria docência.

No próximo capítulo, abordaremos as *imagensnarrativas* dos cotidianos escolares nas proximidades do Rio Marinho e do Rio Jucu, como também o espaço geográfico do município de Vila Velha, estado do Espírito Santo.

2 IMAGENS NARRATIVAS DO RIO MARINHO E DO RIO JUCU NOS COTIDIANOS ESCOLARES DA PESQUISA

O presente capítulo tem como objetivo compreender os bairros e as realidades socioespaciais dos estudantes das duas unidades municipais de ensino de Vila Velha, uma localizada na região IV e outra na região V do município, assim como suas ecologias e geografias.

Neste capítulo, abordaremos espaços escolares (ALVES; CALDAS, CHAGAS; MENDONÇA, 2020) a partir das pesquisas desenvolvidas por Nilda Alves e Ricardo Ferraço como também a noção do que estamos denominando por *imagens narrativas* (ALVES; FERRAÇO, 2015). Há também um diálogo com autores como Paulo Freire, pensando no potencial de uma educação dialógica, das leituras de mundo e dos saberes dos educandos.

Os pensamentos do escritor indígena Ailton Krenak (2019, 2020a, 2020b, 2022) também contribuem para dialogarmos sobre nossas relações com os rios. O professor pesquisador e ecologista Marcos Reigota nos ajuda a pensar na noção da perspectiva ecologista de educação (REIGOTA, 2003; 2010, 2012), juntamente com os estudos do professor e pesquisador Rodrigo Barchi (2009), entre outros.

Organizamos o capítulo de modo a abordar primeiramente o contexto histórico e geográfico do município de Vila Velha e, depois, apresentar *imagens narrativas* do Rio Jucu e do Rio Marinho nos cotidianos escolares da pesquisa, problematizando as questões ecológicas concretas dos bairros e suas comunidades em relação ao Rio Jucu e Rio Marinho.

Faremos usos de *imagens narrativas* como procedimento metodológico para dialogarmos com os diferentes *espaçotempos* da pesquisa e dos saberes dos educandos e para dialogarmos, também, com as ecologias vivenciadas pelas comunidades, assim como as problemáticas e negligências do poder público.

[... as escolas significam “espaçotempos” de encontros presenciais entre crianças e jovens e outros mais velhos (professores/professoras; servidores; responsáveis de estudantes; comunidade local), permitindo aquilo que

chamamos de socialização e que significa aprender a viver com o outro em circunstâncias diversificadas (ALVES, 2019, p. 25).

Ao utilizar o termo *praticantespensantes*, Nilda Alves (2019) considera o “cotidiano como espaço de produção e de circulação de conhecimentos e dos currículos neles desenvolvidos” (ALVES, 2019, p. 16), sendo assim, as práticas movem os pensamentos dos estudantes e suas atitudes na sociedade passam por memórias, imaginação, desejos provocados no cotidiano escolar.

Contemplamos, nesse capítulo, as *imagensnarrativas* dos *praticantespensantes* que, junto aos seus familiares, confeccionaram entrevistas, desenhos, fotos, pesquisaram informações em sites e reportagens a fim de entenderem as memórias e acontecimentos da história do bairro onde vivem.

2.1. MUNICÍPIO DE VILA VELHA

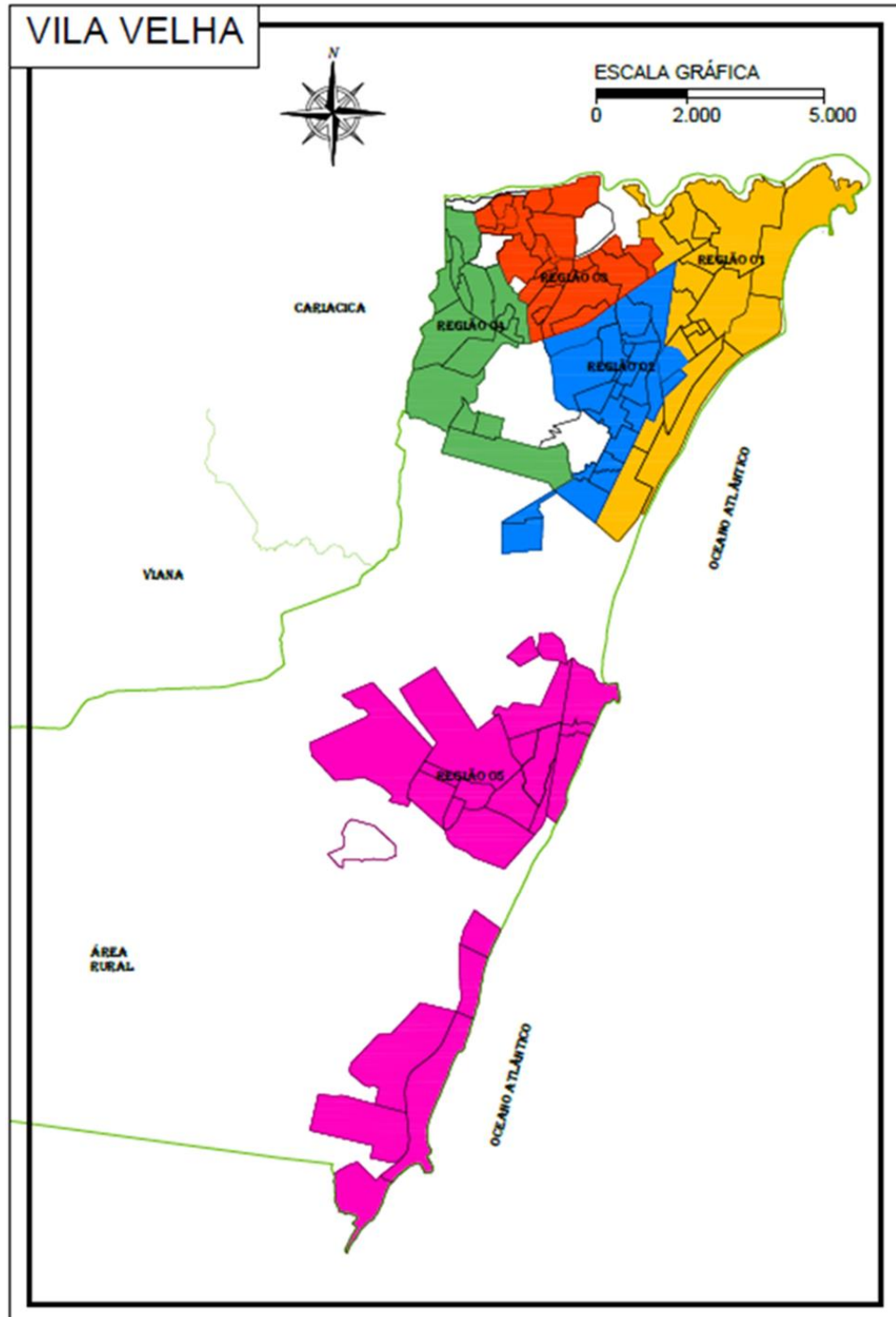
O município de Vila Velha é dividido em 99 bairros e cinco regiões (Figura 3). A pesquisa ocorreu com turmas de oitavo ano do ensino fundamental de uma UMEF¹¹ da região V do município de Vila Velha, e com turma do sexto ano de uma UMEF da região IV. Ambas as escolas pertencem à rede de ensino do município de Vila Velha, estado do Espírito Santo.

Outro ponto a ser destacado é a constituição do terreno em Vila Velha, no qual (Figura 4) é possível perceber uma característica de baixa elevação do território, formado principalmente por planície costeira, tendo grandes áreas com poucos metros de altitude e dispendo de áreas abaixo do nível do mar, ocasionando constantes alagamentos em períodos chuvosos.

¹¹ O termo UMEF significa Unidade Municipal de Ensino Fundamental. Essas turmas estavam, no ano de 2022, sob a regência do professor de Geografia Gabriel Lecoque Francisco, também pesquisador deste trabalho.

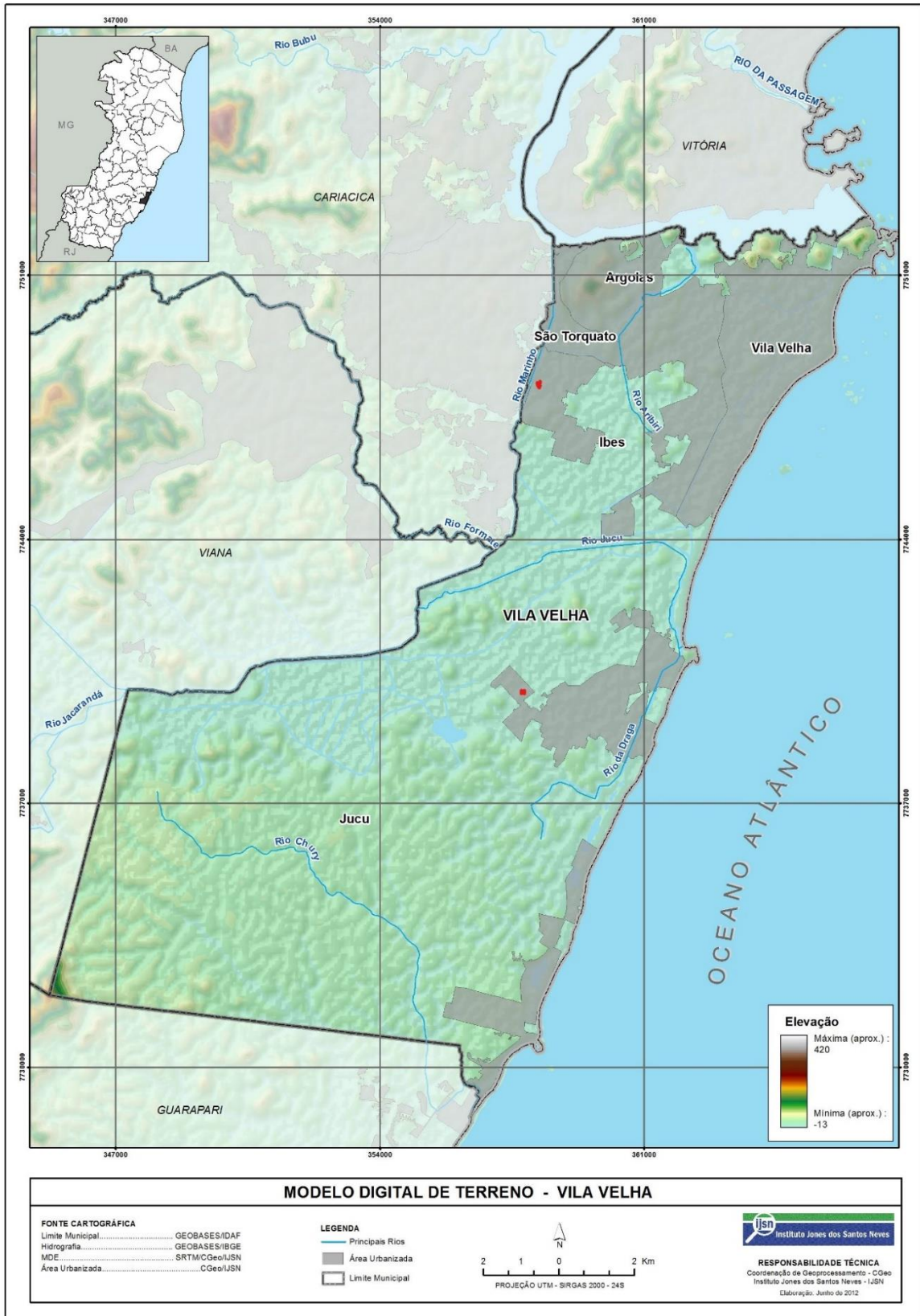
Sendo assim, os alagamentos fazem parte do cotidiano dos estudantes, sobretudo os da escola da região IV, que se localiza na grande Cobilândia. Este bairro está no limite do município de Vila Velha com Cariacica, sendo o rio Marinho o limite municipal.

Figura 3 - Mapa das regiões de Vila Velha



Fonte: Secretaria Municipal De Planejamento, Orçamento e Gestão, Vila Velha, 2013.

Figura 4 - Mapa do terreno de Vila Velha



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves. Modificação realizada por Gabriel Lecoque.

O município de Vila Velha tem uma área de 210,225 km² (IBGE, 2022), sendo o segundo mais populoso do estado, com 508.655 mil habitantes (estimativa do IBGE para 2021), atrás apenas do município de Serra, com população estimada em 536.735 mil habitantes (estimativa do IBGE para 2021).

Por organização administrativa, o município de Vila Velha é dividido em 05 Regiões Administrativas, sendo as Regiões I e II as mais valorizadas economicamente. A Região I possui bairros em praias famosas e os terrenos mais caros, como Praia da Costa e Praia de Itapuã e, além disso, os bairros comerciais, Centro e Glória. Já a Região II possui bairros mais requisitados para moradia, mas que dispõem de comércio forte, como Santa Mônica e Novo México.

A Região III, também conhecida como Grande Aribiri, era a região mais movimentada e atrativa para empregos no século XX, devido às proximidades com o Porto de Vitória (FRINHANI, 2005). Os bairros como São Torquato e Paul possuem um grande número de habitantes e empresas instaladas. Até os anos de 1970, nessa região ocorria a ligação entre Vitória com a Ponte Florentino Avidos, conhecida como Cinco Pontes, (ponte de São Torquato, Vila Velha – Ilha do Príncipe, Vitória). Em 1989 é inaugurada a Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça, conhecida com 3^a ponte, que liga Vitória a Vila Velha (na Região I).

A Região IV, também conhecida como Grande Cobilândia, possui bairros como Cobilândia, Jardim Marilândia e Vale Encantado. Por ela passa a Avenida Carlos Lindenberg (Figura 5), uma das mais importantes do município, além do Rio Marinho, muito poluído, e as questões relacionadas aos constantes alagamentos.

Figura 5 - Rodovia Carlos Lindenberg. Ao fundo o Moxuara



Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, a Região V, também conhecida como Grande Terra Vermelha, possui bairros como Barramares, Jucu, Ponta da Fruta e Terra Vermelha. Por ela passa a Rodovia ES-060, também conhecida como Rodovia do Sol (Figura 6), com muitos rios, lagoas e areais (motivo de disputa, especulação imobiliária e crime ambiental), sendo a região que faz limite com a zona rural do município.

Figura 6 - Rodovia do Sol, próximo à ponte Waldyr Zanotti sobre o Rio Jucu



Fonte: Acervo pessoal.

A escola da Região IV fica próxima ao rio Marinho, que abrange uma bacia hidrográfica de 35,79 km² (SARTÓRIO, 2015, p. 12), com nascentes nos morros dos municípios de Cariacica e Vila Velha e com foz na baía de Vitória, sendo uma área de conurbação¹² de grandes fluxos de pessoas e mercadorias, principalmente pelas empresas instaladas no bairro. Neste contexto, considera-se que os estudantes veem o rio, infelizmente, muito poluído pelo esgoto urbano, a poucas quadras da escola, e

¹² Junção de cidades com seus arredores, necessitando um planejamento urbano que considere esse fenômeno.

alguns alunos o atravessam por ponte para chegarem na escola, por morarem no município vizinho.

No que tange às informações sobre projetos de valorização do rio junto aos estudantes ou a percepção das fontes de água, não há projetos neste sentido, o que há são melhorias por parte de dragagem de rio e o grande programa Águas Limpas¹³, algo mais voltado às macropolíticas de Estado, que não é o objetivo da nossa discussão.

Já a escola da Região V tem o Rio da Draga e o Rio Jucu nas suas proximidades, mas, apenas pequenos córregos passam pelo bairro Morada da Barra. Os dois rios citados se unem já próximos à foz e deságuam no Oceano Atlântico, na altura do bairro Barra do Jucu, a cerca de 5 km da escola, e a alguns poucos quilômetros da UMEF da Região V. Já na zona rural temos a lagoa Jabaeté.

Para facilitar a localização, no segundo mapa anteriormente mencionado (Figura 4), foram marcados em vermelho o local aproximado das escolas, tendo a diferenciação por um ponto ser próximo ao rio Marinho. Outro local de investigação da pesquisa é a lagoa Jaguarussú nas proximidades da UMEF da região V, apelidada de lagoa da rua do Isocil (uma empresa local).

2.2 NOSSAS IMAGENS NARRATIVAS

Após um semestre letivo, nos meados de 2022, os *praticantes pensantes* do 6º e 8º anos das duas unidades escolares de Vila Velha foram instruídos a realizarem um trabalho que consistia em conversar com os familiares sobre as histórias e mudanças do bairro, suas relações com o rio Jucu e Marinho, sobre os alagamentos e enchentes, assim como outras problemáticas ecológicas. Já havíamos conversado sobre realidades locais a partir do livro didático, de filmes de como as cidades se

¹³ O Programa Águas Limpas é realizado pela Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) e reúne um conjunto de empreendimentos para ampliar o abastecimento de água e os serviços de coleta e tratamento de esgoto na Grande Vitória e no interior do Espírito Santo.

verticalizam, como é o caso da metrópole de Nova Iorque, e para essa conversa exibimos o filme Vingadores (2018).

Contudo, agora o momento consistia em abordar e conversar acerca da realidade local dos estudantes. A proposta pedagógica foi de que os estudantes conversassem com seus familiares sobre suas memórias e relações com o Rio Jucu, no caso dos que residem na Região V, e com o Rio Marinho para os que residem na Região IV.

Ainda foi dito que não se limitassem ao exemplo, tanto que alguns estudantes falaram de rios diferentes, lagoas, sobre desmatamento, melhorias do bairro, luta da comunidade em favor das árvores e outros assuntos relacionados. Junto ao que é dito sobre os bairros das que fazem parte da comunidade escolar dos estudantes das duas unidades escolares de Vila Velha, há também a pesquisa do professor com fontes de profissionais das unidades escolares, familiares, órgãos públicos, organizações não-governamentais e trabalhos acadêmicos.

Para facilitar, algumas perguntas, no sentido de orientar a atividade, foram anotadas no caderno, sendo elas: Você mora no bairro há quanto tempo? Você conhece algum rio ou lagoa da região? Se sim, costuma frequentar? Você tem algo mais a dizer sobre o bairro?

Ao conversarmos sobre as problemáticas locais, os estudantes narraram os problemas locais como, por exemplo, as melhorias necessárias para o bairro e as lutas da comunidade. Narraram também exemplos de problemas vivenciados em outros lugares, e envolvendo outros rios e lagos.

Essa prática pedagógica possibilitou que eu compartilhasse com as turmas os dados reunidos ao pesquisar nos sites do IJSN¹⁴, do Museu Vivo Barra do Jucu¹⁵ e da Prefeitura de Vila Velha¹⁶ sobre as chuvas, enchentes e alagamentos em Vila Velha, encontrando reportagens e fotografias de chuvas históricas e alagamentos, protestos de moradores e de entidades civis, projetos de dragagem e de paisagismo.

¹⁴ Disponível em: <https://ijsn.es.gov.br/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/rio-jucu/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.vilavelha.es.gov.br/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

Foi dito ainda aos estudantes que escrevessem os relatos, anotassem quem disse, e que, ao compartilhar, escrevessem em primeira pessoa, produzindo, assim, suas narrativas ficcionais. Poderiam ser narrativas escritas ou de outras formas, com veracidade do fato, mas modificando nomes, lugares.

Junto a isto, orientamos que incluíssem imagens, seja foto, reportagem ou desenho sobre o assunto. Alguns estudantes não incluíram imagens e resolveram não fazer desenhos pela dificuldade de expressar o que foi dito em imagem, o que é compreensivo devido à complexidade do que foi relatado ou diante da pouca habilidade em desenhar.

Este trabalho foi desenvolvido com turmas de 6º e 8º ano do ensino fundamental no ano de 2022, com a intenção inicial de que dessem continuidade ao assunto no ano seguinte, contudo, como as turmas não continuaram comigo, como professor, foi desenvolvido um trabalho com as turmas de 2023, de 6º ano. Foi solicitado para estas turmas uma pesquisa sobre rios e lagoas nas proximidades da escola ou da sua casa, contemplando as regiões IV e V de Vila Velha.

No próximo capítulo abordaremos sobre o cotidiano escolar de uma unidade de ensino próximo ao Rio Marinho em Vila Velha, ES e suas *imagensnarrativas*.

3 IMAGENS NARRATIVAS DO RIO MARINHO NOS COTIDIANOS ESCOLARES

A UMEF da região IV fica próxima ao Rio Marinho (Figura 7), os trabalhos foram iniciados em fevereiro de 2022, com apenas uma das quatro turmas de 6º ano da escola. O ano de 2022 era o retorno das aulas presenciais com todos os estudantes (no segundo semestre letivo de 2021, as aulas eram híbridas com revezamentos dos estudantes na escola). Com a pandemia da COVID-19 tivemos nossas vidas afetadas de diversas maneiras e no caso do trabalho pedagógico não foi diferente, aumentando a evasão escolar e distorção idade-série (INEP, 2022). No ano de 2023, os trabalhos também foram com uma turma de 6º ano.

Figura 7 - Foto do Rio Marinho nas proximidades da UMEF da região IV



Fonte: Acervo pessoal.

A região IV possui uma grande população, empresas de grande porte, apesar de ser a região mais conhecida por pontos de alagamentos no município.

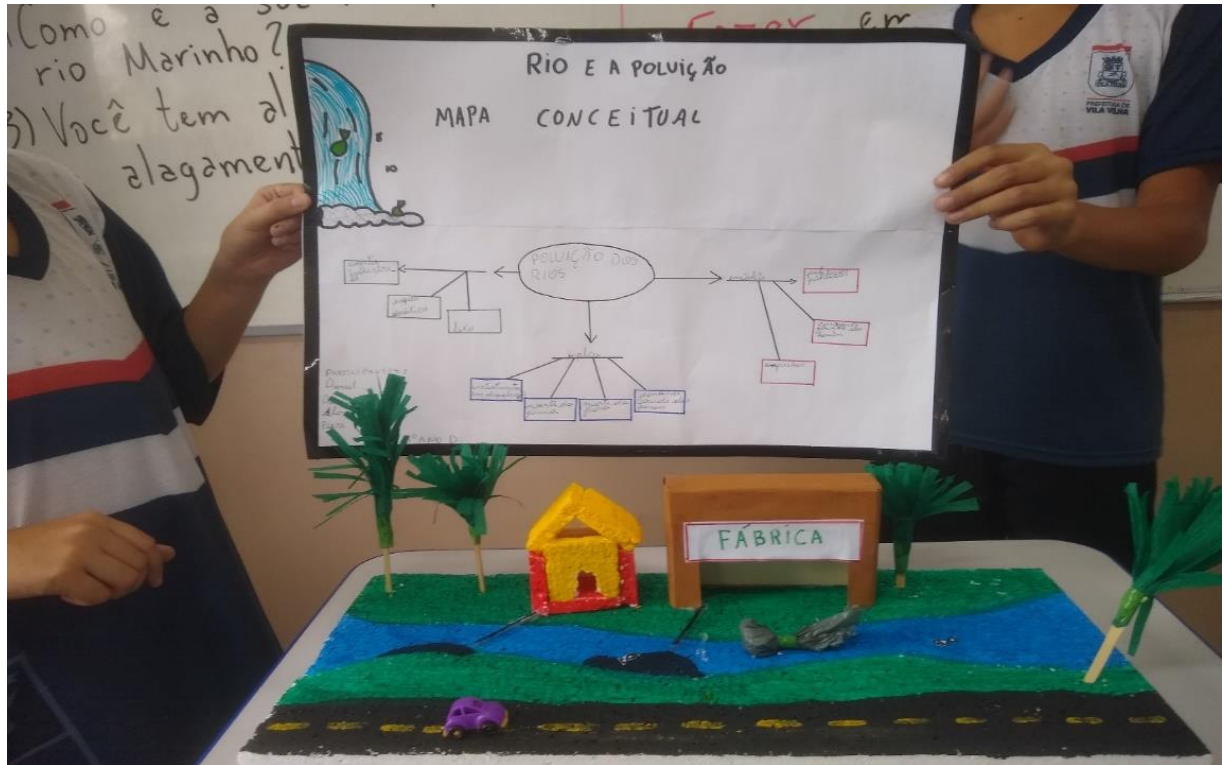
Essa região faz limite com o município de Cariacica, com o Rio Marinho como limite, e a ligação através de pontes pequenas. Nessa conurbação fica difícil distinguirmos os municípios, sendo comum, por exemplo, estudantes da rede municipal de Vila Velha serem moradores de Cariacica e vice-versa.

Nos diálogos com os *praticantespensantes* da UMEF da região IV, o rio Marinho foi muito citado. Em uma das aulas em que abordávamos o assunto de ciclo da água, alguns estudantes questionaram se a água suja ia até a nuvem e depois voltava para a nossa água para beber. Com isso aproveitamos para trazer o assunto para mais próximo da nossa localidade e veio o rio Marinho, que é muito poluído. Segue um trecho da conversa entre os estudantes: “eu passo pelo Rio Marinho todos os dias e vejo coisas jogadas no rio”.

- Meu pai disse que pescava no rio Marinho com o pai dele.
- Meu pai também disse isso.
- Meu tio disse que as pessoas não só pescavam, mas também tomavam banho no rio.
- É possível o rio ficar limpo de novo?
- Acho que isso vai demorar um tempão!

Uma das consequências destas conversas culminou na apresentação de trabalhos com cartazes e maquetes sobre diferentes assuntos dentro do que entendemos como práticas ecologistas em Educação.

Figura 8 - Cartaz e maquete do grupo sobre o Rio Marinho e a poluição



Fonte: Arquivo pessoal

O cartaz e maquete (Figura 8) do grupo sobre o Rio Marinho buscou apresentar o quanto o rio foi impactado por ações humanas, principalmente a partir do aumento populacional na região em meados do século XX, alterando sua aparência e a qualidade da sua água. Nas narrativas dos *praticantes pensantes* deste grupo de trabalho, com componentes que são atendidos pela equipe da Educação Especial da escola, foram abordados um mapa conceitual e narrativas sobre a poluição por meio do esgoto doméstico e industrial, e também a presença de lixo jogado no rio.

Em uma interação com a apresentação foi questionada a presença dos órgãos públicos, como prefeitura e o Estado na situação: “limpar o rio não tem adiantado, fica sujo de novo, as pessoas que não deveriam estar aqui, estar em outro lugar”. Essa narrativa nos lembra que grande parte das ocupações humanas ao longo da história foram próximas aos rios e com zelo, cuidado e interação com as cheias dos rios, entretanto, vivenciamos um processo na sociedade urbano-industrial de negação da existência e a culpabilização dos rios, de modo que nossa sociedade vai se condicionando a não enxergar o rio como rio. Lembremos do que nos disse o pensador

e escritor indígena Ailton Krenak (2022) sobre as modificações dos rios e nossa percepção quanto a isto

[...] pois todos os nossos assentamentos humanos, na Europa, na Ásia, na África, por todos os lados, sempre foram atraídos pelos rios. O rio é um caminho dentro da cidade, que permite se deslocar, embora faça tempo que as pessoas tenham decidido ficar plantadas nas cidades. Nas salas de aula, as crianças escutam que uma das civilizações mais antigas do mundo nasceu no delta do rio Nilo, no Egito, cujas águas irrigavam suas margens, propiciando condições para agricultura – essa ideia civilizatória. Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios (KRENAK, 2022, p. 12-13).

Em outros momentos, existe a culpa de o rio estar onde está, como uma percepção apenas de uso deste “recurso” como é, por vezes, divulgado. Contudo, como salienta Krenak (2022), alguns rios podem ser até navegáveis, como o Marinho já foi, mas fica a pergunta: será que para a lógica capitalista de lucro vale a pena o rio para navegação?

Em outros momentos, a culpa é daqueles que moram às margens dos rios, que escolheram habitar ali, em uma narrativa comumente repetida. Entendemos que, por um processo histórico de inclusão e exclusão, as pessoas habitam em espaços segregados, assim as cidades são transformadas e, por interesses, o espaço geográfico se modifica, pois, “o espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente” (SANTOS, 2000, p. 39).

O Rio Marinho possui aproximadamente 08 quilômetros de extensão, sendo atualmente um canal ligando o Rio Jucu até a baía de Vitória. Supõe-se que o curso natural do rio estava interligado com o Córrego Campo Grande, hoje principal afluente do Rio Marinho (SILVA, 2017).

Com a colonização portuguesa do século XVI e a presença da ordem jesuíta na então capitania do Espírito Santo, o Rio Marinho começou a ter intervenções humanas no seu curso. Refletindo sobre isso, Abe (1999, apud SILVA, 2017, p. 36) narra características originais do rio:

o curso do rio era, originalmente, sinuoso e indeciso, percorrendo as planícies alagáveis com formação predominante de argila – também sendo encontrados areias, cascalhos e materiais orgânicos – e ocupados por vegetação de mangue. A alternância de águas doces e salgadas propiciou a

formação de um rico ecossistema, com espécies aquáticas que serviram de subsistência para importantes contingentes humanos que viviam em suas margens.

As modificações jesuítas no Rio Marinho tinham como principal objetivo a interligação dos rios Jucu e Marinho para facilitar o escoamento de produção da fazenda Araçatiba (localizada no município de Viana, vizinho do município de Vila Velha) até o Colégio São Thiago (atual Palácio Anchieta) e a vila de Vitória. Estas modificações do período colonial do Brasil eram suficientes para abastecer a atual capital do estado do Espírito Santo, pois até meados do século XIX era uma pequena vila restrita ao núcleo urbano inicial da ilha (SILVA, 2017, p. 38), a fazenda Araçatiba, contudo, no século XVI, é descrita como a maior fazenda da costa brasileira, “com cerca de 852 serviçais no seu trabalho, entre negros, escravos e índios” (BALESTRERO, 1979, p. 69 apud SILVA, 2017, p. 38).

Nas fontes pesquisadas, encontramos um silenciamento e apagamento histórico acerca da presença dos povos originários que habitavam a atual Região IV de Vila Velha. Os primeiros registros de ocupações humanas por meio de loteamento ocorrem no século XIX, com intensificação de construções de residências e formações de bairros nos anos 1970, alguns até anteriores, incluindo o bairro Cobilândia, que dá nome à região.

As primeiras habitações na região do atual bairro de Cobilândia remete a dois séculos atrás quando ali se encontrava uma vila próxima ao rio Marinho. Esta vila veio a se tornar uma fazenda chamada Fazenda Cobi, que, em setembro de 1951, com a construção da Rodovia Carlos Lindemberg, se tornou um bairro e passou a se chamar Cobilândia (SARTÓRIO, 2015, p. 51).

Ainda segundo Sartório (2015), houve um grande adensamento populacional na bacia do Rio Marinho que abrange boa parte da região IV de Vila Velha. Isso ocorreu por incentivo governamental, com construções de vias de acesso, como a Avenida Carlos Lindemberg, e loteamentos, apesar da classificação do uso e ocupação da terra para o ano de 1978 apresentar um incipiente processo de adensamento populacional na porção central e superior da bacia (SARTÓRIO, 2015, p. 57).

Aliados a este adensamento populacional aumentado nos anos 1970, não foi realizada uma infraestrutura que comportasse o número de habitantes e as modificações nas

proximidades com o Rio Marinho. Como consequência, os relatos de enchentes e inundações são recorrentes no fim do século XX e início dos anos 2000.

[...] problemas de drenagem urbana e inundação, reforça que estes fenômenos indesejáveis no meio urbano são consequências da intervenção humana no meio natural, destacando-se, dentre elas, a instalação de estruturas urbanas, aliadas à falta de planejamento e fiscalização (D'ÁVILA, 2017, p. 73).

O Rio Marinho também foi representado no trabalho de uma dupla (Figura 9) que, em sua maquete, representou a poluição no rio e em suas falas citaram:

- Fizemos o rio Marinho poluído, pois assim que o vemos, com a água nessa cor.
- Fizemos um mato, mas não colocamos casas.
- Mas as casas interferem no rio. Muito lixo e esgoto.

Figura 9 - Maquete rio e poluição feita pela dupla



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10 - Reportagem¹⁷ do jornal A Tribuna

A TRIBUNA VITÓRIA, ES, SEXTA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 2011

Reportagem Especial



VISTA GERAL DE VILA VELHA na década de 60. Alagamentos em vários bairros. Situação continua crítica no município, que ontem decretou situação de emergência por causa da chuva

CHUVA

Nada mudou depois de 40 anos

Moradores de Vila Velha reclamam que o município sofre com alagamentos desde a década de 60. Prefeito decretou emergência

Não é de hoje que o problema dos alagamentos acontece em Vila Velha. Fotos da década de 60 já mostravam a área que vai do Centro à Praia da Costa alagada, após uma enchente que atingiu a região.

O vice-presidente da associação de moradores da Praia da Costa, Gilson Pacheco, disse que chegou ao bairro em 1967 e já presenciou muitos alagamentos, principalmente nos últimos anos.

"No início da década de 60, tivemos a grande enchente, mas o dique do rio Jucu foi feito na época para melhorar o problema. Depois da ocupação da região e do asfalto, a situação piorou. Sempre que chove, a região de Itapoá fica de baixo d'água", contou.

O aposentado João Cabertino, 76, mora em Itapoá e também lembra da enchente que atingiu Vila Velha na década de 60.

"A região da Praia da Costa era deserta ainda. Investi em Itapoá, achando que o alagamento nunca mais iria acontecer. Agora, toda vez que chove ficamos ilhados."

O município de Vila Velha foi o mais afetado pela chuva de ontem, com cerca de 1.500 pessoas desalojadas, algumas encaminhadas para abrigos. Houve o apoio também do Exército e Corpo de Bombeiros e o prefeito Neucimar Fraga decretou estado de emergência.

Segundo o balanço da Defesa Civil, em Vitória, 10 pessoas foram desalojadas em Jesus de Nazaré e uma família moradora de Forte São João ficou desabrigada.

Em Cariacica, ocorreram desalojamentos em Tatum e Liberdade. Em Nova Brasília, a marquise de uma padaria desabou por volta de 20h30. Uma adolescente estava próxima ao local e machucou o pé. O imóvel foi isolado e a Defesa Civil vai enviar um técnico para avaliar a situação.

A Defesa Civil de Viana não registrou casos graves, apenas alagamentos pontuais em algumas ruas e na BR-262.

O QUE DIZ O PREFEITO

“Esse tipo de obra de drenagem não é feito em quatro ou cinco meses. É demorado. Precisamos de investimento de R\$ 500 milhões**”**

Neucimar Fraga, prefeito de Vila Velha



Aeroporto fechado e BRs interditadas

O aeroporto de Vitória ficou fechado por uma hora e meia no início da manhã de ontem. Depois das 10h20, voltou a funcionar, operando por instrumentos.

A situação gerou filas e bate-boca. Segundo a assessoria de imprensa da Infraero, 14 voos foram cancelados, 12 só pela manhã.

Durante a tarde, oito voos atrasaram.

O grande volume de chuvas afetou também as rodovias. Na ES-261, uma ponte de madeira foi levada pela água, no sentido Laranja da Terra-Itarana. Outra ponte caiu no quilômetro 38 da ES-482, em Jerônimo Monteiro.

Já na ES-464, a pista se rompeu entre Itaguaçu e Baixo Guandu e foi interditada.

Entre os trechos federais mais perigosos estão os quilômetros 79, 80 e 81 da BR-259, em Colatina, onde há erosão, e entre os quilômetros 288 e 294 da Rodovia do Contorno, que está em obras.

TEMPORAL EM VITÓRIA

Queda de encosta

A casa da aposentada Erita Ribeiro Poza, 56, em Jesus de Nazaré, foi interditada pela Defesa Civil ontem, mas ela se recusou a deixar o local. Uma encosta desmoronou, levando um pedaço de uma árvore e uma caixa d'água. Tudo foi parar dentro da área de serviço de uma vizinha de Erita, que também teve a casa interditada.



TRÂNSITO parado por causa da chuva na avenida Luciano das Neves

Fonte: Acervo do IJSN.

¹⁷ Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160706_aj13819_rios_geral_.pdf. Acesso em: 08 jan. 2023.

Outro problema enfrentado por moradores de Vila Velha, principalmente da Região IV, são as constantes enchentes e alagamentos, inclusive impedindo dias letivos nas escolas. Na reportagem é informado que o problema é antigo. É apresentada uma imagem da década de 1960, sendo que a reportagem (Figura 10) é de 2011. Também tem um trecho com uma promessa do então prefeito, Neucimar Fraga. Atualmente, a situação da região melhorou com dragagem e outras obras.

Figura 11 - Reportagem¹⁸ do jornal A Gazeta

Ao completar 33 anos, Cobilândia não tem muito o que comemorar

Benício Gonçalves: morador mais antigo e responsável pelo loteamento do bairro

O vice-prefeito de Vila Velha Aucélio Sampaio culpa as imobiliárias pelos problemas de Cobilândia

Ninho: acostumado com os problemas

Em Cobilândia moram três vereadores de Vila Velha e o vice-prefeito do município, sem contar com o deputado estadual Hermes Laranja, que passou a maior parte de sua infância no bairro. Em consequência disso, seria fácil imaginar que a localidade é bem assistida em relação às obras de infra-estrutura. Mas a realidade é muito diferente: ruas sem calçamento, falta de segurança e uma rede de esgotos deficiente caracterizam Cobilândia. Assim, durante os três dias da festa, que começa hoje, os moradores provavelmente irão tentar, mais uma vez, esquecer os problemas do bairro do que propriamente comemorar sua fundação.

SEM LAZER

Jogos e shows na programação da festa do bairro

A maioria das ruas está em péssima situação

Benício Gonçalves, morador antigo do bairro

Aquela era a segunda vidraça quebrada em menos de um mês pelo mesmo homem.

Heritado, "seu" Benício chamou uma radiopatrulha, que levou o "agitador" preso. Eram 10 horas, começava a se acalmar com o episódio para vasculhar em seguida seu arquivo na tentativa de encontrar alguns papéis que pudessem ajudá-lo a contar a história de Cobilândia.

Aos 81 anos, "seu" Benício, dono de uma imobiliária conta que, o pai do deputado Hermes Laranja foi quem começou a vender lotes na localidade há 33 anos atrás. Ao contrário do vice-prefeito de Vila Velha, Benício Gonçalves acha que o bairro evoluiu muito.

—Nosso bairro é um dos mais bem urbanizados. Está certo que necessitamos de calçamentos em várias ruas, mas as melhorias foram notórias. Aqui não falta água e luz e o transporte é muito bom. Muitos prefeitos têm reclamado que eu fiz ruas muito largas, mas elas são benéficas, já que nunca haverá problema de trânsito. Isso é uma conveniência do futuro.

Benício Gonçalves revela ainda que, no início, incentivava as pessoas a construírem suas casas. "Eu só não admitia era a construção de barracos. Mas para quem construiu sua casa dentro de seis meses, havia 50 por cento de desconto do preço total do lote".

Na opinião de Aucélio Sampaio, são justamente as imobiliárias as responsáveis pela falta de infra-estrutura do bairro. Ele não concorda com o relato de Benício Gonçalves. "Os loteamentos do bairro foram feitos de qualquer maneira. Agora, o interessante seria que houvesse uma reunião entre os donos de terras, o prefeito e o governo do Estado para que Cobilândia fosse melhor assistida".

Avellino Cobe Peres, mais conhecido como Nininho, proprietário de uma oficina mecânica no bairro, mora em Cobilândia há 25 anos. Quando Nininho chegou ao bairro praticamente só existia maio em volta de sua casa. Apesar de admitir os problemas do bairro, o mecânico acha que não é preciso mudar nada: "está bom assim mesmo".

Ele lamenta principalmente a falta de um campo de futebol em Cobilândia, já que o único que existia foi doado para que fosse construído a sede do Sesi. "No final de semana a coisa fica difícil. O jato, no verão, é fe para a praia e deitar o tempo correr". A rede de esgoto, na opinião de Nininho, também faz muita falta. (A.M.)

ter perdido as esperanças de que o problema seja solucionado. "Mem é preciso dizer que os jovens são de famílias carentes e que, na certa, só cumprirão a primeira fase de seus estudos, pois sair de Cobilândia para continuar frequentando o colégio em outro local se torna praticamente impossível para moradores que passam necessidades durante o ano inteiro".

Mesmo sendo um dos maiores bairros da Grande Vitória, Cobilândia não possui uma única área de lazer. Nem mesmo um campo de futebol é encontrado na localidade. No bairro existe uma área de esporte e lazer do Sesi, mas este espaço é destinado somente a seus associados.

O Cobilândia Futebol Clube, único clube social da região, promove, nos finais de semana, uma pequena programação, tentando atender a todos os moradores. No sábado é realizada uma seresta, no sábado é promovido o Baile dos Corais e o domingo é reservado à juventude para o som discoteque. Quem procurar mais alguma coisa para fazer no final de semana, além dos bailes, na certa não encontrará, a não ser, é claro, que seja seguidor de alguma religião: igreja é que não falta no bairro.

Na tarde da última terça-feira, um homem escuro e forte, aparentemente alcoolizado, acabara de atirar uma pedra que quebrara a vidraça de "seu" Benício

A população de Cobilândia, que passa dos 50 mil habitantes, é formada em sua maioria de pessoas vindas do norte do Estado, principalmente de Itaguaçu e Santa Teresa. Se o bairro é carente de quase tudo, na certa isto não se deve à sua pouca influência junto às autoridades competentes. Afinal, moram ali, o vice-prefeito de Vila Velha, Aucélio Sampaio, três vereadores do município, além do deputado estadual Hermes Laranja, que foi criado no bairro.

O próprio vice-prefeito de Vila Velha, Aucélio Sampaio, não esconde os problemas de Cobilândia. Para ele a situação, "realmente, é caótica", já que ali não existe qualquer obra de saneamento básico.

"Nossos problemas vão desde os simples atores na maioria das ruas até a falta de segurança. Temos apenas uma delegacia onde mal cabe um soldado. Para você ter uma idéia, às vezes somente o delegado está na delegacia, mas se alguém precisar dele, nada poderá ser feito, pois nem carro existe no local".

Cobilândia possui sete colégios de 1º grau, mas nem um do 2º. E essa reivindicação já foi feita várias vezes pelos moradores, que, simplesmente, admitem

A maioria das ruas está em péssima situação

Jogos e shows na programação da festa do bairro

A pesar de todos os problemas do bairro, os moradores de Cobilândia prometem tentar se esquecer deles durante os três dias de festa que comemorará a fundação de Cobilândia. A programação, que começará hoje e irá até domingo, é a seguinte: Hoje, às 8 horas, início do desfile escolar; às 10h30m, largada da corrida olímpica da integração; às 12h20m, chegada dos atletas participantes da corrida olímpica da integração com a tocha olímpica; às 13 horas, início dos jogos esportivos interestaduais; às 19 horas, apresentação da banda da Polícia Militar; às 20 horas, show com artistas da Grande Cobilândia e às 21 horas, apresentação da banda de Congo da Barra do Jucu.

Amanhã, às 8 horas, renício dos jogos esportivos interestaduais; às 19 horas, roda de samba com a participação de pupadores de samba, blocos e batatas de escolas de samba de Vila Velha; às 21 horas, apresentação dos conjuntos Espírito Samba e Segura Samba e às 22 horas, apresentação da Dupla da Montanha de Domingos Martins.

Domingo, às 8 horas, corrida rústica aberta à comunidade; às 10 horas, início da apuração dos resultados finais da ginástica; às 16 horas, show infantil com a participação da Bandinha do Circo Rataplan e do Tremzinho da Alegria; às 18 horas, entrega de troféus e medalhas aos vencedores dos jogos esportivos interestaduais, ginástica e torneos de futebol; às 19 horas, entrega dos prêmios aos vencedores do concurso de seleção; às 19h30m, espetáculo pirotécnico; às 21 horas, apresentação do cantor Lulu.

Fonte: Acervo do IJSN.

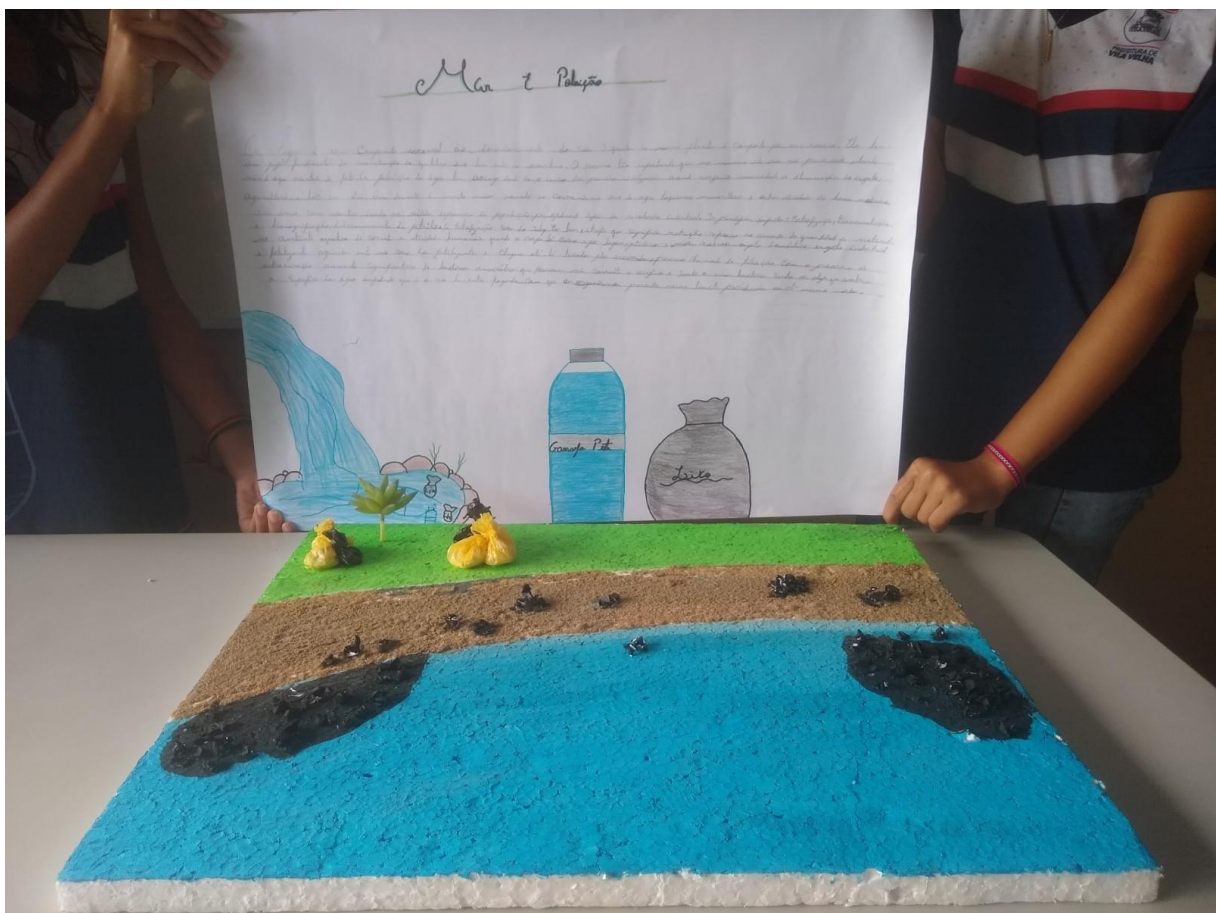
Em outra reportagem (Figura 11), do jornal A Gazeta de 1984, é falado sobre os problemas do bairro Cobilândia, o principal da Região IV. A principal queixa é a falta de infraestrutura. Também é citada a falta de segurança, o processo de loteamento e

¹⁸ Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20170223_a17884_bairro_cobilandia_vilavelha.pdf. Acesso em: 08 jan. 2023.

o aumento populacional, sendo feita a denúncia de Benício Gonçalves: “Os loteamentos do bairro foram feitos de qualquer maneira [...]”, e assim percebemos o problema crônico de infraestrutura.

Já outra dupla utilizou seu cartaz e maquete (Figura 12) para narrar sobre o fim do curso do rio que, na sua foz, despeja este esgoto e poluição na baía de Vitória. A baía de Vitória é composta principalmente pela foz do Rio Santa Maria da Vitória, mas também recebe águas de outros rios,¹⁹ como o Rio Marinho.

Figura 12 - Cartaz e maquete da dupla sobre mar e poluição



Fonte: Acervo pessoal

Em sua explicação, os *praticantespensantes* disseram da importância dos mares e dos animais, como foi dito: “existe um grande número de animais no mar, e com a água poluída, eles ficam doentes e morrem”. Lembremos que na foz da maior parte

¹⁹ Segundo Silva (2017), esses rios são: Santa Maria da Vitória, Bubu, Itanguá, Aribiri e da Costa, além de cursos d'água menores com nascentes localizadas na ilha de Vitória.

destes rios e ao redor da baía de Vitória encontramos manguezais, com algumas comunidades envolvidas historicamente com o morar, pescar e cozinhar.

Os manguezais são importantes ecossistemas que envolvem humanos e outras coletividades vivas e não vivas que dependem e interagem entre si, sendo um espaço a ser preservado, e mesmo com a lei, sofre degradação nos municípios que compõem a baía de Vitória, mostrando um desafio socioambiental contínuo.

As áreas de manguezais da Baía de Vitória estão configuradas como Unidades de Conservação desses municípios, organizadas pela Lei 9.985/2000, que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), constituindo o Mosaico de Áreas Protegidas do Manguezal da Baía de Vitória, cobrindo uma área de 3.300 hectares (GONZALEZ, 2013, p. 20).

Apesar de as lutas comunitárias de resistências de espaços manguezais, em algumas áreas, como do Rio Marinho a poluição é tão grande que poucas espécies de animais resistem, e impede, a citar, a prática de pesca, dentre outras.

Continuando no contexto de mar e poluição, um *praticantepensante* fez uma maquete (Figura 13) muito interessante que gerou rapidamente muitas perguntas antes mesmo de sua apresentação. Interrogações como: que lugar é esse? Que homem é este no barquinho?

O *praticantepensante*, em sua apresentação, disse que a imagem era para mostrar os problemas em outros lugares. Houve uma conversa com a turma dizendo que a imagem mostrava Veneza, na Itália, e alguns conheciam algumas informações sobre a cidade, como disseram: “tem muita água entre as casas”, e ainda “as pessoas se locomovem de barco”.

As *imagensnarrativas* selecionadas pelo estudante mostram sua percepção de mundo e das relações que envolve sua sociedade influenciada. Em sua explicação, foi dito sobre prejuízos para os animais marinhos, a grande quantidade de objetos descartados no mar ou que vão parar no mar.

- Muitos animais engolem plástico. Muito plástico vai parar no mar, garrafas de refrigerante, de suco.
- Até mesmo as baleias?
- As baleias são grandes, mas também faz mal para elas.

Figura 13 - Maquete de um *praticantepensante* sobre o mar e a poluição no contexto global



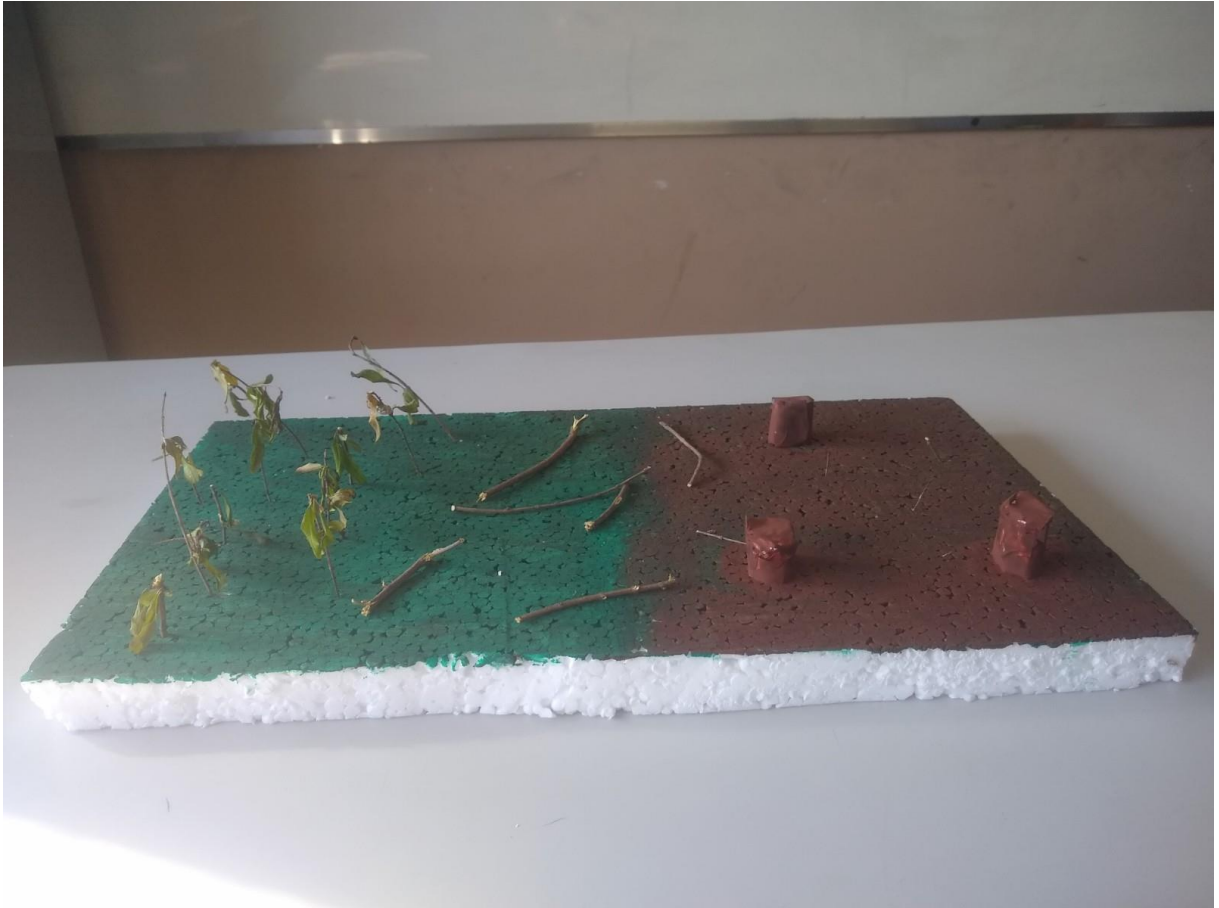
Fonte: Acervo pessoal.

Na região IV, antes da intensificação da ocupação, encontravam-se algumas fazendas e áreas de Mata Atlântica, das quais apenas algumas áreas com árvores resistem, o que também foi tema da apresentação dos estudantes. O desmatamento e os aterros de córregos já alteraram e muito a região que tende a modificar ainda mais.

Na maquete (Figura 14) de outro *praticantepensante*, a abordagem foi um pouco diferente, por timidez ao estar na frente dos colegas, ficou sem jeito de apresentar, o que pode acontecer, mas a incentivamos a falar e a turma foi fazendo algumas perguntas como: o que você quis dizer com a cor verde e a cor marrom? Onde isso pode ocorrer? Quais as consequências? O que foi respondido em conjunto com a turma: que a parte marrom é o desmatamento e também queimadas, e isso pode ocorrer em vários lugares como na Amazônia, no Cerrado (havíamos falado do

Cerrado recentemente) ou perto de nós, e as consequências são a morte de animais, plantas, solo.

Figura 14 - Maquete da *praticantepensante* representando o desmatamento



Fonte: Acervo pessoal.

Aproveitando o momento, foi dito que na região próxima à escola havia Mata Atlântica, floresta, mas a madeira foi retirada para a construção de casas. Foi perguntando se havia árvores nos quintais das casas e a maioria disse que sim.

Figura 15 - Maquete do trio sobre o desmatamento



Fonte: Acervo pessoal.

Um trio de estudantes também representou (Figura 15) o desmatamento e narrou a ação dos madeireiros, que foi representado na *imagemnarrativa* da fogueira e da madeira amarrada por um barbante.

Já uma dupla resolveu representar (Figura 16) no seu cartaz e na maquete a floresta Amazônica, e em sua *imagemnarrativa* dividiu a floresta em antes e depois do desmatamento. A dupla falou sobre alguns dados da Amazônia escritos no cartaz, e sobre a importância de combater o desmatamento, o que aproveitamos para salientar com a turma sobre o combate ao desmatamento no nosso contexto local, na região, no município.

Figura 16 - Cartaz e maquete da dupla sobre o desmatamento na Amazônia



Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, tivemos o cartaz e a maquete (Figura 17) sobre o desmatamento e queimadas de outra dupla que também abordou a Amazônia, mas aproveitamos para comentar sobre o desmatamento no Cerrado, que alguns estudantes lembraram do que lemos no livro didático. Dentre suas falas, foi recordado que o Cerrado chega a ter mais desmatamento que a Amazônia, e no lugar de florestas, há plantações de soja. O que foi visto no livro através de um gráfico.

Na *imagemnarrativa* da dupla vemos o transporte de árvores pelo rio, o que nos fez refletir sobre as águas que deveriam levar vida, levam a morte das árvores em favor dos anseios capitalistas em um contexto global onde não sabem o destino final dessa madeira.

Com a globalização, o que temos é um território nacional da economia internacional, isto é, o território continua existindo, as normas públicas que o regem são da alçada nacional, ainda que as forças mais ativas do seu dinamismo atual tenham origem externa (SANTOS, 2000, p. 38).

Ao Estado nacional caberia olhar para a sua população, contudo, os interesses do neoliberalismo e o alinhamento com negócios lucrativos para as grandes empresas têm ditado as regras econômicas, mesmo que as consequências sejam nocivas.

Figura 17 - Cartaz e maquete da dupla sobre o desmatamento e queimadas

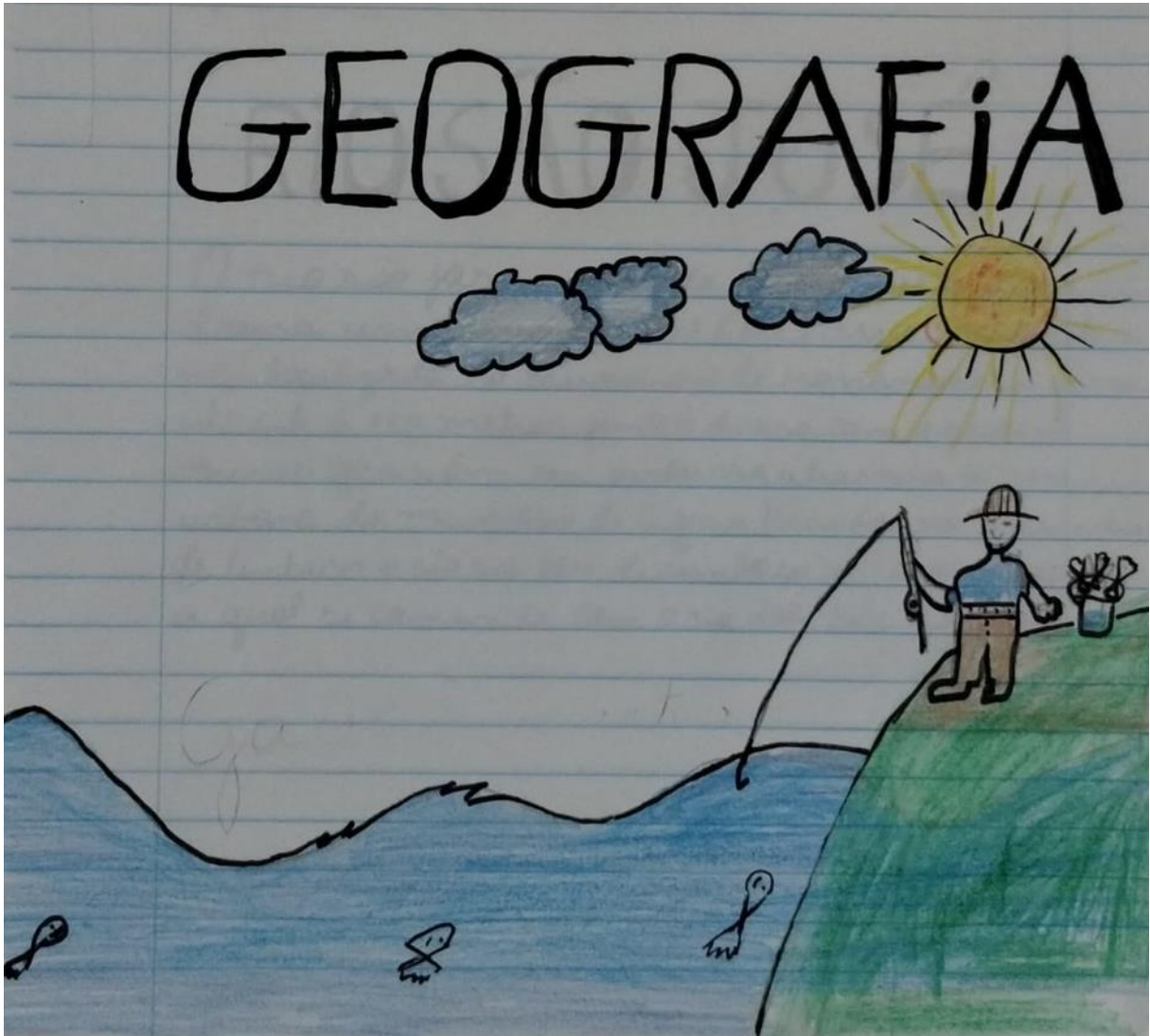


Fonte: Acervo pessoal.

No próximo capítulo, abordaremos o cotidiano escolar de uma unidade de ensino próxima ao Rio Jucu em Vila Velha, ES e suas *imagens narrativas*.

4 IMAGENS NARRATIVAS DO RIO JUCU NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Figura 18 - *Imagem narrativa* da pesca



Fonte: Acervo pessoal.

O início dos trabalhos, como a *imagem narrativa* da pesca (Figura 18), com as turmas na UMEF da região V aconteceram no ano de 2021, no turno matutino, mais precisamente em julho, quando retornamos ao sistema presencial e híbrido, devido à pandemia de Covid-19 que se iniciou em 2020 no Brasil. Eram cinco turmas de 7º ano, que, em 2022, eram compostas, em sua maioria, por estudantes que faziam parte das cinco turmas do 8º ano.

Vale dizer sobre todas as turmas: a pandemia reforçou as desigualdades sociais, realçou os problemas de defasagem aluno-série, com o gargalo de dificuldade básicas

de leitura e escrita, além de organização com a rotina escolar, momentos de recreio, banheiro, limite do material escolar seu e do colega, algo que a dinâmica do cotidiano escolar permite, e não aconteceu por um ano e meio na rede municipal de Vila Velha.

Uma estudante, em sua narrativa, aborda o surgimento do bairro Barramares como um loteamento invadido. As primeiras famílias chegaram em 1991 e, inicialmente, cada lote foi vendido por R\$ 5.000, contudo, em 1994, começaram as invasões, o que foi confirmado em outras narrativas dos estudantes, como a narrativa seguinte: “depois da invasão, as pessoas pegaram os lotes e fecharam um muro para fazer suas casas, mais os lotes perto da rodovia”. A rodovia à qual a estudante se refere é a rodovia ES-388, também conhecida como Estrada Ayrton Senna (Figura 19), que corta alguns bairros da região V de Vila Velha.

Figura 19 - Estrada Ayrton Senna, em um trecho no bairro Barramares



Fonte: Acervo pessoal.

Outra via muito importante é a rodovia ES-060. Essa via tem início na Praça do Pedágio da Terceira Ponte, em Vitória, e vai até o município de Presidente Kennedy, totalizando 164 quilômetros de extensão. Conhecida como Rodovia do Sol, por ligar as praias do Sul do estado, principalmente as famosas praias de Guarapari até Vitória, a rodovia está entregue à iniciativa privada desde 1998, no trecho do Pedágio da Terceira Ponte em Vitória até o município de Anchieta, totalizando 67 km de extensão. Atualmente, a ARSP²⁰ realiza o controle, regulação e fiscalização dos serviços prestados pela Concessionária Rodovia do Sol S.A., Rodosol, que administra e opera o Sistema Rodovia do Sol.

Existe um questionamento na comunidade escolar quanto ao tempo de duração da cobrança desta rodovia, quase três décadas, e o preço²¹, sendo uma barreira de acesso das comunidades mais carentes ao município de Guarapari, seguindo uma lógica de fragmentação dos espaços e, assim, segregando ou dificultando o acesso, algo que não acontece na Grande Vitória, pois “com a globalização, todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas nesta fase da história” (SANTOS, 2000, p. 40).

Outros estudantes abordaram as formações dos bairros, relatando que ocorreu invasão de lotes, e alguns relataram a tentativa de retirada desses moradores, como um estudante, ao dizer que, “em 2015, no final do bairro onde moro, um trator quase derrubou todas as casas da invasão, uma questão de justiça que não sei explicar”. Passando por modificações ao longo dos anos, os estudantes em suas narrativas falam das melhorias e também dos problemas resolvidos e permanentes,

algumas casas são baixas (abaixo do nível da rua) e alagam. Lembro que teve um alagamento, e que aconteceu um pequeno desabamento de uma casa por conta do solo, porque a casa não foi bem-feita, e pela estrutura não suportava três casas (três pavimentos), mas não me recordo quando esse acidente aconteceu.

²⁰ Disponível em: <https://www.rodosol.com.br/rodovia-do-sol/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

²¹ A rodovia possui dois postos de cobrança, um na Terceira Ponte (só para quem vai para Vitória) com o valor de R\$ 2,80 e no limite municipal de Vila Velha e Guarapari, R\$ 12,60; estes valores referentes a carro de passeio. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/12/30/pedagios-da-3a-ponte-e-da-rodovia-do-sol-no-es-ficam-mais-caros-a-partir-de-domingo-1-saiba-os-novos-valores.ghtml>. Acesso em: 13 mai. 2023.

A realidade da região são casas produzidas sem fiscalização e sem equipe técnica e, devido à falta de recursos, os próprios moradores fazem ou ajudam na construção das casas, como relatado por alguns estudantes:

em 2018 uma chuva forte no domingo à noite até segunda-feira causou estragos e confusão em Vila Velha, diversas ruas ficaram completamente alagadas. Vizinhos ajudando uns aos outros, e vários moradores tiveram móveis e eletrodomésticos perdidos devido à chuva. Posto de saúde e escolas tiveram seus expedientes encerrados, um dia difícil.

Na Região V ocorrem tanto problemas de alagamentos quanto de enchentes, contudo, o primeiro é mais comum. Ocorreu a canalização dos rios nos últimos anos. Por ser uma região de planície, com algumas depressões, há também assoreamento nos rios. A Região V possui alguns rios de pequeno porte e também o Rio Jucu, bem conhecido dos estudantes.

O Rio Jucu possui dois braços, Sul e Norte. O braço Sul é o que deságua no bairro com o mesmo nome, Jucu. Este rio possui sua nascente no município de Marechal Floriano e desce de lá recebendo resíduos urbanos que o contaminam. Suas águas também são utilizadas para abastecimento de alguns municípios como Cariacica e Viana pela operadora Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan).

O bairro Jucu (Figura 20) faz parte da Região V, e no bairro e se entorno é tradicional a cultura do Congo. O congo é um estilo musical marcante do estado, que usa principalmente o tambor de congo, a casaca, a cuíca e o bumbo, além de trazer a memória, a cultura e história dos ex-escravizados e seus descendentes, lutas e resistências. Nas palavras de Ramos (2018, p. 12), podemos perceber o congo

como prática de resistência e sua relação com os cotidianos escolares, as mulheres no congo como um modo de re-existir, a perspectiva ecologista de educação como perspectiva ética, política, epistemológica, fundamento das narrativas das mulheres no congo e os cotidianos escolares.

A bela cultura ligada às bandas de congo, patrimônio imaterial²² do estado do Espírito Santo, é encontrado em muitos municípios, como Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória.

²² Assembleia Legislativa do estado do Espírito Santo declara Bandas de Congo patrimônio imaterial. Disponível em: <https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/LEI103632015.html> Acesso em: 13 jun. 2023.

Outro rio da Região V é o Rio da Draga, contudo, é menos conhecido pela maioria dos estudantes. Infelizmente, este rio e seus canais estão com alto nível de poluição, e são vistos como valões por alguns estudantes. O Rio Jucu, que também não está tão perto da unidade escolar, é mais conhecido, por isso aparece mais nas *imagensnarrativas dos praticantespensantes*.

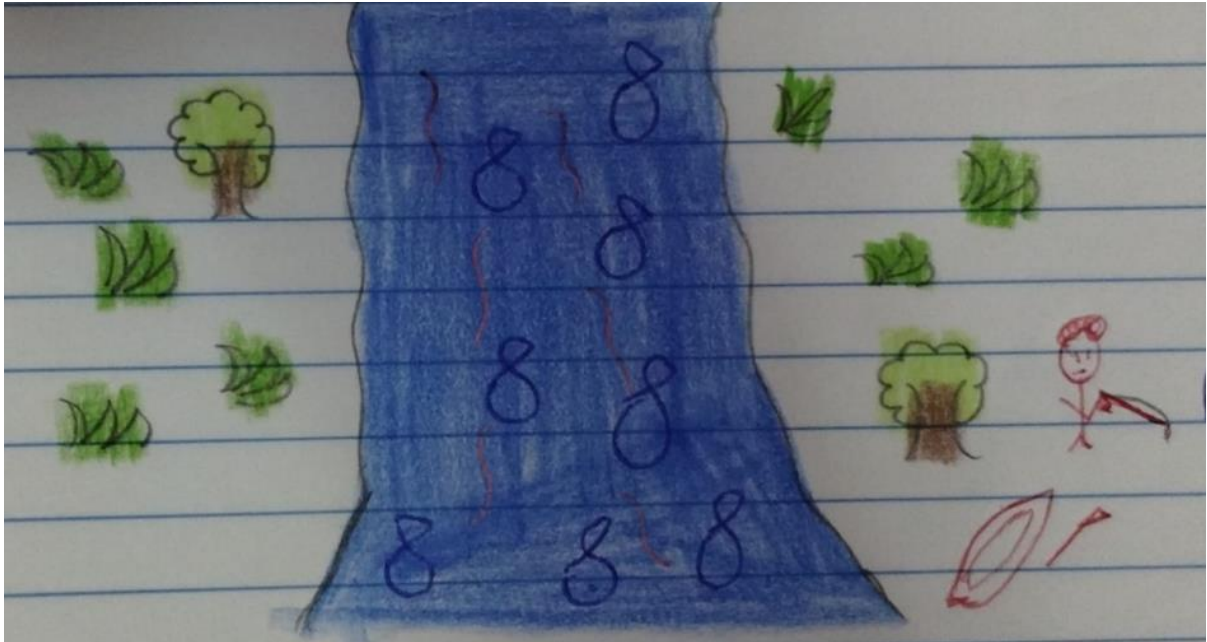
Figura 20 - Foz do Rio Jucu, no bairro Jucu



Fonte: Acervo do professor de inglês Ben Jacob.²³

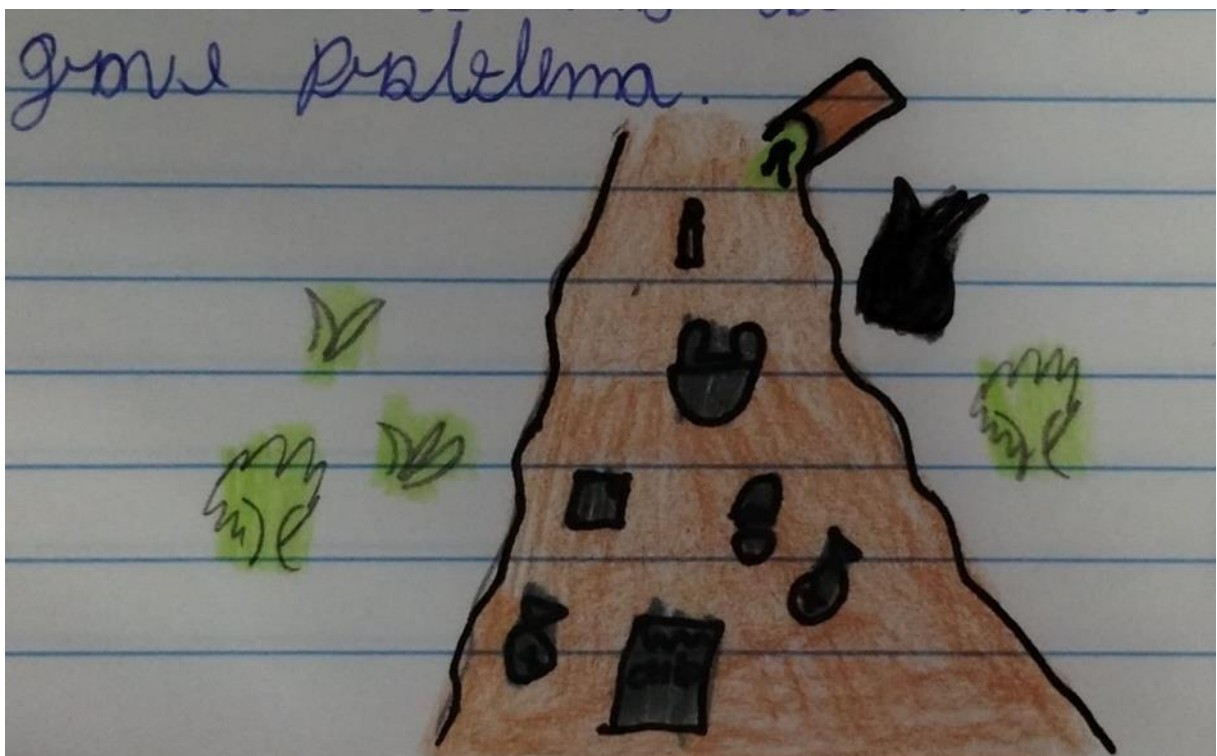
²³ Professor da disciplina de Inglês que atua na rede municipal de Vila Velha, integrado com diálogos acerca da comunidade.

Figura 21 - *Imagemnarrativa* de um *praticantepensante* sobre o Rio Jucu limpo



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 22 - *Imagemnarrativa* de um *praticantepensante* sobre o Rio Juca poluído

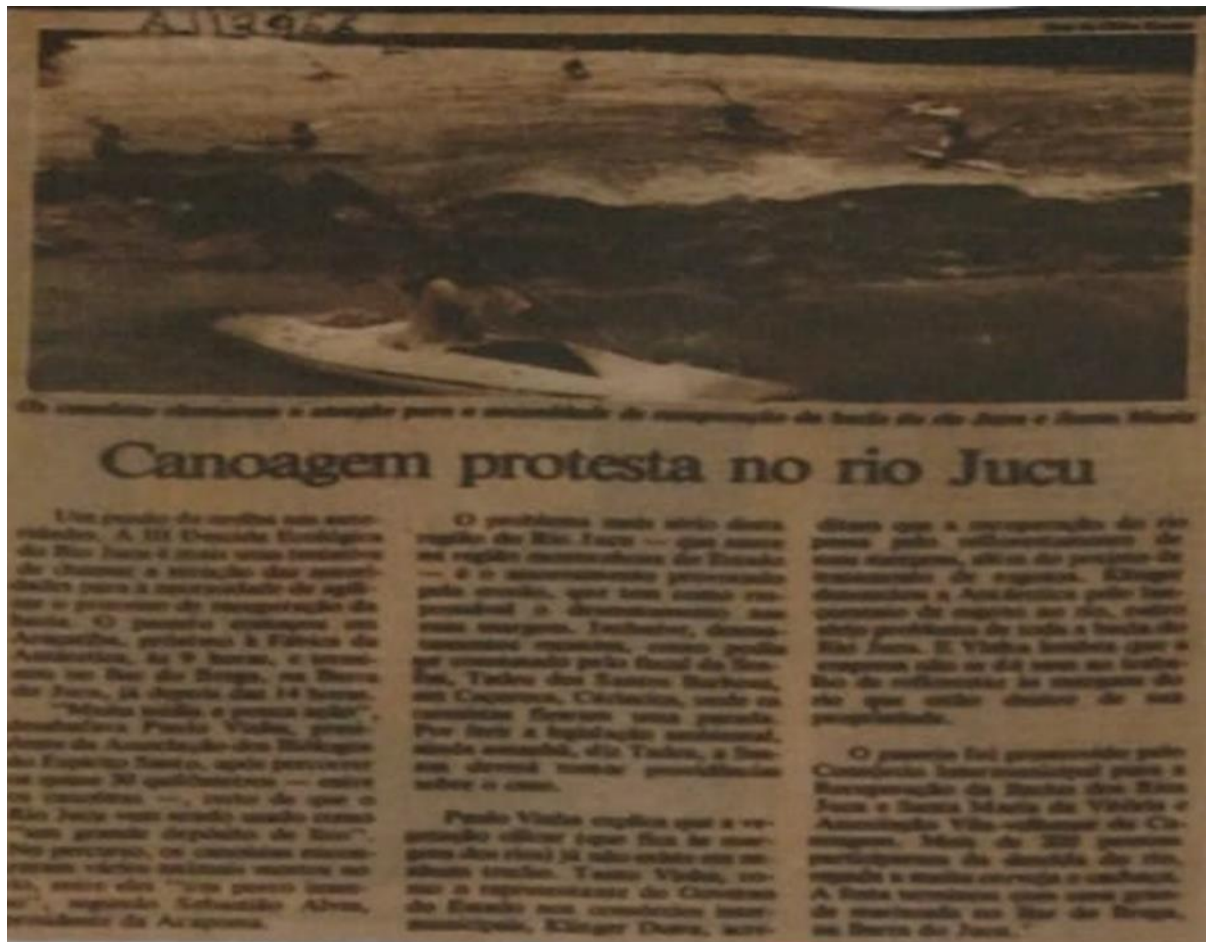


Fonte: Acervo pessoal.

Em suas *imagensnarrativas* (Figura 21 e Figura 22), Breno representou o Rio Jucu em duas situações, um limpo com pesca e mais vegetação e outra com a poluição. Por

conhecerem de perto e de ouvirem de seus familiares, é conhecida a situação do rio e da poluição recebida de resíduos agrícolas, domésticos e industriais, motivo de alerta por parte da população como bem lembrou o Isaque, colando uma reportagem (Figura 23) sobre o protesto com canoagem.

Figura 23 - Imagem retirada do trabalho do estudante Isaque



Fonte: Acervo pessoal

A reportagem não possui data e foi encontrada no site do Instituto dos Santos Neves (IJSN), contudo, entendemos que foi antes de 1993, pois nela o ambientalista Paulo Vinha, então presidente²⁴ da Associação de Biólogos do Espírito Santo, fala sobre a importância de preservação do Rio Jucu. O ambientalista foi assassinado em 1993, devido à sua defesa em favor das ideias ecologistas de preservação ambiental, tanto nas matas quanto nos rios, luta contra a extração de areia (problema recorrente no

²⁴ Conforme informação do Museu Vivo da Barra do Jucu. Disponível em: <https://museuvivodabarradojucu.com.br/project/rio-jucu-descida-ecologica/>. Acesso em: 13 mai. 2023.

município de Vila Velha) e retirada de restinga, e pelo reflorestamento. Em sua homenagem, temos o Parque Estadual Paulo César Vinha,²⁵ com lagoas (Figura 24) e trilhas no limite municipal entre Vila Velha e Guarapari. Como Fernandes (2022) narra, as informações sobre Paulo César Vinha e seu insistente trabalho junto às comunidades locais são raras, contudo a narrativa de luta é encontrada nas areias da região. “Em 1993, Paulo César Vinha foi assassinado a tiros, exatamente por organizar uma frente de protesto contra os extrativistas de areia para construção civil. Essas areias, das áreas fluviais, também têm uma história a narrar” (FERNANDES, 2022, p. 89).

Figura 24 - Fotografia da Lagoa da Coca-Cola no Parque Paulo César Vinha



Fonte: Acervo pessoal.

A fotografia (Figura 24) foi um dia de lazer e na lagoa está Emily, minha esposa, e ao fundo meu irmão Fernando e eu.

Um outro estudante em sua narrativa diz assim:

o bairro tem mesmo pessoas chegando entre 94, 96 (1994 a 1996), as casas eram tudo feito de madeira, sempre alagava quando chovia muito forte, mas agora está melhorando porque começou as pavimentações. A prefeitura tem ajudado com a pavimentação, e uma coisa que chamou atenção são os

²⁵ Com o intuito de preservar uma faixa contínua de restinga, foi criado pelo decreto nº 2.993-N de 1990, com a denominação inicial de Parque de Setiba. Por meio da Lei nº 4.903 de 1994, passou a ser denominado Parque Estadual Paulo César Vinha, em homenagem ao biólogo Paulo César Vinha, morto em 1993, por atuar contra a extração de areia na região.

quebra-molas, placa de trânsito e a segurança melhorou, mas têm coisas para melhorar.

Uma estudante também abordou a questão do alagamento, contudo, tem uma fala muito interessante da percepção do bairro, dizendo:

alagamento só na rua, isso acontece muito quando a rua não era asfaltada, estão iluminando mais as ruas e fazendo pracinhas, e sobre falar algo do bairro, as pessoas julgam muito livro pela capa, quando eu digo o meu bairro as pessoas só pensam pior, não é assim que as coisas funcionam.

A relação de muitos moradores, e aqui se incluem os estudantes e familiares com o bairro, é de um lar e de expectativa de melhorias. Por sua vez, há narrativas contraditórias entre os moradores e moradoras:

Há brigas constantes e prefiro não ter muita intimidade com os vizinhos [...] quando vim morar aqui nesse bairro as situações eram muito ruins porque não tinha asfalto, o tráfico era pior e até muita lama.

Sobre alagamentos é muito difícil citar todos, porque são muitos, e acontecem principalmente em residências que ficam em áreas baixas, mas no decorrer do tempo o poder público tem feito algumas melhorias. O bairro precisa de muito mais, como praça, posto de saúde, pavimentação. Morar no bairro é bom, e certeza que vai melhorar muito com o passar do tempo. Gosto muito do bairro onde moro e acredito na melhoria dele.

O bairro evoluiu muito, água, iluminação, asfalto, o comércio melhorou, eu amo muito ele.

A região V de Vila Velha, também conhecida como Grande Terra Vermelha, é geralmente associada à uma *imagemnarrativa* de uma região com pouca infraestrutura, poucos equipamentos públicos e pobreza, o que é decorrente do processo de exclusão que formou muitos dos bairros que compõem a região. Em falas da comunidade escolar, fica conhecido que muitos dos primeiros moradores eram migrantes de várias cidades do estado e de outros estados, principalmente da Bahia, vindo para a construção civil nos bairros da Orla da região I do município, iniciada nos anos 1990, algo que ainda ocorre.

Contudo, foi ressaltado que muitos bairros possuem associações comunitárias engajadas nas lutas por melhorias, mas infelizmente o estigma ainda persiste, de ser um lugar atrasado, de não ser um local bom para habitar, no contexto da lógica globalizada do espaço.

No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros (SANTOS, 2000, p. 39).

Em uma outra narrativa, uma estudante aborda as mudanças do bairro ao longo dos anos comentando:

minha mãe chegou no bairro em 1999, ela tinha uns oito anos e na lembrança tem imagens de um lixão e muita lama, poucas casas. Enquanto meu pai disse que chegou no bairro em 1997, ele tinha três anos, havia uma escola na região, e apenas uma linha de ônibus, mas também havia menos moradores. Perto da escola, um supermercado, e as ruas tinham areia preta. A prefeitura ajudou muito nas mudanças.

Figura 25 - Imagem de uma reportagem sobre o Rio Jucu do Jornal A Tribuna

Assoreamento do Rio Jucu afeta navegação

A) 13952

Lixo, esgoto e areia prejudicam, principalmente, a atividade dos pescadores

MANUELLA SIQUEIRA

Assoreamento do Rio Jucu está preocupando a população de Vila Velha. Pescadores reclamam da dificuldade de navegar no rio, que está sendo tomado pela vegetação das margens, areia e esgoto.

O secretário da Associação Barrense de Canoagem, Eduardo Pignaton, disse que o rio precisa de uma ação emergencial de retirada da vegetação das margens e de dragagem.

"O Rio Jucu está abandonado. O volume de esgoto jogado sobre ele é muito grande e a vegetação das margens está cobrindo a foz, que está assoreada. Em alguns pontos, as embarcações já não conseguem passar", destacou Pignaton, completando que a última dragagem feita no local aconteceu em 1966.

Dragagem

O pedreiro Romildo Barbosa, 62 anos, conhece bem o problema do assoreamento do rio. "Precisamos esperar a ma-

ré encher para conseguir entrar ou sair. A gente mesmo já chegou a abrir passagem tirando a areia com pá", contou.

Pescador do Rio Jucu desde 1959, Paulo Lima, de 65 anos, acha que o futuro do manancial, um dos responsáveis pelo abastecimento da Grande Vitória, está em risco. "Tem lugares onde não há um metro de profundidade para a embarcação passar", disse.

Abandono

Na foz do rio, na Barra do Jucu, é possível observar melhor a situação; a Prefeitura de Vila Velha diz que não tem projeto para solucionar o problema

A coordenadora de Recursos Naturais da Prefeitura de Vila Velha, Tatiana Cota, informou que o município não possui projeto de dragagem para o rio, mas que a população deve solicitar a obra. "O problema existe, mas é preciso que a população gere essa demanda", disse, prometendo levar o assunto para a Secretaria de Meio Ambiente e Saneamento.

Já o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) informou que o órgão ainda não recebeu qualquer solicitação de dragagem do rio para que seja expedida a licença ambiental. "O que o Iema fez foi intensificar a fiscalização, contratando mais fiscais para evitar ações de desmatamento e assoreamento do rio", disse a gerente de Recursos Hídricos do Iema, Clotilde Benevenuto.



Carlos Alberto de Silva

Fonte: Acervo do IJSN.

A reportagem²⁶ (

²⁶ Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160705_aj13931_riojucu.pdf. Acesso em: 08 jan. 2023.

Figura 25) do Jornal A Tribuna é um exemplo de que não é só a poluição que afeta o Rio Jucu, mas também o assoreamento, como dito na reportagem: “a última dragagem feita no local aconteceu em 1966”. A reportagem é dos anos 2000, mas não é apresentada a data exata.

Outros estudantes também narraram sobre as mudanças ao longo dos anos:

Minha avó disse que havia mangue, e um rio que acabou se tornando um valão e ao encher entrava água dentro das casas, a estrada era de chão, mas tudo está mudado, muitas casas, ruas.

[...]

No bairro onde eu moro é um pouco estranho, era mangue e as pessoas começaram invadir, e marcar seus terrenos, só que a prefeitura quis tirar todo mundo na época. Depois o bairro foi legalizado. Alagamentos acontecem, mas tem uma associação de moradores que vive ajudando quem mais precisa, é uma coisa que melhorou.

[...]

Sim, ganhei minha casa pela prefeitura, pois morei em uma casa de aluguel e esta foi alugada [...] o bairro está ficando mais visado, com mais funções. Gosto de morar aqui. Já moro aqui há 15 anos.

É interessante notar as leituras de mundo dos estudantes e o racismo ambiental e a injustiça ambiental vivida pelas comunidades de áreas periféricas desse capitalismo racializado. Pensando sobre isso, no contexto caribenho, Ferdinand (2022) escreve sobre as diferenças de tratamento para aqueles que viriam a habitar a América, brancos e negros, e sobre terras que seriam habitadas e pensadas para habitação e outras não, que ficam à margem.

Existem terras que são chamadas de “aclimatadas” e outras que não o são. Há casas que são habitações e outras que não o são. Pessoas povoaram essas Ilhas sem, no entanto, serem designadas como “habitantes”, em contrapartida, houve habitantes que residiam apenas raramente em suas habitações (FERDINAND, 2022, p. 48).

O autor ainda continua abordando o habitar colonial, e fala sobre a subordinação geográfica, em um contexto macro, mas que podemos refletir no contexto local entre bairros.

O habitar colonial é pensado como subordinado a outro habitar, o habitar metropolitano, ele mesmo pensado como habitar verdadeiro. Isso significa que o habitar dessas ilhas caribenhas foi concebido apenas sobre a condição dessa subordinação geográfica e dessa dependência ontológica em relação ao habitar metropolitano europeu (FERDINAND, 2022, p. 49).

Ainda temos o relato de outros três estudantes. As suas narrativas falam um pouco mais sobre a Lagoa Jaguarussú e a Lagoa Jabaeté. Em algumas narrativas, os estudantes comentaram sobre as lagoas próximas da escola, mas sem detalhes. Contudo, este primeiro educando em sua narrativa especifica ter frequentado a lagoa Jabaeté, ao dizer: “ia na lagoa com meus primos perto da casa da minha tia, agora não vamos mais, porque cresceu muito mato dentro da lagoa, dizem ter cobra, jacaré e paramos de ir”. Já outra educanda, na sua narrativa diz que utiliza lagoas e rios da região para pescar, mas diz ser perigoso. Este perigoso pode ser entendido devido aos animais, mas também por não ser tão frequentado pensando na lagoa Jabaeté, pois os estudantes que escreveram sobre esta lagoa disseram que era muito utilizada, dando a entender que já foi mais utilizada pelas comunidades ao redor, o que faz sentido com pesquisas realizadas pelos próprios estudantes.

Figura 26 - Lagoa Jaguarussú, bairro Morada da Barra



Fonte: Arquivo da professora de Artes²⁷.

Na narrativa de outro educando é abordada a criminalidade e o aterro realizado na lagoa Jaguarussú (Figura 26), ao dizer: “a lagoa é boa, mas por ficar ‘deserta’ é perigoso, quase ninguém vai mais lá devido ao tráfico (de drogas) e [...] agora está aterrando ruas e também aterrando a lagoa, é muito triste isso”. O “aterrar” ruas ao qual o estudante se refere é quando há um projeto recente de infraestrutura com macrodrenagem quebrando o asfalto, trocando e/ou instalando manilhas de concreto. Contudo, há uma melhoria prometida e também uma elevação do nível das ruas em relação às casas, o que já ocorre em alguns bairros da região, e tende a comprometer nas questões de alagamentos já comentadas.

Também conhecida como Lagoa do Isocil, empresa localizada na rua que dá acesso à lagoa, a Lagoa Jaguarussú (com círculo azul na imagem) tem sido soterrada, um processo iniciado em 2021, que aos poucos tem acabado com memórias. Contudo, é

²⁷ Professora de Artes que atua na rede municipal de Vila Velha. Realiza um trabalho em conjunto com demais profissionais com conscientização ambiental e social.

notório que, quando chove, existe um grande acúmulo de água onde justamente está a Lagoa (Figura 27) e nas suas proximidades, com a rua de acesso (marcada em vermelho) e ruas adjacentes.

Figura 27 - Imagem do Google Maps da Lagoa Jaguarussú, 2023



Fonte: Google Maps, modificado por Gabriel Lecoque.

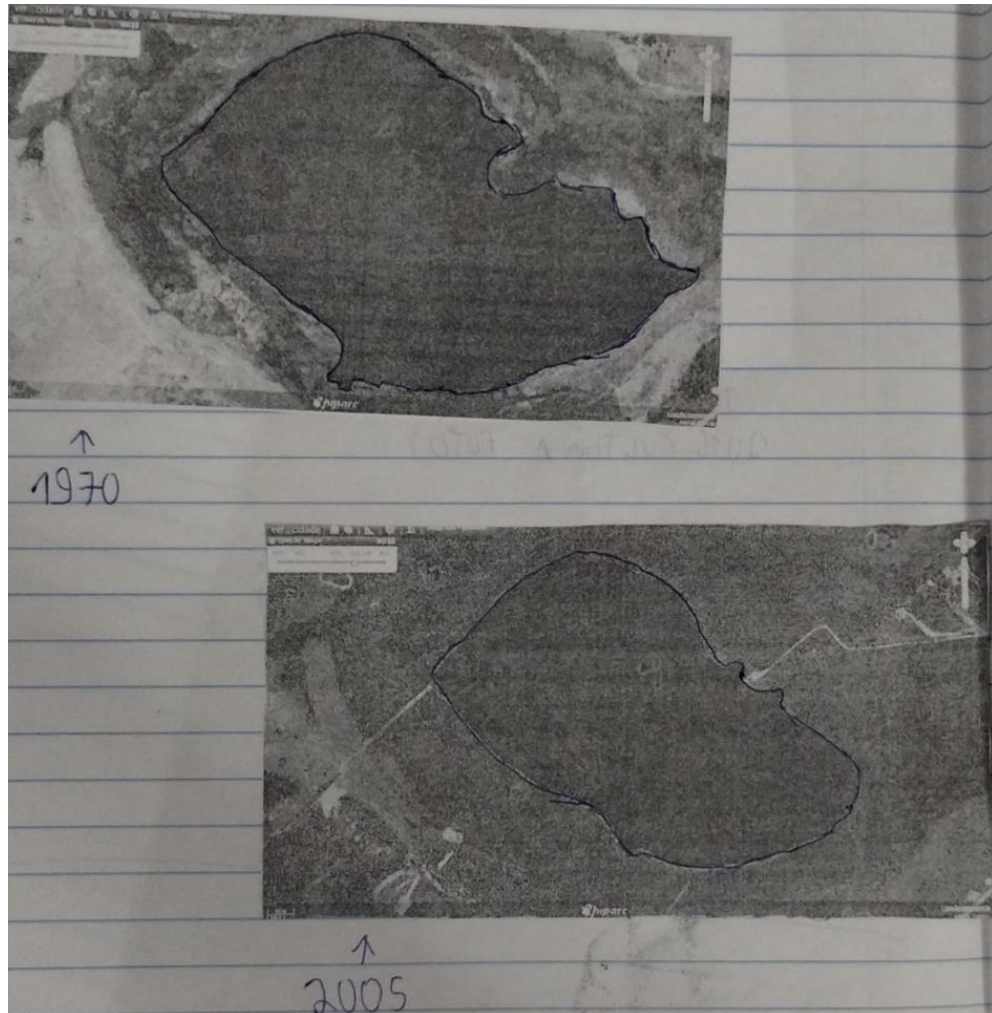
Quanto à lagoa, os estudantes narraram que a mesma está em área particular, sendo frequentada pelas comunidades locais. Nas conversas com moradores, sabemos que a lagoa se formou devido a escavações para extração de areia, algo muito comum na região, porém, há controvérsias e narrativas que indicam que a lagoa é artificial.

Outra lagoa próxima da região IV de Vila Velha é a Lagoa Jabaeté, que foi abordada por alguns *praticantespensantes*, como um que buscou imagens que mostram a diferença entre 1970 e 2005.

Recentemente, o Fórum Popular do município tem lutado por melhorias, incluindo respostas quanto ao Plano Diretor Municipal de 2018, em que a legislação teve mudanças significativas de risco aos rios e matas, e todo o conjunto de biodiversidade, a partir da permissão de construções mais próximas a reservas ambientais, incluindo a “Reserva Ecológica de Jacarenema”, localizada na Barra do Jucu, cuja vegetação de restinga

tem sofrido com a especulação imobiliária. Na fala de um professor: “antes nós lutávamos contra as construções, hoje nós lutamos para que as construções tenham menos impacto”.

Figura 28 - Imagem da pesquisa realizada por Felipe sobre a Lagoa Jabaeté



Fonte: Acervo pessoal.

A Lagoa Jabaeté não é uma Unidade de Conservação, o que a torna mais suscetível ao descaso e abandono, como até relatado pelos estudantes e, segundo a reportagem²⁸ do Século Diário, não existe perspectiva de resolver a questão. Seria um passo rumo à ecologia da região, mas lembremos que não devemos nos limitar no aspecto local, pois “o ambientalismo que só se concentra no que acontece no interior das fronteiras das reservas encontra-se, então, num impasse. Ele oculta o

²⁸ Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/pdm-de-vila-velha-tem-graves-retrocessos-ambientais-avalia-forum-popular>. Acesso em: 13 mai. 2023.

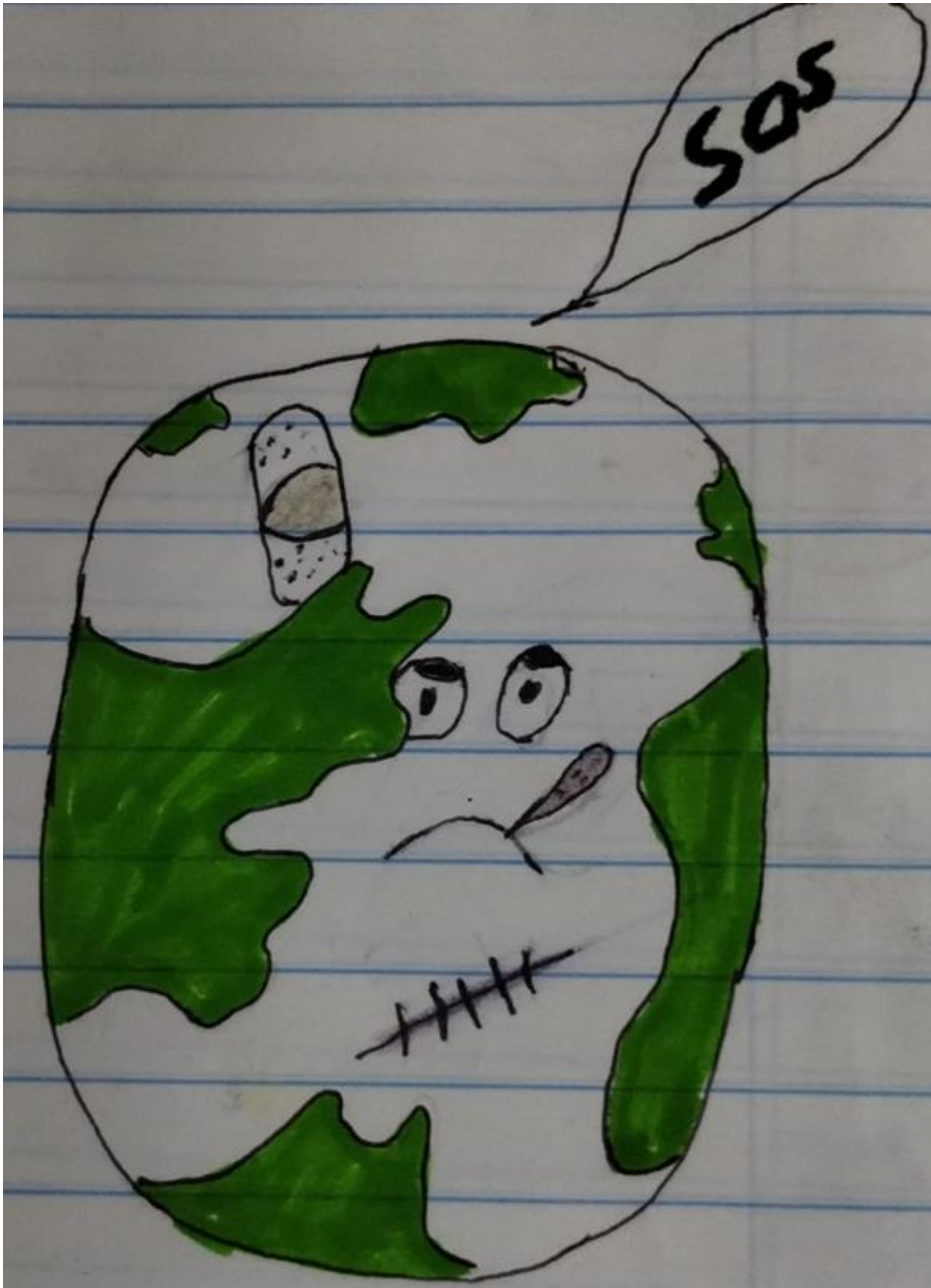
mundo, aquele mesmo que tornou essas reservas necessárias” (FERDINAND, 2022, p. 127).

O retorno das descidas ecológicas de Canoagem no Rio Jucu são uma luz no caminho para o bom senso, um alerta como a *imagemnarrativa* do estudante (Figura 29). Estas descidas são realizadas com canoas ou barcos alertando sobre a navegabilidade, a poluição e a fauna e flora do rio e seu redor.

Acreditamos ainda na luta por dias melhores para os que têm a percepção ecologista, em um alerta para a sociedade civil e os órgãos públicos, e também na cobrança e voto mais consciente, como disse o estudante Willian: “não adianta votar em pessoas que não estão nem aí para a gente, quando votar quero fazer diferente”.

No próximo capítulo abordaremos sobre as práticas com educações ambientais, as *cineconversas* e as *imagensnarrativas* nos cotidianos escolares.

Figura 29 - *Imagem narrativa* do estudante, a Terra pede socorro



Fonte: Acervo pessoal.

5 CINECONVERSAS, IMAGENS NARRATIVAS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

O presente capítulo tem como objetivo apresentar práticas pedagógicas que realizamos e que se aproximam de uma perspectiva ecologista de Educação com as oficinas de *cineconversas*, abordando aspectos culturais, históricos e ecológicos dos estudantes de 6º e 8º anos do ensino fundamental de unidades escolares do município de Vila Velha.

A elaboração desse capítulo tem como abordagens teóricas e metodológicas as pesquisas com os cotidianos escolares (ALVES; FERRAÇO, 2015), em diálogo com a metodologia das *cineconversas* (MENDONÇA et al, 2020), que tem sido tema de estudos e pesquisas realizadas pela professora e pesquisadora Nilda Alves e seu grupo de pesquisa²⁹.

Desenvolvemos em nosso grupo de pesquisa a ideia daquilo que chamamos de *cineconversas*, ao assistirmos filmes que trazem a temática da migração, por exemplo, e conversarmos com as questões cotidianas que, inspiradas por esses filmes, são apresentadas pelo grupo pondo em prática essa metodologia. As narrativas cinematográficas estimulam “conversas” acerca dos processos que costuram os diferentes “dentrofora” das escolas (MACHADO; MORAIS; TOJA, 2020, p. 95).

Vivemos em uma sociedade onde a cultura visual está presente na nossa construção social, na nossa forma de representar a realidade. As imagens, sons e narrativas são linguagens e recursos audiovisuais que fazem parte do nosso viver humano e da vida cotidiana. Eles ganham cada vez mais espaço e são disputados em nossa sociedade. Consumimos imagens a todo momento. Entendemos as imagens, sons, narrativas e o audiovisual como “linguagem”, mais do que “recurso”, no sentido de que tais linguagens contribuem com práticas pedagógicas de educação ambiental coletivas, dialógicas, antirracistas, anticoloniais e como prática de liberdade.

²⁹ A pesquisa “Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do cinema, suas imagens e sons” teve coordenação de Nilda Alves entre 2012 e 2015.

O período de pandemia da Covid-19 intensificou nossas interações com os artefatos tecnológicos e com as imagens, sons e narrativas ligados a assuntos e temas que estão em destaque na sociedade. Como destaca Gomes e Silva (2021, p. 223),

Consumidores de imagens, que somos todos nós, lidamos com formas de representações dentro de uma lógica da ação social, ou seja, dotamos um sentido ao que vemos e é a partir dele que se instaura o nosso processo de sociabilidade na sociedade da informação. A ação social do nosso olhar nos permite uma compreensão do mundo imediato dentro da nossa cultura.

As imagens, sons, narrativas e os audiovisuais são dotadas de *conhecimentossignificações*, o que inclui também os estereótipos e discursos racistas, homofóbico, misóginos, transfóbicos, que adentram os cotidianos escolares, criando redes de conhecimentos que nos formam e pelas quais somos formados, uma vez que, ao interagirmos e consumirmos tais imagens, sons, narrativas e audiovisuais nos cotidianos escolares, possibilitamos que diferentes saberes e sujeitos dialoguem e compartilhem suas leituras de mundo e suas diferenças, como pudemos perceber com as *cinconversas* que realizamos com o episódio “O casamento de Roy”, da série “Família Dinossauro”. Com esse episódio, desejamos fomentar uma prática pedagógica problematizadora, dialógica, coletiva, anticolonial e antirracista com as *cinconversas* e com o *ouvirsentirpensar* outras relações nos cotidianos escolares, e, na diferença.

Nos cotidianos escolares, os trabalhos com audiovisuais, entre eles o cinema, filmes e seriados, permitem uma prática pedagógica que vai ao encontro com as *cinconversas*, uma metodologia de pesquisa para além da compreensão de um assunto/conteúdo, comprometida em oportunizar diálogos e problematizações no coletivo, pensando as relações entre as problemáticas ambientais e as questões étnico-raciais.

As *cinconversas*, principalmente para aqueles que são amantes de filmes, podem transparecer apenas como entretenimento, contudo, tal proposta metodológica é também de cunho pedagógico e formativo, nos possibilita problematizar o que é visto, ouvido e sentido, ou seja, *verouvirsentirpensar* coletivamente, dialogando saberes, experiências, sentimentos, memórias e, no caso desta pesquisa, nos possibilitando problematizar as situações concretas da vida cotidiana.

A metodologia de *cineconversas* também dialoga com os trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa Território de Aprendizagens Autopoiéticas, nos quais são problematizadas práticas ecologistas de educação com audiovisuais. Dentre uma das práticas pedagógicas realizadas pelo grupo, destacamos uma *Oficina de cinema de animação* realizada nos cotidianos escolares de uma escola municipal do bairro Ilha das Caieiras, em Vitória, e que consistiu na criação de um curta-metragem de cinema de animação intitulado, *O dia da torta capixaba*³⁰.

A *Oficina de cinema de animação*, realizada nos cotidianos escolares do bairro Ilha das Caieiras, ocorrida em agosto de 2012, voltada para produção de um curta-metragem de animação com duração de 8 minutos, cujo foco recaiu nas práticas do bairro: o morar, o pescar e o cozinhar na Ilha das Caieiras. O curta-metragem produzido foi intitulado pelos *estudantesroteiristas* como *O dia da torta capixaba* (NARRADORES DA MARÉ, 2017); e durante uma semana, das 13h30 às 17h, 35 estudantes dos 7º e 8º anos de duas escolas municipais de Vitória puderam conhecer e praticar técnicas de cinema e de cinema de animação (GONZALEZ; SANTOS, 2022, p. 8).

Podemos citar também as ações realizada pelo Coletivo Formate em 2019, envolvendo as comunidades que residem nas proximidades do Rio Formate, no município de Viana, nas quais o audiovisual, a partir de sessões de cineclube, fomentaram encontros voltados para a discussão de ações comunitárias para a preservação do rio Formate.

No Coletivo Formate, realizamos oficinas com reaproveitamento de materiais reciclados, rodas de leitura e sessões cineclubistas com estudantes e moradores de comunidades ribeirinhas de Viana, situadas ao longo do curso do Rio Formate e afluentes. Os vídeos e documentário exibidos abordam as potencialidades da agroecologia, os problemas ecológicos e de saúde humana decorrentes de alimentos com agrotóxicos e de produtos transgênicos. Incentivamos e realizamos também práticas de intervenção comunitária voltadas para a construção de moradias alternativas, o uso de plantas medicinais, a preservação e despoluição dos recursos hídricos e a valorização de outros movimentos sociais [...] (GONZALEZ; SANTOS, 2022, p. 11).

Entendemos que a metodologia de *cineconversas* e os usos dos audiovisuais nos *espaçostempos* que envolvem as práticas pedagógicas e formativas nos cotidianos escolares, abrem caminhos para diálogos entre diferentes saberes conforme o *verouvirsentirpensar* coletivo, além de perpassar pelas memórias, experiências e as redes de conhecimentos que nos formam e pelas quais somos formados.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hztukjtc4g&t=70s>. Acesso em: 01 jun. 2023.

Como professor em sala de aula e na consciência de nossas práticas docentes, vemos, ouvimos e sentimos as respostas dos estudantes, e não só deles, mas também de todas as pessoas presentes nos cotidianos escolares. Aqui me refiro aos profissionais da escola, estudantes e à comunidade escolar, que constituem os *praticantespensantes*. Este termo que une as palavras praticantes e pensantes vem das pesquisas do cotidiano de Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira, sendo primeiramente o conceito praticante de Certeau, das pessoas em suas práticas cotidianas, como Alves (2003, p. 6) escreve “o que de fato interessa nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* são as pessoas, os *praticantes*, como as chama Certeau (1994) porque as vê em atos, o tempo todo”.

Ao utilizar o termo *praticantespensantes*, Nilda Alves considera o “cotidiano como espaço de produção e de circulação de conhecimentos e dos currículos neles desenvolvidos” (ALVES, 2019, p. 16), sendo assim, as práticas movem os pensamentos dos estudantes e suas atitudes na sociedade passam por memórias, imaginação e desejos provocados no cotidiano escolar.

Os cotidianos escolares são territórios e *espaçostempos* onde há confluência de diferentes saberes, como nos ensinou Paulo Freire (1996), ao abordar a prática do/a professor/a crítico/a e sua consciência de ser inacabado/a, reconhecendo o outro como ser com suas vivências, cultura e história.

As *cineconversas* realizadas buscaram fomentar práticas ecologistas de educação nos cotidianos escolares e o diálogo com diferentes educações ambientais. De acordo com o professor pesquisador Marcos Reigota (2012, p. 500), não há uma Educação Ambiental, há várias, com objetivos diferentes; sendo assim, “muitas são as educações ambientais existentes, com diferentes referenciais teóricos e políticos, muitos deles antagônicos e mesmos adversários”. Essa temática de pesquisa também leva em consideração a complexidade e a multiplicidade de perspectivas de Educação Ambiental a partir de práticas pedagógicas nos cotidianos escolares com aproximações com *imagensnarrativas*, *cineconversas*, cinema, as problemáticas ecológicas locais e as questões étnico-raciais.

O professor e pesquisador Rodrigo Barchi (2009), ao escrever sobre perversidade da ecologia e os espaços renegados para parte da sociedade, diz sobre a criticidade dos

personagens e movimentos ecologistas dos anos 1960, em que “até então noções que eram estritamente biológicas, ganharam conotação social, política, econômica e cultural” (BARCHI, 2009, p. 182).

O professor e pesquisador Fledson Silva Faria (2021, p. 18), ao escrever sobre as práticas pedagógicas de Educação Ambiental nos cotidianos escolares, considera os saberes dos estudantes, que “vão narrando suas próprias histórias, suas experiências, suas leituras de mundo, suas ecologias e educações ambientais, ensinando e aprendendo num constante movimento” (FARIA, 2021; p. 18). As práticas pedagógicas ecologistas de educação nos cotidianos escolares contribuem para problematizarmos o capitalismo, o neoliberalismo e nossos padrões culturais de consumo, de modo que cabe às práticas docentes cotidianas a criação de outros modos de nos relacionarmos com o outro. Para Marcos Reigota,

A ecologia ocupará cada vez mais espaço político, à medida em que os problemas ecológicos se ampliam e não obedecem a fronteiras geográficas, exigindo e envolvendo pessoas com diferentes características socioculturais na tentativa de se encontrar alternativas e soluções (REIGOTA, 2003, p. 55).

O pensamento de Reigota (2003) confirma Freire (1987) que, ao escrever sobre o nosso lugar no cosmo, nos convoca a refletimos sobre a nossa incompletude e nosso pertencimento como sujeitos da história. Desse modo, entendemos que as perspectivas ecologistas de educação nos cotidianos escolares nos possibilitam problematizar e registrar os saberes ecológicos dos estudantes, buscando o engajamento dos *praticantespensantes* frente às problemáticas ecológicas locais. Desse modo, a presença dos *praticantespensantes* é fundamental tanto no processo dialógico e formativo das *cineconversas* uma vez que os artefatos tecnológicos utilizados são também considerados como artefatos culturais e curriculares (SOARES; SANTOS, 2012).

A perspectiva ecologista de educação viabiliza rupturas com perspectivas bancárias de educação, pois somos um “corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não ‘espaço’ vazio a ser enchido por conteúdos” (FREIRE, 1996, p. 63).

[...] o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma,

recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.

As perspectivas ecologistas em Educação nesta pesquisa se relacionam com os *usos* de artefatos tecnológicos e tecnoculturais nos cotidianos escolares e com as *imagensnarrativas* e as *cineconversas*. As novas tecnologias estão conectadas com a internet e dão acesso a *imagensnarrativas* das mais variadas partes do planeta, sendo assim, “tecnologias digitais em rede, que se materializam em diversos suportes, plataformas e sistemas lógicos – em interface com as cidades, o ciberespaço e os artefatos tecnoculturais” (AMANTE; OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 2).

As *imagensnarrativas* possuem uma influência de quem as seleciona e as produz, de modo que sua escolha nos audiovisuais pode ser trabalhada com os estudantes. Sobre isso, Lefèbvre (apud CARLOS, 2012) expõe o grande potencial das imagens para transpor narrativas da sociedade.

Lefèbvre (1961) nos ensina que a imagem é um ato. E, tanto quanto um ato, a imagem implica a intenção ou vontade de um efeito: ora contribuir à realização do possível ou à figuração do impossível, ora para preparar um projeto ou uma escolha, ou mesmo para seduzir e tocar um outro ser humano. A imagem cinematográfica se insere perfeitamente na concepção mais genérica da imagem sugerida pelo filósofo francês (CARLOS, 2012, p. 124).

Não só os filmes fazem parte do audiovisual, mas também as demais formas de imagem nos artefatos tecnoculturais. Estes são importantes no processo de aprendizagem e conectam os *praticantespensantes* dos cotidianos escolares com a cibercultura, pois “a cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço” (AMANTE; OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 3).

Quando pensamos nas novas tecnologias, um artefato que vem logo à mente é o celular, melhor dizendo, o *smartphone*, que reúne aplicativos de mensagens, áudios, vídeos, fotografia e também pode ser utilizado como material didático. Este artefato é representativo da cibercultura, que

[...] é cultura e como tal apresenta dinâmicas e fenômenos [...]. Precisamos adentrar nestas e com estas dinâmicas também como praticantes culturais, docentes, discentes e pesquisadores (QUINTAS-MENDES; SANTOS; TORRES, 2020, p. 3).

Salientaremos neste capítulo as criações e cocriações curriculares com os usos desses artefatos tecnoculturais nos cotidianos escolares. A potencialidade das *imagensnarrativas* nos cotidianos escolares é nítida, como ressaltam Alves e Oliveira (2004, p. 32):

[...] o que nos parece fundamental para este fechamento é ressaltar as possibilidades da imagem e de seu uso como meio de contemplar os múltiplos elementos da complexidade da vida cotidiana nas/das escolas de modo mais efetivo que aquilo que podemos fazer por intermédio, apenas, dos textos escritos.

Dito isso, no decorrer da disciplina Diversidade e Diferença na Educação³¹, ministrada pela professora doutora Patrícia Gomes Rufino Andrade, iniciamos uma discussão relacionando educação ambiental e as questões étnico-raciais na Educação, com os cotidianos escolares e o ensino de Geografia. Com os estudos e diálogos com as mestrandas Letícia Lopes Bortolotti Batista³² e Simara Santos Silva³³, ocorreu a lembrança do seriado que fez parte da nossa infância e nas possibilidades de fazer parte de uma *cineconversa*, relacionando educação ambiental e as questões étnico-raciais nos cotidianos escolares.

Portanto, realizamos quatro *cineconversas* com os *praticantespensantes* de duas escolas municipais da rede de Ensino Fundamental do município de Vila Velha, sendo duas *cineconversas* (Figura 30) com os episódios da “Família Dinossauro”; uma com um episódio do “Bob Esponja” e uma com o filme “O Lorax: Em busca da Trúfula Perdida”. Compartilharemos a seguir as *cineconversas* realizadas nos cotidianos escolares.

³¹ A professora faz parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. É professora Adjunta do Centro de Educação, UFES.

³² Mestranda da turma V do mestrado Profissional em Educação, do PPGMPE/UFES. Possui formação em Pedagogia e atua nas redes municipais de ensino de Cariacica/ES e Vitória/ES. Membro do Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas/CNPq e do Projeto de Extensão Narradores da Maré.

³³ Mestranda da turma V do mestrado Profissional em Educação, do PPGMPE/UFES. Possui formação em Pedagogia e atua nas redes municipais de ensino de Domingos Martins/ES e Venda Nova do Imigrante/ES. Membro do Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas/CNPq e do Projeto de Extensão Narradores da Maré.

Figura 30 - Momento de uma das *cineconversas* com a “Família Dinossauro”



Fonte: Acervo pessoal.

No próximo capítulo, abordaremos a *cineconversa* com o episódio “O casamento de Roy”, da “Família Dinossauro” e as relações étnico-raciais, entre outros temas.

6 EPISÓDIO “O CASAMENTO DE ROY”

Dentre as *cineconversas* escolhidas para realizarmos nos cotidianos escolares com os estudantes, duas delas são episódios da série televisiva “Família Dinossauro”. A série fez muito sucesso³⁴ no Brasil nos anos 1990, sendo exibida pela rede Globo de televisão, sendo originalmente de autoria da emissora *American Broadcasting Company* e gira em torno de Dino da Silva Sauro e seu contexto familiar e social, onde ocorrem situações cotidianas parecidas com uma família estadunidense do fim do século XX, inserida numa cultura ocidental e capitalista.

Dino é um dinossauro que trabalha como operário em uma companhia que presta o serviço de derrubar árvores. Ao longo dos episódios da série são evidenciadas as relações familiares e sociais dos personagens, como, por exemplo, o fato de que Dino da Silva Sauro é casado com Fran da Silva Sauro e têm como filhos Robbie Sinclair, Charlene e Baby Sinclair. Ethyl Hinkleman Phillips é a mãe da Fran. Os amigos da Família Dino são Roy Hess, Gus Molehill, Al "Sexual" Harris e Monica Devertebrae. O patrão do Dino é o Bradley P. Richfield. E Howard Handupme é o apresentador do jornal Dinosaurs, sendo o Sábio Ancião uma espécie de Líder do governo.

³⁴ A série chegou a alcançar 24 pontos do Ibope, segundo informações apuradas pelo Correio 24 horas. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sucesso-nos-anos-90-familia-dinossauro-completa-25-anos/> Acesso em: 02 jul. 2022.

Figura 31 - Imagem da Família Dinossauro



Fonte: Site³⁵ Vagalume.

Como características pessoais de cada personagem que aparecem nos episódios que exibimos nas *cineconversas*, poderíamos dizer que o Dino tem como característica ser conservador, patriarcal e defensor do governo. A Fran é uma crítica da realidade, e reflete sobre as situações antes de opinar, ao contrário do Dino. Os filhos Robbie e Charlene possuem uma visão crítica em relação ao governo e à sociedade; já o caçula, o Baby, é uma criança questionadora do mundo ao redor.

O Richfield é empresário, dono da empresa que corta árvores, chefe do Dino, explora e oprime seus funcionários. O Roy, amigo do Dino, se expressa de forma passiva diante desse ambiente opressor, mas deixa evidente o seu desejo de ajudar ao próximo. A Monica é amiga da Fran e representa uma feminista, convicta de seus direitos com falas firmes quanto à sociedade em que vive. O Carlão é um jovem em

³⁵ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/familia-dinossauro/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

busca de aventuras, e o Howlin Jay é mamífero, músico, vive no pântano e faz parte de uma banda musical. Há outros personagens que aparecem nos episódios.

Neste episódio, podemos perceber narrativas que reforçam o modo de habitar colonial (FERDINAND, 2022) e antiecológico do mundo ocidental moderno e colonizado, na qual se insere nossa sociedade brasileira.

Realizamos nos cotidianos escolares um momento de *cineconversas* com as turmas do 8º ano, no qual exibimos o episódio³⁶ de número 13, da terceira temporada da série, “O casamento de Roy”. O episódio narra relações cotidianas na “Família Dino” e situações nas quais os dinossauros quadrúpedes são discriminados pelos dinossauros não quadrúpedes pelo fato deles se considerarem superiores por não serem quadrúpedes.

Destacaremos alguns momentos do episódio que reforçam padrões de uma sociedade patriarcal e um modo de habitar colonial, sendo que ambos os momentos destacados potencializam a possibilidade de dialogarmos nos cotidianos escolares as conexões entre as problemáticas ambientais locais e as condições históricas de nossa sociedade, criando, assim, momentos para trazermos à tona práticas pedagógicas de educação ambiental que sejam dialógicas, antirracistas, anticoloniais e como prática de liberdade.

No primeiro momento, o personagem Dino mostra uma postura de preconceito com a personagem Mônica, que é amiga da Fran e que tem uma postura feminista diante da sociedade que vive, responsabilizando-a e aos outros dinossauros quadrúpedes pelos problemas da sociedade. Mas, quando estava trabalhando para o chefe poderoso e que acusava os quadrúpedes de serem responsáveis pelos problemas da sociedade, Dino é salvo por um dinossauro quadrúpede, considerado como diferente de sua espécie, o que contribui para que ele repense as relações com o outro, e que ele considera como diferente.

Um outro momento que gostaríamos de destacar aborda o personagem Richfield, que é o chefe e dono da empresa, abrindo uma janela e mostrando a floresta devastada,

³⁶ Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/video/4a47ac44-835a-47d9-b328-b2bb1c8922d4>. Acesso em: 19 nov. 2022.

sem nenhuma árvore, por terem sido derrubadas pelos dinossauros, dizendo a seguinte narrativa: “Já limpamos essa subdivisão inteira, não sobrou nenhuma árvore. Nosso trabalho aqui já acabou”.

Em seguida, é questionado pelo personagem e funcionário Roy: “O senhor não acha que esse problema da falta de árvores poderia ter sido previsto pela companhia, para evitar que isso acontecesse?”. De forma repressora o chefe e empresário adverte: “A culpa nunca é da companhia”.

Partindo desses fragmentos do episódio podemos fazer uma relação da visão antropocêntrica e do “divórcio” do ser humano moderno e “civilizado” do organismo Terra, somado às marcas do patriarcado e do colonialismo em nossa sociedade, marcas essas que definem quem pode participar desse seleto “clube da humanidade”, autorizado a devastar as florestas e a “comer o planeta”, como nos alerta Ailton Krenak (2020b).

Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (KRENAK, 2020b, p. 7).

Ailton Krenak (2019) também nos alerta sobre o que entendemos, a partir de nossa cultura eurocêntrica, moderna, civilizada e colonizadora, por aquilo que inventamos chamar de “natureza”, dizendo que, “Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2019, p. 9). Paradoxalmente, no contexto da série televisiva, tanto a nossa humanidade como a dos dinossauros, representam as relações culturais e ecológicas da modernidade e, de um modo de habitar colonial (FERNDINAD, 2022) que é antiecológico, somado também às heranças da colonização e da escravidão, que estruturam nossa sociedade e nossas relações cotidianas com o outro e com outras coletividades vivas.

Segundo o escritor e pesquisador martinicano Malcom Ferdinand (2022), o modo de habitar colonial é uma engenharia dos humanos e dos ecossistemas que assumem três características principais: a instituição da propriedade privada da terra, o

estabelecimento da *plantation* como forma primordial de ocupação e a exploração massiva de seres humanos. E complementa afirmando que,

Com seus princípios, seus fundamentos e suas formas, o habitar colonial reúne os processos políticos e ecológicos da colonização europeia. A escravização de homens e mulheres, a exploração da natureza, a conquista das terras e dos povos autóctones, por um lado, e os desmatamentos, a exploração dos recursos minerais e dos solos, por outro, não foram duas realidades distintas, e sim constituem elementos de um mesmo projeto colonial. A colonização europeia das Américas é apenas o outro nome da imposição de uma maneira singular, violenta e destruidora de habitar a Terra (FERDINAND, 2022, p. 56).

Tais heranças da modernidade e da colonização em nossas relações cotidianas se expressam, também, em outro momento do episódio “O casamento de Roy”, no qual o Baby questiona o pai Dino: “Pai, porque os quadrúpedes são maus?”. O pai, então, responde: “Nós andamos sobre duas patas e eles andam em quatro, por isso são maus”. Então Baby volta a questionar o pai: “Eu também ando de quatro patas”. Mas, o pai responde: “Você é muito jovem para entender”. Nesse diálogo são reforçados os estereótipos, a racialização do outro que é considerado como “diferente”, neste caso, contra os quadrúpedes.

As crianças são seres curiosos, realizando sua leitura de mundo (FAUNDEZ; FREIRE, 2021) a partir de suas vivências e experiências. Elas têm muito a nos dizer, mas o adulto precisa estar disponível para ouvir e erguer a voz que vem desse pequeno infante. É preciso respeitar a curiosidade que é uma atividade própria da infância, que possibilita construir novos conhecimentos e reconhecer que aquele ser que pergunta existe e merece respeito e atenção. Assim, podemos “reconhecer a existência como um ato de perguntar!” (FAUNDEZ; FREIRE, 2021, p. 74).

A curiosidade é uma maneira de aprender e realizar diálogos entre diferentes saberes e *conhecimentossignificações*. Na relação dialógica, ensinamos e também aprendemos. Paulo Freire (2021) já nos chamava a atenção de que

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2021, p. 83).

Tanto a noção de igualdade quanto a noção de diferença são temáticas abordadas aqui em relação à educação ambiental, considerando que tal relação está imbricada

aos processos históricos. Por exemplo, no Brasil, o regime jurídico foi construído a partir de premissas que encontram fundamento no tratamento igualitário, em um regime político democrático. Entretanto, nessa estrutura, as diversidades de ordem cultural, social, de gênero e étnico-racial se revelam, uma vez que

A dificuldade da realização da igualdade também está relacionada com a própria variedade da experiência humana dentro de contextos sociais e históricos específicos. O ideal de tratamento igualitário raramente consegue abarcar a situação de todos os segmentos sociais, consequência das várias formas de pertencimentos daqueles que vivem em sociedades hierarquizadas (MOREIRA, 2020, p. 112).

Os dispositivos democráticos de igualdade formulados dentro das sociedades ocidentais são marcados por diferenças de *status* e de hierarquias, de modo que a mera introdução de dispositivos legais não é suficiente para garantir a compreensão do debate que perpassa as definições de igualdade e diferença. A diferença não é uma característica natural, esse processo acontece na relação social e é produzido em conexão com as relações de poder e, em meio a essa estrutura, a diferença é avaliada de forma negativa em detrimento ao não diferente, contudo, “[...] essa outra coisa”, o “não diferente”, também só faz sentido, só existe na “relação de diferença” que a opõe ao “diferente” (SILVA, 2007, p. 87).

Os aspectos problematizados até aqui, no que tange ao episódio da *cineconversa*, denunciam a supremacia entre os seres que andam apenas com duas patas em detrimento aos que andam com as quatro patas e que são culturalmente considerados biologicamente como inferiores. Como nos diz Munanga (2004, p. 9),

é, justamente, o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores.

A discriminação e o preconceito, ou seja, o racismo, são características e fenômenos culturais e sociológicos presentes em nossa sociedade ocidental e colonial marcadas pelo racismo estrutural, institucional e cotidiano, reproduzidos também no episódio da “Família Dinossauro”.

Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos (MUNANGA, 2004, p. 8).

Tais características constituem obstáculos que impedem os grupos racializados e oprimidos de serem reconhecidos na sociedade em suas diferenças, uma vez que os dinossauros quadrúpedes são considerados como maus.

Processos sistemáticos de exclusão social dificultam a percepção do valor pessoal dos indivíduos pela sociedade; os processos de estigmatização não apenas dificultam a construção de um sentimento de solidariedade entre os membros da comunidade política, mas também criam obstáculos para a forma de uma concepção integrada do psiquismo individual (MOREIRA, 2020, p. 131-132).

A discriminação, o preconceito e o racismo são fenômenos culturais e sociológicos, que se constituem como verdadeiros obstáculos impedindo os dinossauros quadrúpedes de se beneficiar de oportunidades nos diversos âmbitos da sociedade. Na narrativa citada abaixo, podemos acompanhar os efeitos da discriminação, do preconceito e do racismo.

Mônica: Fran, não acredito!!! Fui despedida do meu emprego hoje, só porque sou quadrúpede!

Fran: O que? Mônica que loucura!!! Tem certeza?

Mônica: Tenho, a ordem saiu da diretoria. Se você tem quatro patas está fora. Dispensaram a mim, duas mesas e uma mesinha de café.

Charlene: Mãe, corre liga a TV! Mônica, você precisa ver isso!

Apresentador da TV: Hoje uma reunião especial do Conselho de Sábios, mudou radicalmente a legislação tornando ilegal qualquer um que tenha quatro patas. Todos os dinossauros quadrúpedes têm vinte e quatro horas para abandonarem suas propriedades e voltarem para o outro lado do pântano, a não ser que sejam casados com um bípede ou se disponham a passar pelas alterações cirúrgicas necessárias.

Para problematizar a narrativa descrita acima levamos em consideração a relação com o contexto histórico e social do Brasil no período da Monarquia, no qual o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão sem a oferta de condições de trabalho, saúde, educação, moradia e de políticas públicas que assegurassem aos escravizados reparação histórica. Por isso, o que debatemos nesta *cineconversa* com os estudantes é uma ecologia decolonial que leva em consideração o passado colonial, escravocrata e a colonialidade em nossas relações cotidianas com o outro e com outras coletividades vivas e não vivas.

[...] Tendo em vista um ideal de igualdade, trata-se de abolir essa política que coloca uma parte dos humanos e não humanos no porão do navio, de libertar

os escravizados da crise ecológica. Essa saída do porão efetuada pela ecologia decolonial traduz-se por uma série de lutas sociais e políticas nas quais a preservação dos equilíbrios ecossistêmicos e a busca de emancipação de uma situação colonial formam um único e mesmo problema. Militantes insurgem-se contra as violências de um habitar colonial e de uma economia capitalista devoradores de mundo com um só golpe, oprimem humanos e não humanos tanto no Caribe como em outros lugares do planeta (FERDINAND, 2022, p. 206).

Como dito por Ferdinand (2022), é necessário se emancipar de uma situação colonial que proporciona uma crise ecológica de espaços vistos como porões do mundo capitalista. Lembremos que isto é histórico, pois sem serem integrados à sociedade, muitos ex-escravizados ficaram nas fazendas nas condições semelhantes à escravidão, ou foram viver às margens das cidades, nas áreas periféricas, o que evidencia a luta contínua e cotidiana, antes e posteriormente ao ano de 1888.

A abolição foi historicamente conquistada pelos próprios escravizados, a partir de cada forma de resistência por eles apresentadas. Nos últimos anos de existência da instituição escrava a resistência negra ganhou reforço do abolicionismo, movimento composto por sujeitos livres e contrários à manutenção do sistema escravocrata. Não obstante, a libertação não significou a instituição automática dos direitos de cidadania dos ex-escravizados. Estes, precisaram organizar movimentos de luta pela defesa de seus direitos, bem como contra os estereótipos, racismo e preconceitos que os vitimaram na sociedade de classe brasileira (LEITE, 2017, p. 66).

Aproximando o período da escravidão no Brasil com a fala do apresentador de TV do episódio, presenciamos o processo de discriminação racial, na medida em que a legislação torna ilegal qualquer um que tenha quatro patas, impondo que todos os dinossauros quadrúpedes abandonem suas propriedades, e os expulsa para o pântano. Compreendemos que este discurso de exclusão é encontrado também em nossas sociedades urbano-industriais atuais, com vestígios desse período de escravidão na América, no Brasil, Guatemala, Haiti e em outros países.

Esse discurso que considera os pobres e os marginalizados como responsáveis pelo desmatamento da Terra é o discurso da injustiça. Os camponeses haitianos vivenciam uma pobreza crônica associada a uma discriminação social entre rurais e urbanos que, em alguns pontos, sobrepõe-se à distinção entre Pretos retintos e de pele clara (FERDINAND, 2022, p. 111).

Um outro ponto que a narrativa revela é a tentativa do governo de padronizar os dinossauros quadrúpedes, propondo que eles se casem com bípedes ou façam alterações cirúrgicas, para que se tornem homogêneos e socialmente aceitos.

Situação semelhante podemos constatar no processo de políticas destinadas ao embranquecimento da população brasileira por meio da miscigenação, que ocorreu a partir do século XIX. Esse processo eugenista tinha por objetivo diluir a raça negra, entendida como inferior, de modo a fortalecer e fazer prevalecer a raça branca. Na época, esse processo foi realizado através de imigrações europeias, subsidiadas pelo governo brasileiro.

Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com relações de poder. São as relações de poder que fazem com que a “diferença” adquira um sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente relativamente ao “não-diferente” (SILVA, 2007, p.87).

Nesse sentido, o preconceito, o racismo e a exclusão socioambiental operam no campo das discriminações e condicionam a vida dos sujeitos que não representam o modelo universal de seres socialmente aceitáveis dentro da sociedade. No caso dos seres humanos, um exemplo, é o modelo estabelecido pelo padrão de homem eurocêntrico e branco, de modo que, no caso da narrativa que se apresenta na série “Família Dinossauro”, o padrão socialmente aceito dentro da sociedade dos dinossauros são os bípedes.

Tomamos aqui o **capitalismo colonial** como o conjunto das relações de forças econômicas, sociais, políticas e simbólicas nas quais o sistema colonial escravocrata se apossou e expropriou os corpos africanos, asiáticos e latino-americanos no sistema colonial global para a produção de lucro, qualidade de vida e bem-estar (direitos) social dos países brancos anglo-saxões (metrópoles, centrais); enquanto o **capitalismo neocolonial** consiste na reatualização desse sistema nos processos de pós-abolição, emoldurados pelas teorias eugenista de genocídio desses corpos na colonialidade. Assim, o capitalismo colonial produz racialmente um corpo-objeto a ser explorado, enquanto o capitalismo neocolonial produz um corpo dejetado-abjeto a ser exterminado (JESUS, 2022, p. 40).

6.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM O “CASAMENTO DE ROY”

Após montar um plano de aula com as ideias principais a serem discutidas, o episódio foi apresentado para, na prática, compreender as percepções dos estudantes que, no caso, foram os alunos do 6º e 8º ano do ensino fundamental, na disciplina de Geografia. Neste momento, lembramos o que diz Paulo Freire (2021) sobre a prática

pedagógica e sua importância: “A teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 2021, p. 25).

Antes de o episódio ser exibido, foi explicado um pouco sobre a série, sendo que alguns estudantes disseram que conheciam a “Família Dinossauro”, outros reconheceram durante o episódio. No dia de exibição do episódio não foi dito em que eles deveriam focar, mas, nas aulas anteriores, havíamos discutido os temas principais do episódio, como os problemas ambientais, com o 6º e discriminação, preconceito e racismo, ao abordar as migrações na América Latina com o 8º ano. Lembremos que estes são temas transversais da BNCC³⁷ e podem ser discutidos em várias disciplinas e séries do ensino fundamental e médio.

Ao discutir o episódio foram feitas algumas perguntas como: Qual o tema central do episódio? Quais assuntos foram abordados? O que mais chamou atenção? O objetivo era provocar a *cineconversa*.

Algumas dificuldades inerentes há muitos cotidianos escolares aconteceram, como o áudio não ser tão bom em uma aula devido a outro evento na escola e também a imagem não ser tão visível na sala de vídeo pelo fato de não ser tão escura. Contudo, apesar dos problemas, conversamos sobre temáticas interessantes, como uma estudante que disse: “este episódio possui muita crítica social”. Os temas levantados pelos estudantes foram: casamento, casamento forçado, machismo, preconceito, racismo, desmatamento, desemprego, discriminação.

Como o vídeo possui 21 minutos e a aula 50, houve tempo para um bom diálogo. Sugerimos uma atividade pedagógica a partir de um breve resumo sobre o episódio (cerca de metade dos estudantes escolheram essa opção), ou uma comparação entre o que foi visto com a realidade, ou ainda, um desenho. Sobre o resumo, foram mais de 150 estudantes e apenas alguns aparecem aqui, contudo, o que chama a atenção é a lembrança da indagação da criança dinossauro, o Baby, sendo lembrado por muitos estudantes, apesar de seu pouco tempo em tela, e, na palavra de um

³⁷ A Base Nacional Comum Curricular elenca alguns temas transversais que podem ser abordados em várias disciplinas curriculares, como consta no documento disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

estudante: “o Baby perguntou ao pai, mas ele não ligou. Não deu atenção e continuou preconceituoso”. Aqui refletiremos, será que esta criança não tem atenção em casa quando quer falar sobre temas polêmicos, ou já viu isso em alguma situação nos ambientes em que frequenta?

No texto que poderia fazer uma relação entre o episódio e a realidade, uma estudante escreveu: “sou negra e de família negra, já vi isso (racismo) que aconteceu como os quadrúpedes”. Como desenho, foi dito que poderia ser o que mais chamou atenção. Compartilho alguns desenhos que são considerados aqui como *imagensnarrativas*.

Figura 32 - Cena do casamento entre Mônica e Roy



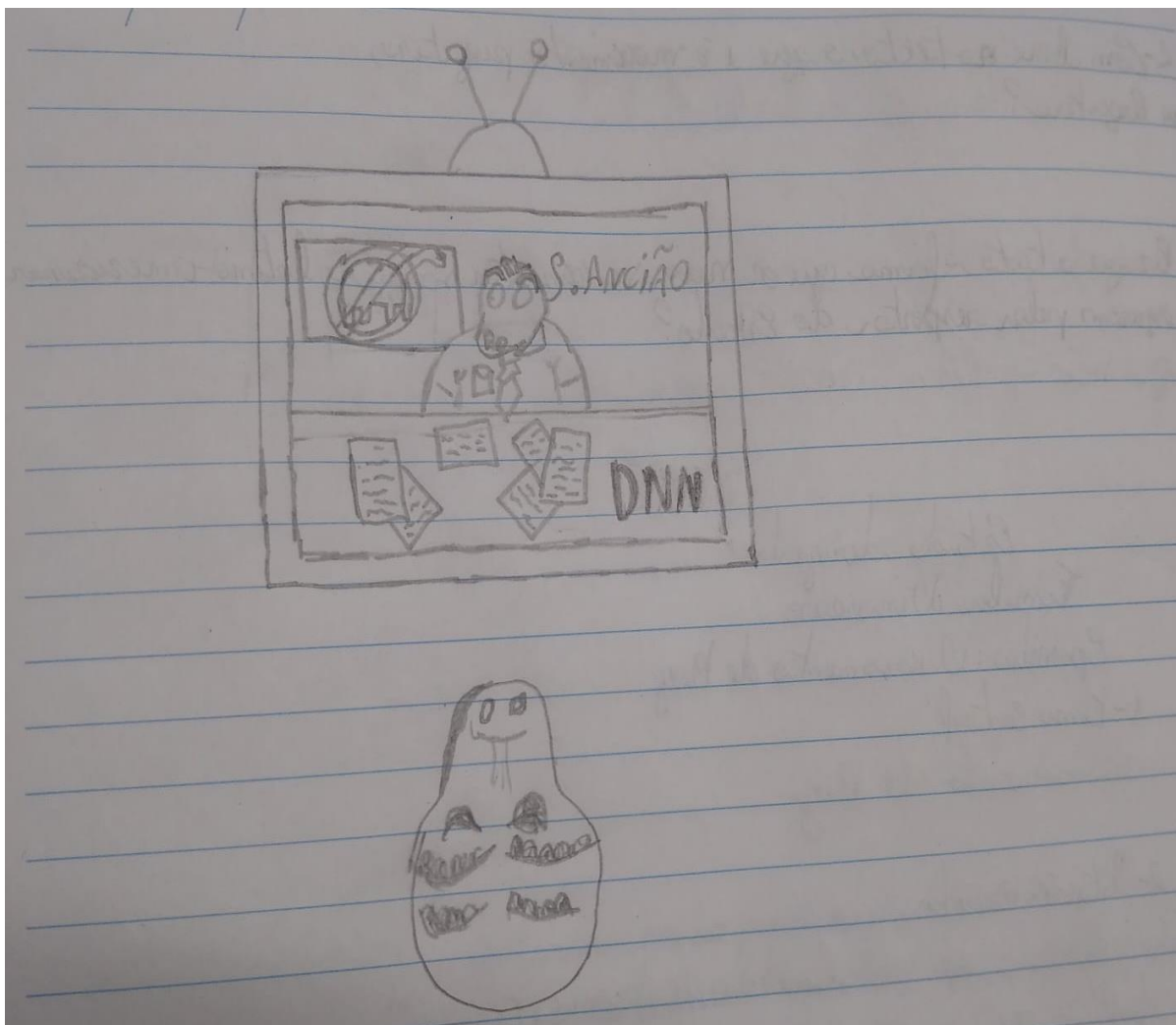
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 33 - O desmatamento da Companhia em que Dino e Roy trabalham



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 34 - Cena do discurso proferido pelo Sábio Anciãõ contra os quadrúpedes



Fonte: Acervo pessoal.

Sendo livre o desenho, tivemos como foco dos estudantes o casamento (Figura 32), o problema ecológico do desmatamento (Figura 33), os discursos racistas do governo (

Figura 34), entre outras problemáticas, como o Dino sendo demitido e a Mônica perdendo o emprego. Assim, práticas pedagógicas com as *cineconversas* potencializam redes de conversações, *conhecimentossignificações* dos educandos, professores/as e suas leituras de mundo e as relações intrínsecas entre as problemáticas ambientais, a globalização da economia, as desigualdades sociais, raciais e os processos históricos.

Assim, a globalização e a mundialização correspondem a dois processos diferentes, e até opostos. O primeiro é a extensão totalizante, a repetição padronizada em escala global de uma economia desigual destruidora das culturas, dos mundos sociais e do meio ambiente. A segunda é a abertura para o agir político de um viver-junto, o horizonte infinito de encontros e de partilha. A dificuldade revela-se quando as cenas públicas em que se imaginam as leis e as maneiras de viver junto são usurpadas pelos interesses capitalistas de um mercado liberal, especialmente por *lobbies* (FERDINAND, 2022, p. 38).

Essas reflexões nos fazem lembrar das palavras de Paulo Freire (1987) em relação a uma educação problematizadora como prática de liberdade, que seja também antirracista e anticolonial.

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem (*e a mulher*) que nasce deste parto é um homem (*e mulher*) novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. (FREIRE, 1987, p. 23, *grifo nosso*).

Portanto, podemos afirmar potencialidade da metodologia da *cineconversa* nos *espaçostempos* dos cotidianos escolares. O racismo e a segregação, o desmatamento em favor dos interesses neoliberais e empresariais, as relações de poder e de opressão, o antropocentrismo, a colonização, dentre outras temáticas foram abordadas também pelos *praticantespensantes* e suas *imagensnarrativas*.

[...] a conversa como importante modo de compreender os processos dialógicos a que nos propomos ao buscar “*espaçostempos*” com mais democracia, com mais heterogeneidade e repletos de sentidos diversos, pois

acreditamos que assim atenderemos às necessidades e aos interesses de quem os tece “*dentrofora*” das escolas nas múltiplas redes educativas (MENDONÇA et al, 2020, p. 1120).

Cabe aos educadores/as oportunizarem redes de diálogos e a metodologia da *cineconversas* desejou trazer para os *espaçostempos* dos cotidianos escolares, movimentos de uma educação ambiental articulada com as problemáticas ambientais locais e que fosse dialógica, coletiva, antirracista, anticolonial e como prática de liberdade.

No próximo capítulo, abordaremos o episódio “A música do pântano”, também da “Família Dinossauro”, com o intuito de possibilitar um diálogo acerca do preconceito e racismo e as segregações socioespaciais.

7 EPISÓDIO “A MÚSICA DO PÂNTANO”

No episódio 17 da terceira temporada da “Família Dinossauro”, intitulado “A música do pântano³⁸”, são apresentados os jovens Robbie e seu amigo Carlão escutando música, *rock*, pela televisão na sala da casa do Dino, com eles também estava o Baby. Assim que a música termina, o apresentador fala que, se você tem uma música nova, deve enviar para ser tocada, o que te tornará famoso. Após isso, ocorre um diálogo e, dentre as falas, Carlão diz que uma música boa é encontrada no pântano, tocado pelos mamíferos, mas Robbie fica com receio, pois é dito (em outros episódios da série) que o pântano é perigoso, e ele também sabe que seu pai não gostaria que ele fosse lá. Logo após, Dino entra na sala, e Baby logo diz que eles (Robbie e Carlão) querem ir ao pântano. Com a negativa de Dino, ocorre um diálogo chave na discussão sobre preconceito, que é o seguinte:

Carlão: Quer que o jovem Bob se envolva com cultura, não quer!?

Dino: Mas não a cultura diferente. Os mamíferos do pântano são cabeludos, sujos e perigosos.

Robbie: Pai, você nunca conheceu um deles.

Dino: Isso não me impede de ter uma informação desinformada e altamente preconceituosa. Você não irá.

Aqui percebemos a intolerância e o preconceito ao que é considerado como “diferente”, o que será mudado no decorrer do episódio, sobretudo quando Robbie leva os mamíferos na sua casa e Dino muda seu pensamento em relação a eles. Mesmo em sociedades com regime político democrático, as diferenças e a diversidade cultural, social, de gênero e étnico-racial, são geralmente inferiorizadas e silenciadas pelos padrões hegemônicos ocidentais.

Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosa que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais. Ao contrário, uma nova pedagogia enraizada na vida dessas subculturas, a partir delas e com elas, será um contínuo retomar reflexivo de seus próprios

³⁸ Disponível em <https://www.disneyplus.com/pt-br/video/14234730-8fcf-43e0-97f6-ca320e904874>. Acesso em: 24 nov. 2022.

caminhos de liberação; não será simples reflexo, senão reflexiva criação e recriação (FREIRE, 1987, p. 6).

Contrariando seu pai, Robbie e Carlão vão para o pântano e adentram em um pub, onde está sendo tocado um *blues*. Ou seja, o *rock* é aceito, enquanto o *blues* não? Os dinossauros escutam *rock*, enquanto os que vivem no pântano, os mamíferos, escutam *blues*.

Continuando o episódio, Bob fica animado com a música e diz “Todos deveriam conhecer aquela música”, e ele tenta convencer os músicos a levarem uma fita para a gravadora, dizendo que eles podem ficar famosos. O jovem mamífero Sonny, filho do músico principal Howlin Jay, fica entusiasmado com a oportunidade.

Robbie e o jovem mamífero vão ao estúdio da gravadora e, em um diálogo de Robbie com o apresentador da televisão e também dono da gravadora, Ty Warner, este diz para o jovem que, “o público não quer novidade, ele quer o que já conhece”. Ao perceber a presença de um mamífero, diz: “Eu não faço negócio com mamífero. Saia!” A fita que os jovens levaram fica em sua mão e ao ouvir a música o dono da gravadora gosta e percebe que pode lucrar.

O mamífero é inferiorizado e discriminado. Mas por qual razão isso ocorre? Sua cultura é inferior? Isso não pode ocorrer. Isso faz parte do jogo de manipulação dos que oprimem as classes trabalhadoras.

O antídoto a esta manipulação está na organização criticamente consciente, cujo ponto de partida, por isto mesmo, não está em depositar nelas o conteúdo revolucionário, mas na problematização de sua posição no processo. Na problematização da realidade nacional e da própria manipulação (FREIRE, 1987, p. 91).

Mais adiante, Robbie e os mamíferos percebem que a música foi gravada, tendo como intérprete um dinossauro, com ritmo bem diferente do *jazz*. Os mamíferos ficam tristes, mas apesar deste sentimento, Jay Howlin diz que eles mesmos podem fazer seus próprios discos, dando ânimo ao grupo, e que devem prosseguir. Por fim, Dino aparece com uma sanfona, e diz que ensaiou umas notas para tocar junto com os mamíferos.

7.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM “A MÚSICA DO PÂNTANO”

Nas aulas de Geografia, com o apoio do livro didático adotado³⁹ pela rede municipal de Vila Velha, um dos percursos sugerido abordava a população dos Estados Unidos, sendo que um trecho discutia o racismo e a Lei dos Direitos Civis, e também a segregação socioespacial descrita como, “desigualdade de distribuição de grupos sociais em um espaço físico, ou seja, no território de uma cidade” (ADAS; ADAS, 2018, p. 143).

A partir da leitura e uma reflexão sobre o município em que a escola está localizada, algumas narrativas foram compartilhadas na sala de aula: “o município possui diferença entre as regiões. Existem ruas melhores nos bairros próximos à praia”. Ou, “os nossos bairros precisam de ruas melhores”, e ainda, “as pessoas de alguns bairros têm mais grana que outros”. Os estudantes também fizeram reflexões sobre os bairros no entorno, como, “nos bairros aqui vemos a diferença de alguns que possuem melhor infraestrutura”.

Essas narrativas foram um ponto de ligação entre um assunto de outro país e a nossa realidade cotidiana, do global para o local e vice-versa. O município de Vila Velha, onde a escola está localizada, na Região Metropolitana da Grande Vitória, é formado por cinco Regiões Administrativas, com nítidas diferenças estruturais, sociais e ambientais, com áreas rurais, urbanas e litorâneas.

Ao conversar, dialogar e escutar os estudantes possibilitamos, nessa prática dialógica, a criação de rupturas com perspectivas bancárias de educação, pois somos um “corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não ‘espaço’ vazio a ser enchido por conteúdos” (FREIRE, 1996, p. 63). Com isso, apostamos em práticas docentes dialógicas e coletivas, para que possamos verdadeiramente ouvir os estudantes, reconhecendo suas memórias, desejos, sonhos, saberes e sobre o contexto da nossa vida cotidiana e onde estamos inseridos.

[...] o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma,

³⁹ O livro didático adotado na unidade escolar é o Expedições Geográficas, da editora Moderna.

recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (FREIRE, 1996, p. 63).

Os temas de racismo, preconceito e segregação social foram retomados através do episódio “Música do pântano”, como ocorrido no episódio “O casamento de Roy”, ambos da “Família Dinossauro”. Sobre o alcance do debate sobre estas problemáticas os *praticantespensantes* lembraram da frase “Nada é impossível”, se referindo a música *blues* alcançar outros espaços para além do pântano, e as nossas discussões também.

Foi proposto aos estudantes que escrevessem o que mais chamou a atenção no episódio. Um estudante escreveu: “O que mais me chamou a atenção foi quando o filho do Dino tirou os mamíferos do pântano. E por ajudá-los a ficarem famosos. Gostei da atitude.” Outros estudantes escreveram, “Separação entre dinossauros e mamíferos.” Na verdade, muitos estudantes escreveram isso.

Com essa narrativa da professora os estudantes disseram suas preferências musicais, sendo que o *funk* e o *rap* foram citados pela maioria. Então, a professora questionou: “Será que seus pais deixam vocês ouvirem qualquer música?”. A maioria disse que os pais não gostam, sendo que um estudante disse: “minha mãe até escuta comigo, o som fica alto, mas ela não gosta”.

A professora até usou um termo muito interessante: “foi necessário ‘dinossaurizar’ a música do pântano para ela ser aceita”. Sobre estas questões caberia um estudo mais aprofundado, trazendo aspectos relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais e às teorias eugenistas que permeiam as diferenças entre os dinossauros e entre eles e os quadrúpedes e os mamíferos, e que se atualizam em relações sociais e cotidianas em nossa sociedade. Lembramos sobre a insalubridade de alguns espaços de forma institucionalizada, amparada pelo Estado na medida que não busca modificar as desigualdades estabelecidas.

Compreendendo o racismo institucional como a “negligência” do Estado na garantia de serviços, obras, políticas públicas e direitos humanos (básicos e fundamentais), verifica-se a existência de uma relação entre racismo institucional e saúde ambiental em saneamento no que diz respeito à saúde, ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e ao saneamento básico.

Historicamente, as populações pobres, despossuídas e pertencentes a minorias étnico-raciais têm sido alocadas próximas a instalações de esgoto e

lixo e expostas a condições inadequadas de saneamento em virtude de políticas ambientais discriminatórias. Merece destaque o caráter racial desse processo, na medida em que alguns grupos estão mais sujeitos do que outros [...] (JESUS, 2020, p. 5-6).

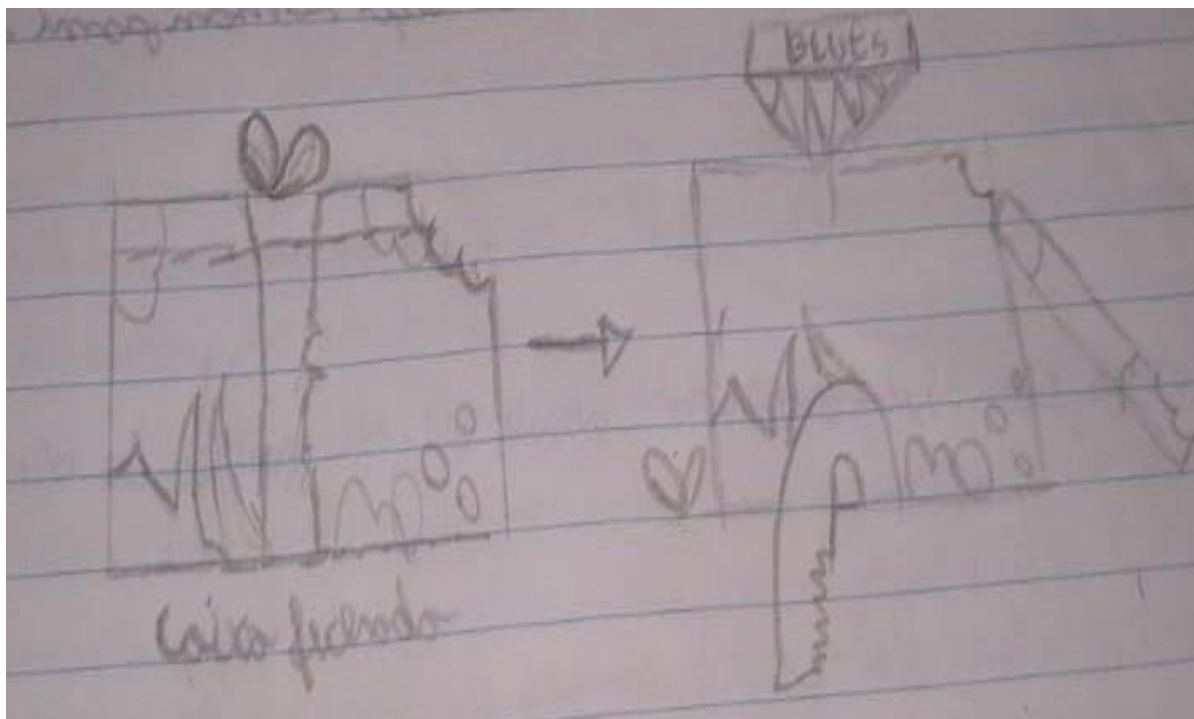
Consideramos ser perceptível o “choque de gerações”, e os tipos de músicas, vestuários de preferências entre pais e filhos, pais que talvez tenham assistido a “Família Dinossauro” na infância ou adolescência.

Ressaltamos ser fundamental o reconhecimento dos saberes dos educandos e de suas relações afetivas com a comunidade e o bairro onde vivem e, nesse sentido, exaltar os bairros têm sido realizado por parte das escolas, como por exemplo, o projeto em âmbito municipal implantado há anos, intitulado “Entre Versos e Rimas”, que se constitui como uma ação pedagógica que prestigia os saberes dos estudantes e professores/as e suas produções escritas e artísticas, por meio também de um livro a ser publicado no final de cada ano letivo. O ano de 2022 proporcionou a 7ª edição, e muitos estudantes da unidade de ensino que participaram desta *cineconversa*, também participaram desse projeto.

Os estudantes criaram suas *imagensnarrativas* para demonstrarem seus saberes suas ecologias, geografias e educações ambientais cotidianas e, com inspiração nos escritos de Ailton Krenak (2019), ao refletir sobre a nossa existência no cosmo e as nossas práticas cotidianas e de vida. “[...] se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades” [...] (KRENAK, 2019, p. 32).

A seguir, algumas das *imagensnarrativas* dos estudantes.

Figura 35 - *Imagemnarrativa* de um estudante sobre “A música do Pântano”



Fonte: Acervo pessoal.

Sobre esta *imagemnarrativa* (Figura 35) o estudante escreveu o seguinte: “Na visão da sociedade, o *blues* é como uma caixa de surpresa com uma embalagem feia. Mas quando abrimos essa caixa nos deparamos com algo magnífico”. Uma outra estudante escreveu, “não podemos julgar ninguém independentemente da cor e raça”. E retratou uma *imagemnarrativa* (Figura 36) com um dinossauro e um mamífero em lados opostos de uma linha do trem, algo que acontece no episódio.

Figura 36 - *Imagemnarrativa* dinossauro e mamífero



Fonte: Acervo pessoal.

Uma outra estudante escreveu em sua *imagemnarrativa*: “não ultrapasse a margem” (Figura 37), reproduzindo uma fala do episódio, e algo que foi retomado na discussão com os estudantes sobre estar “à margem da sociedade”, de onde vem esse termo “marginalizado”, o que foi muito proveitoso para retomarmos questões de segregação espacial social e racial da aula anterior.

Defendendo nossa posição de luta por uma educação anticolonial, antirracista e como prática de liberdade, concordamos com Luiz Fernandes de Oliveira (2018), que alerta sobre uma prática e não apenas um discurso denunciativo, sendo importante o conhecimento da realidade.

Poderíamos acrescentar que a prática da militância (a ação sobre o mundo) constitui uma unidade dinâmica com a produção teórica sobre esse mundo; ou, nos termos de hooks (2013), um engajamento mediado por uma determinada pedagogia (OLIVEIRA, 2018, p. 92).

As conversações sobre o episódio proporcionaram o diálogo de saberes e de outras ecologias, geografias e educações ambientais potencializadas pelas *cineconversas* e pelas *imagensnarrativas*, e que trazem os entrelaçamentos do ambiental com as questões étnico-raciais nos cotidianos escolares. Assim, desejamos com essa pesquisa que os *sujeitospraticantes* ergam suas vozes, sobretudo nas questões sociais, ambientais e raciais do município de Vila Velha.

Figura 37 - *Imagemnarrativa* da estudante



Fonte: Acervo pessoal.

A metodologia de *cineconversas* possui suas potencialidades, principalmente em uma interação para além das telas, de modo que, assistir ao episódio e dialogar posteriormente (e antes também), nos aproxima do que disse Paulo Freire (1987, p. 5) de que, “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Sabemos que essa metodologia é passível de não ser atrativa para todos os estudantes, como uma estudante disse, “não me interessa por vídeos”, sem querer explicar o motivo. Entendemos também o quão belos são os trabalhos dos estudantes com o *verouvirsentirpensar* e as *imagensnarrativas* que criaram, relacionando o local e o global.

Por fim, a partir dessa *cineconversa* inicial e das *imagensnarrativas* dos educandos ressaltamos a pertinência de realizarmos práticas pedagógicas problematizadoras, dialógicas, coletivas e como prática de liberdade.

No próximo capítulo, uma outra *cineconversa* é abordada com o episódio “Bob Esponja Protesta” e continuamos os diálogos com as Educações Ambientais e as consequências das intervenções humanas.

8 EPISÓDIO “BOB ESPONJA PROTESTA”

Uma outra *cineconversa* que discute temas ecologistas e foi trabalhada com os *praticantespensantes* trata de um episódio do seriado do “Bob Esponja”. Criado pelo biólogo marinho e cartunista Stephen Hillenburg, originalmente o seriado americano foi produzido e exibido pelo canal Nickelodeon.

O seriado gira em torno do Bob Esponja que vive em um abacaxi no fundo do mar, numa localidade chamada Fenda do Biquíni. Alguns episódios apresentam, de forma fictícia, situações bem próximas da realidade atual que vivenciamos no que se refere aos problemas ambientais, como é o exemplo do que ocorre no episódio 15 da 7ª temporada, intitulado, “Bob Esponja Protesta⁴⁰”.

Os personagens rotineiros (Figura 38) de “Bob Esponja” são: Bob Esponja (personagem título), Patrick Estrela (melhor amigo do Bob Esponja), Lula Molusco Tentáculos (vizinho e colega de trabalho do Bob Esponja), Sandy Bochechas (amiga do Bob Esponja), Gary Caracol (animal de estimação do Bob Esponja), Seu Siriguejo (dono Siri Cascudo e chefe do Bob Esponja), e Plankton (dono do Balde de Lixo e rival do Siri Cascudo), entre outros.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLnpo3fQoGFhOmBgosgS3BHgu-ZXqPQWoB>. Acesso em: 04 abr. 2023.

Figura 38 - Os personagens principais do “Bob Esponja”



Fonte: Site A Gazeta.⁴¹

O episódio inicia com Bob Esponja e Patrick na entrada do Parque Campo das Águas Vivas entusiasmados para entrarem para caçar águas vivas. Após pegarem uma água viva eles a devolvem, mas, o entusiasmo termina quando se deparam com um *outdoor* anunciando a construção de uma superestrada. Bob Esponja fica logo muito preocupado com o Campo das Águas Vivas, e depois Patrick, que a princípio não entendeu a gravidade da situação, diz

Patrick: O que você está querendo dizer é que se eles construírem uma superestrada pelo campo das Águas Vivas, cada espécie de flora e fauna será expulsa do ecossistema que formaram, e serão totalmente destruídas.

Bob Esponja: Não é uma versão simplificada, mas é mais ou menos isso.

Se torna cômico, pois para quem conhece o seriado, sabe que o Patrick entende os fatos de modo muito peculiar. A partir de então, os dois amigos tentam convencer a comunidade local sobre o risco da construção da superestrada, sendo essa uma tentativa frustrada inicialmente. Por fim, Bob Esponja, triste, conversa com o Siriguejo sobre a situação que irá mudar a vida de toda a comunidade, e este se coloca a favor do empreendimento da superestrada, entendendo que a obra trará mais clientes, lucro e desenvolvimento.

⁴¹ Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/novo-filme-de-bob-esponja-contara-origem-do-personagem-1018>. Acesso em: 03 abr. 2023.

Só que tanto Bob Esponja quanto Siriguejo percebem que a superestrada passará nas terras do Parque Campo das Águas Vivas e por cima do Restaurante Siri Cascudo, dificultando o acesso dos clientes e, ao mesmo tempo, beneficiando o acesso aos clientes para o Restaurante Balde de Lixo, cujo dono é o Plankton, rival do Siriguejo. Os dois descobrem também que a empresa responsável pela superestrada é a Sheldon Plankton, ou seja, tudo organizado para favorecer o Plankton.

Vemos uma comparação com a nossa sociedade ocidental em que uma lógica de ideias de desenvolvimento perpassa por mudanças ambientais, destruindo ecossistemas e seres vivos, por alegação de um motivo maior, o bem de todos, sendo, na verdade, o benefício dos interesses de poucos, os poderosos.

A capacidade de nos *amaciar* que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder (FREIRE, 1996, p. 65).

Depois, Bob Esponja e Siriguejo, ao questionarem o Plankton, percebem que toda comunidade votou a favor da construção da superestrada, inclusive o Siriguejo, durante uma reunião da comunidade com a participação do prefeito e que ele próprio trouxe a questão para ser votada. Nesse momento, Bob Esponja diz que não irá desistir e resolve imprimir folhetos e entregar, junto com o Patrick, para tentarem reverter essa situação e a construção da superestrada. É assim a vida dos que buscam lutar junto aos oprimidos, aos ecologistas que não fecham os olhos para as consequências danosas à vida no planeta.

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la.

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (FREIRE, 1987, p. 18).

Bob Esponja e Patrick rodam a cidade entregando folhetos (Figura 39) com a frase: “Salve o Campo das Águas Vivas”, mas novamente não obtêm sucesso, sendo considerados pela população local como baderneiros e, por isso, levados à prisão.

Figura 39 - Panfleto que aparece durante o episódio "Bob Esponja Protesta"



Fonte: Episódio “Bob Esponja Protesta”.

Ao serem presos, os dois amigos são levados para fora da cidade e, após um diálogo triste, por não terem conseguido o objetivo de alertar a população, os dois encontram uma parada, desfile, com uma multidão comemorando a construção da superestrada, na medida em que a mesma destrói e altera a paisagem e o ecossistema (Figura 40).

Figura 40 - Cena da estrada e a destruição do ecossistema



Fonte: Episódio "Bob Esponja Protesta".

Com a superestrada funcionando e com a baixa adesão de usuários, Bob esponja, Lula Molusco e Seu Siriguejo conversam sobre os prejuízos que estão enfrentando decorrente do empreendimento.

Siriguejo diz que venderá a receita secreta do hambúrguer de siri para o Plankton (ter a receita secreta do Siri Cascudo é um desejo recorrente do Plankton em vários episódios do seriado). Ao chegar triste no Balde de Lixo, Siriguejo está prestes a entregar a receita secreta quando é interrompido por várias águas vivas, "invadindo" a cidade e causando um caos. Após três dias de destruição, em uma chamada ao vivo pela televisão local, Bob Esponja novamente alerta que a única solução é destruir a superestrada e devolver as águas vivas ao seu habitat natural.

Tentam destruir a estrada com um trator, mas, Bob Esponja e os amigos mais próximos não conseguem, contudo, com a participação coletiva de toda a comunidade da Fenda do Biquíni (Figura 41), conseguem retirar a superestrada e as águas vivas voltam ao seu habitat natural.

Figura 41 - Cena de todos juntos contra a superestrada



Fonte: Episódio “Bob Esponja Protesta”.

8.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM “BOB ESPONJA PROTESTA”

A *cineconversa* com o episódio “Bob Esponja Protesta” contou com um imprevisto de última hora, o projetor da sala de informática não quis funcionar e, mesmo pedindo para que a professora que entende um pouco mais da parte técnica tentasse resolver, o plano B foi acionado. Os estudantes foram divididos em dois grupos (naquele dia havia pouco mais de 20 estudantes), e assistiram ao episódio nos computadores. Foi bom, mesmo com o problema técnico, tanto que houve uma boa conversa depois.

Antes do episódio do “Bob” ser assistido, a turma ficou eufórica e feliz, pois a maioria gosta muito do desenho, sendo assim, foi explicado que o episódio interligava assuntos já trabalhados sobre a degradação do planeta Terra e dialogava também com uma prática pedagógica realizada anteriormente, acerca do Rio Marinho, em Vila Velha.

Os estudantes elaboraram suas *imagens narrativas* e a maioria dos *praticantes pensantes* associaram a degradação ocorrida no episódio com a situação do Rio Marinho, que está poluído e muitas vezes associado como valão, como no diálogo a seguir:

Estudante A: O valão aqui perto tem muito lixo que as pessoas jogam.

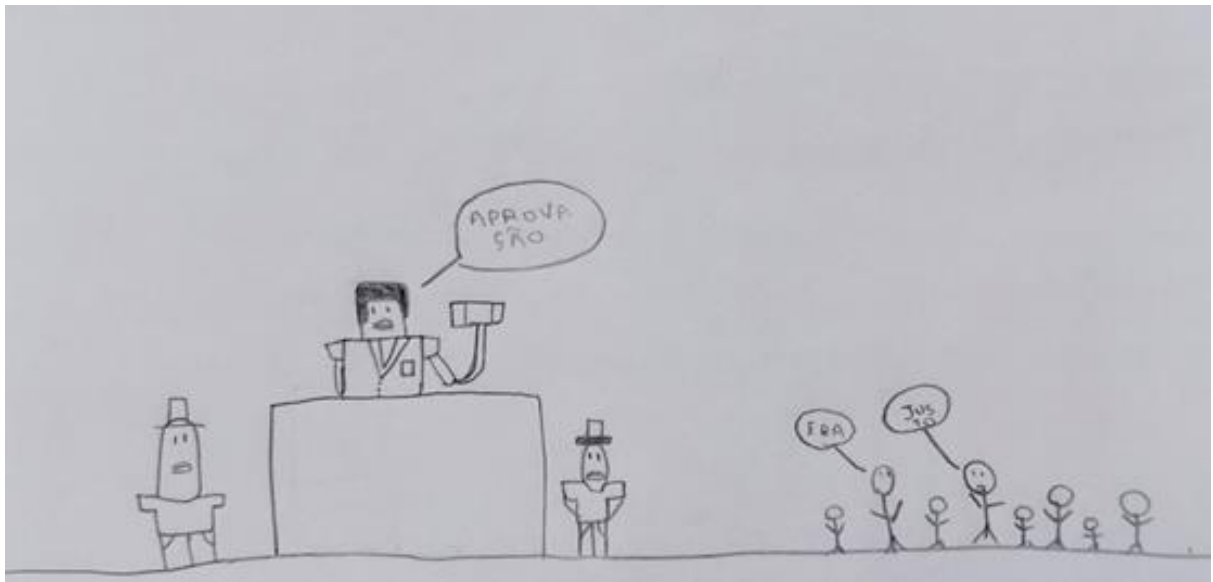
Estudante B: Não é valão, é o rio Marinho.

Estudante C: É verdade, meu pai disse que já tomou banho há muito tempo atrás.

Estudante B: Sim, o rio já foi limpo, mas agora está poluído.

Ao lembrarem do episódio, foi explanado sobre a importância da participação da comunidade que, na ocasião, votou a favor da estrada. Uma estudante disse: “que todos são importantes, até nas pequenas atitudes”. Depois continuou dizendo: “uma menina que vai comigo no transporte joga papel de bala e diz que um papel não faz diferença”. A turma toda concordou e disse que faz diferença, lembrando do episódio. Outra estudante escreveu: “na minha opinião, para a votação ter dado certo, a população deveria saber mais sobre o projeto”, e também fez um desenho (Figura 42).

Figura 42 - *Imagem narrativa* da estudante sobre a votação da superestrada



Fonte: Acervo pessoal.

Outro estudante escreveu sobre a importância da população, com a frase: “eles (Bob Esponja e Patrick) tentaram fazer o protesto, mas não deixaram”, lembrando o quanto o coletivo tem peso nas ações. No mesmo sentido, outro estudante escreveu no desenho (Figura 43) a frase: “cuidem da natureza”.

Com estas *imagens narrativas* e as reflexões dos nossos *praticantes pensantes* reforçamos as possibilidades de outros conhecimentos e outras educações ambientais com a participação ativa dos estudantes.

Desse modo, quanto à criação de conhecimentos e significações utilizando novas linguagens, aprende-se e ensina-se, por uma participação ativa, reelaborando outros conhecimentos e significações, fazendo surgir processos e movimentos novos para criá-los. Nesses processos e movimentos, também, se está reavaliando uma educação que se dava apenas por transmissão e recepção de informação, e não pela comunicação e pelo diálogo dos *praticantes pensantes* envolvidos, em articulações horizontais (CALDAS, 2015, p. 36).

Figura 43 - *Imagem narrativa* do estudante com a frase: “cuidem da natureza”



Fonte: Acervo pessoal.

Um dos estudantes recordou as consequências para o restaurante Siri Cascudo (Figura 44), que ficou sem clientes e deixou o Bob Esponja triste, pois ele gosta do

emprego. Comentamos que as obras trazem impactos para algumas comunidades e lugares da cidade, sendo destinadas ao benefício de alguns, podendo trazer prejuízos para outras pessoas. Foi citado também que, mesmo com os problemas, o Siriguejo não ajudou, e a população residente na Fenda do Biquíni ficou inerte, possibilitando que alguns estudantes da turma relatassem um problema recorrente em suas famílias de não se preocuparem com as questões ecológicas.

Neste momento, conversamos sobre a responsabilidade da comunidade e das lideranças comunitárias nas votações e nas escolhas de obras públicas. Foi lembrado e conversamos sobre as obras de dragagem do Rio Marinho e a revitalização paisagística.

Figura 44 - *Imagemnarrativa* do Siri Cascudo embaixo da superestrada



Fonte: Acervo pessoal.

A *cineconversa* foi além da expectativa de participação, possibilitando reflexões acerca das problemáticas locais, dentre elas as obras públicas realizadas nas proximidades da escola. Outro ponto importante foi que alguns estudantes conversaram sobre temas ecologistas com a família, contudo, outros não, o que nos

leva ao alerta feito por Krenak (2020a) sobre o ensino e participação da família e da escola.

Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual. [...] Talvez essa parada por causa da pandemia faça muita gente repensar por que mandam seus filhos para um reduto chamado escola e o que acontece com eles lá. Os pais renunciaram a um direito, que deveria ser inalienável, de transmitir o que aprenderam, a memória deles, para que a próxima geração possa existir no mundo com alguma herança, com algum sentimento de ancestralidade (KRENAK, 2020a, p. 101-102).

A *cineconversa* com o “Bob Esponja Protesta” trouxe o sentimento de educação ambiental política, problematizadora, que denuncia e anuncia, fomentando a coletividade, as redes de saberes e as leituras de mundo dos educandos.

No próximo capítulo, abordaremos a *cineconversa* com o filme “Lorax: Em busca da Trúfala Perdida”, e temas como os desdobramentos do capitalismo na sociedade.

9 CINECONVERSA COM “O LORAX”

Outra *cineconversa* que dialoga com pautas ecologistas e foi trabalhada com os *praticantespensantes* é “O Lorax: Em busca da Trúfula Perdida⁴²”. Trata-se de um filme adaptado de obra literária com o título “*The Lorax*”, criada por Dr. Seuss⁴³. A adaptação com roteiro de Ken Daurio e Cinco Paul, e dirigido por Chris Renaud se tornou um longa de animação (Figura 45), da *Universal Pictures e Illumination Entertainment*, estreando nos cinemas em 2012.

Figura 45 - Imagem com alguns personagens, entre eles o Lorax, o Umavez-Ildo, Audrey e Ted



Fonte: Site Netflix.⁴⁴

O filme apresenta Ted, um rapaz de aproximadamente 12 anos, que vive na cidade chamada *Thneedville*, onde não existem árvores de verdade, pois estas foram

⁴² Disponível em:

<https://www.netflix.com/br/title/70208102?s=i&trkid=13747225&vlang=pt&clip=81009723>. Acesso em: 04 abr. 2023.

⁴³ O pseudônimo Dr. Seuss é utilizado pelo autor infantil estadunidense Theodor Seuss Geisel. Este foi também um cartunista político, ilustrador, poeta, animador e cineasta. Ele é conhecido por seu trabalho escrevendo e ilustrando mais de sessenta livros, entre estes “*The Lorax*”, publicado em 1971.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70208102>. Acesso em: 04 abr. 2023.

completamente destruídas e, conseqüentemente, o ar que respiram é artificial e comercializado pela empresa O'Hare. Logo, é apresentado que não só árvores, mas quase tudo é artificial ou está contaminado, como a água, tornando-se um negócio lucrativo para Aloysio O'Hare, dono da empresa com mesmo nome. Além de rico por seus negócios ligados principalmente à venda de ar, ele é prefeito da cidade.

Ted mora próximo a Audrey, uma jovem um pouco mais velha que ele, e que em um diálogo cita histórias do mais velhos sobre árvores que se estendiam e eram lindas, e o ar era bom para respirar. Com a intenção de trazer uma árvore de verdade para impressionar a garota por quem é apaixonado, Ted busca informações com a família.

Ele mora com sua mãe Wiggins e sua avó Norma. Sua mãe não o entende, diz que árvores sujam e que o melhor são as árvores eletrônicas. Contudo, sua avó lhe dá atenção, diz que era muito bom quando havia árvores e fala que fora dos muros da cidade (sim há grandes muros de metal para proteção ou não dos cidadãos) existe alguém que pode dar respostas sobre o que aconteceu com as árvores, o Umavez-Ildo. Neste trecho, como em outros momentos da narrativa, vemos a importância da memória na sociedade, sendo que a memória individual pode contribuir com a memória coletiva, fortalecendo ideias de uma comunidade.

[...] Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais.

É preciso sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia; laços que, antes da secularização moderna, amarravam a memória pública à memória individual (BOSI, 2003, p. 22).

Com muita dificuldade, Ted chega na casa onde mora Umavez-Ildo. Este não o quer atender, principalmente por ele estar mais interessado em impressionar uma garota, contudo, diz que é tudo culpa dele e começa a lhe contar a história do que houve. A partir deste momento, o filme mostra cenas do passado sobre as árvores e cenas do presente.

É apresentado Umavez-Ildo jovem, com interesse de ganhar muito dinheiro saindo de sua casa, aparentemente rural e isolada. Na cena, sua família (mãe, pai, tia e dois irmãos) riem na sua cara por não acreditarem no seu sucesso. No caminho, Umavez-

Ildo diz que tem a ideia de um produto revolucionário, com mil utilidades, só lhe falta o material certo para produzi-lo.

Após longa viagem, chega a um lugar (Figura 46) que parece um paraíso com uma paisagem vibrante, árvores lindas (trúfulas) e animais felizes: ursos, pássaros parecidos com patos e peixes (que andam e cantam). Tudo parece magnífico até Umavez-Ildo cortar uma árvore, o que faz com que os animais fiquem assustados. Logo após surge o Lorax, um ser sobrenatural que diz que “fala pelas árvores”. O Lorax é um ser baixinho, com um grande bigode e não parece imponente, mas, ameaça o Umavez-Ildo advertindo-o sobre as consequências dos seus atos.

Figura 46 - Cena de quando o Umavez-Ildo encontra as trúfulas



Fonte: Filme “Lorax: em Busca da Trúfula Perdida”.

Enquanto isso, as cenas se voltam para o presente, e Umavez-Ildo diz que continua a história no outro dia, e Ted volta para a cidade. No dia seguinte, Ted está em um jogo em família, mas consegue sair de casa. Contudo, no caminho, é ameaçado por O’Hare, no seguinte diálogo:

O’Hare: Então... eu soube que ficou interessado em árvores. Mas que história é essa?

Ted: Como o senhor soube disso?

O’Hare: Há muita pouca coisa aqui em *Thneedville* que eu não fique sabendo... seguinte, eu vendo ar fresco para as pessoas, as árvores dão ar de graça. Então quando eu ouço alguém falando delas é meio como uma ameaça ao meu negócio.

Ted: Eu nem sei o que está falando.

O'Hare: Escuta aqui moleque, não mete o nariz naquilo que não é da sua conta ou eu serei o seu pior pesadelo.

Após mais algumas falas, o senhor Aloysio O'Hare fala para Ted voltar para o joguinho em família, comprovando que ele “têm olhos em todos os lugares”. Mesmo assim, Ted consegue sair da cidade para continuar ouvindo a história das árvores narrada pelo Umavez-Ildo.

Umavez-Ildo conseguiu com algumas “folhas” da trífula produzir o *Sneed* (o produto revolucionário que ele havia dito, que possui elasticidade e pode ter várias funções) e faz uma promessa de não cortar árvores para fazer o *Sneed*. Após tentativas malsucedidas de vender na cidade próxima o produto, por acidente, uma pessoa começa a usar o *Sneed* como chapéu e vira um sucesso. Umavez-Ildo convida toda a família para ajudá-lo na produção.

Mãe: Zildinho, temos um pequeno problema... é a produção de *Sneed*, está muito devagar.

Irmãos: Coletar todo esse *Sneed* é muito demorado.

Umavez-Ildo: Bom... então o que a gente faz?

Mãe: Eu tive uma ideia genial. Que tal se a gente derrubasse as árvores?

Umavez-Ildo: O quê?

Pai: Assim é que se fala... isso ia ser bom demais!

Umavez-Ildo: O quê..., mas...

Mãe: Sem mais Umavez-Ildo, você é um homem de negócios, você tem que fazer o que é o melhor para sua empresa e para sua mãe!

Umavez-Ildo: Bom, eu acho que não tem nada demais em derrubar algumas árvores.

Mãe: Esse é que o orgulho da mamãe, vem cá!

Pai: Olha... eu sou fã desse cara!

A partir disso começa uma destruição das árvores e uma produção em larga escala do *Sneed* com a trilha sonora “Será que eu sou ruim?⁴⁵” que será apresentada

Será-á-á que eu sou ruim?

Eu só faço o que é bom pra mim!

Será-á-á que eu sou ruim?

Meu destino sigo até o fim!

Será-á-á que eu sou ruim?

Eu só faço o que é bom pra mim!

Será-á-á que eu sou ruim?

Será que eu sou tão ruim assim?

Tem uma lei da natureza (lei da natureza)

Pra ela não tem exceção

Sobrevivência dos mais fortes (sobrevivência dos mais fortes)

Quem sabe não esquece não

O animal que vence, ele arranha e morde e come até o osso

⁴⁵ Música do filme Lorax, disponível em: <https://www.letras.mus.br/lorax/sera-que-eu-sou-ruim/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

E o animal que perde, bom, o animal que perde já já vai virando
 Ala-la-la-la almoço (osso, osso, osso, osso, osso)
 Diz aí
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Eu só faço o que é bom pra mim!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Meu destino sigo até o fim!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Eu só faço o que é bom pra mim!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Será que eu sou tão ruim assim?
 É o princípio dos negócios (princípio dos negócios)
 Que todos temos que encarar
 Que diz que gente com dinheiro (gente com dinheiro)
 É que faz esse mundão girar
 Vou crescer minha empresa!
 Vou crescer minha riqueza, veja como meu cartaz cresceu!
 Todo mundo aí cuide do que é seu!
 Que eu cuido do que é meu, meu, meu, meu, meu!
 (Minha poupança já cresceu!)
 Quero ouvir fumaça fumer (fumaça fumer)
 A gosma gosmar (gosma gosmar)
 Pra quê reclamar se isso nunca, nunca, nunca vai mudar?
 Então será que eu sou ruim?
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Eu só quero ganhar mais din din!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Olho só como eu posso ser bonzin
 Será-á-á que eu sou ruim?
 (Uma parte dos lucros doamos sim!)
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Será que eu sou tão ruim? Diz pra mim!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Os fregueses tão comprando!
 Será-á-á que ele é ruim?
 E a grana aumentando!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 A propaganda enganando!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 Advogados só negando!
 Será-á-á que eu sou ruim?
 As florestas eu vou derrubando!
 Será-á-á que ele é ruim?
 E eu continuo lucrando!
 Me diz!
 Será que isso é tão ruim assim?

Após a música, a paisagem está devastada e Lorax argumenta que ele precisa parar, contudo, Umavez-Ildo diz que nada o irá parar, e a cena mostra a última árvore de trífula (Figura 47) sendo cortada, assim o Lorax diz que isso o irá parar. A família o abandona, e na cidade dois homens limpam a rua, e um diz para o outro: alguém ganhou muito dinheiro com este *Sneed* (o homem tosse). Qual será a próxima invenção revolucionária? O outro homem, senhor Aloysio O'Hare jovem antes da riqueza, responde: É, qual será? (com olhar de quem está tendo uma ideia). Fica

evidente nesta cena que, apesar dos problemas causados pelo consumismo desenfreado, a resposta seria um novo negócio, para o “resgate” da saúde e do bem-estar da população, uma “novidade”, mostrando o capitalismo se ajustando para oportunamente atender aos “desejos” da sociedade.

O sistema capitalista tem um poder tão grande de cooptação que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente uma mania. Estamos, todos nós, viciados no novo: um carro novo, uma máquina nova, uma roupa nova, alguma coisa nova. Já disseram: “Ah, mas se a gente pode fazer um automóvel elétrico, sem gasolina, não será poluente”. Mas será tão caro, tão sofisticado, que se tornará um novo objeto de desejo. Nós sabemos que precisamos renunciar às coisas que estão estragando a nossa vida no planeta, o problema é que as pessoas querem renunciar a elas por outras coisas mais novas e bonitas (KRENAK, 2020a, p. 61-61).

A nova configuração da cidade no filme seria um local artificial, autoritário, fechado, com sua história velada. Sua sociedade atraída por novidades e sem preocupações. Uma grande ilusão.

Figura 47 - Cena da última árvore sendo cortada pelo trator



Fonte: Filme “Lorax: em Busca da Trúfula Perdida”.

O filme continua com Umavez-Ildo dizendo para Ted: “a menos que você não se importe de montão, nada vai mudar. Não vai não”, a mesma frase que o Lorax lhe disse anos atrás, e entrega para Ted uma semente de trúfula lhe dizendo para plantar no meio da cidade para que todos vejam. Aqui percebemos a capacidade do ser

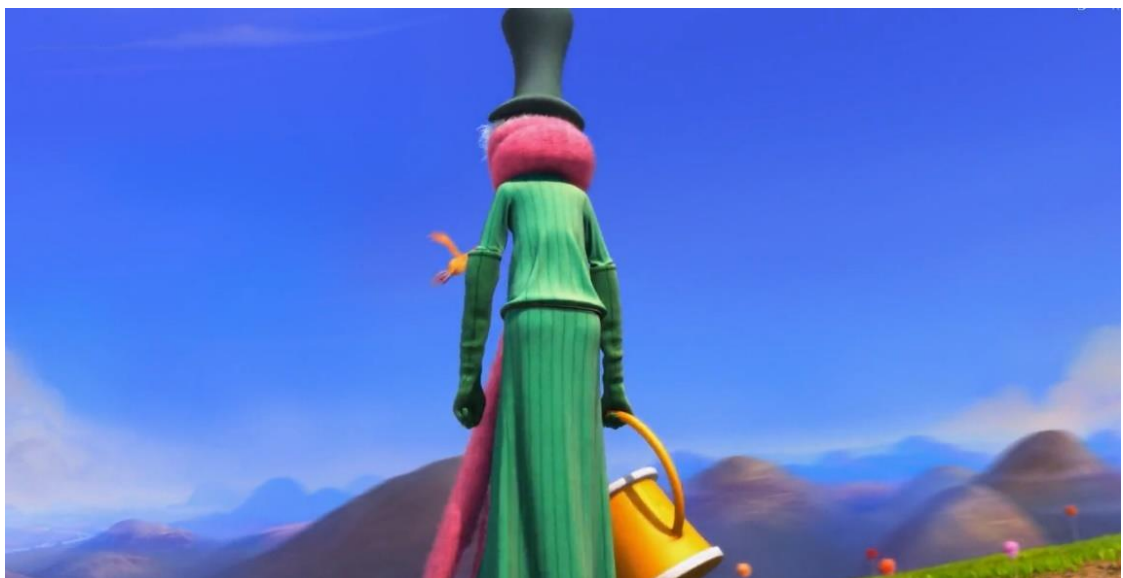
humano de causar danos ao ambiente em que vive e aos seres ao redor, mas também sua possível “redenção”. Entretanto, como em muitas produções *hollywoodianas*, é entregue a concepção heroica a um indivíduo, contudo, é o coletivo que deve ser o foco, o movimento coletivo que muda, reescreve histórias de sociedades.

Se a última semente da árvore de trífula estava com Umavez-Ildo, por que ele não a plantou e reverteu todo o cenário, que até então o deixava isolado e triste? O filme opta por não mostrar essa questão e deposita em Ted a suposta salvação da “natureza”. E, ainda reforça que Ted não pode decepcionar Umavez-Ildo, pois nele foi colocada a expectativa de mudança, sendo o garoto considerado o herói do planeta (ROSA, 2016, p. 75).

Ao chegar na cidade, Ted é perseguido pelos capangas do senhor O’Hare que tentaram pegar a semente que viram pelas câmeras. Com a ajuda de Audrey, sua mãe e avó, Ted tenta plantar a semente no meio da cidade e tenta convencer a todos sobre a importância das árvores.

Por fim, todos na cidade concordam dos malefícios do modo de vida artificial que vivem, com água poluída, ar ruim, saúde ruim, ganância, dizendo, “vai crescer, vai crescer, deixe tudo renascer!”. Aloysio O’Hare foi expulso da cidade pelos próprios capangas. A última cena (Figura 48) mostra a volta das árvores, do ar e água limpa, os animais retornando para a cidade e Lorax vem para dar um abraço em Umavez-Ildo e lhe dizer algumas palavras.

Figura 48 - Umavez-Ildo observando um pássaro e, ao redor, a natureza voltando ao que era antes da destruição



Fonte: Filme “Lorax: em Busca da Trífula Perdida”.

9.1 CONVERSANDO E PRATICANDO COM “O LORAX”

Na sala de aula, os *praticantespensantes* ficaram animados quando foi anunciado que aquele seria dia de filme e que o título era “Lorax: Em busca da Trúfula perdida”, pois alguns já haviam assistido. Logo, foi avisado que se tratava de uma *cineconversa* e que o filme abordaria assuntos que já havíamos trabalhado e também que ainda seriam trabalhados como, por exemplo, tipos de paisagem, e que apareceria algumas paisagens diferentes.

Também foi dito que questões ambientais seriam o ponto alto do filme, o que colaborava com uma palestra da qual participariam naquele dia, com os “Guardiões do Mestre,⁴⁶” que apresentam sobre a fauna e flora da APA (área de preservação ambiental) do Mestre Álvaro,⁴⁷ além de apresentar as nascentes existentes naquele espaço, o que foi muito bom para alguns conhecerem o trabalho e reforçarem a necessidade da participação da sociedade com o ambiente em que vive.

O filme possui muitas cenas com músicas e foram os momentos mais alegres em que a agitação tomou conta, mas, também houve muita tristeza por parte da maioria ao perceberem a última árvore sendo cortada. Naquele dia, mesmo com duas aulas, não houve tempo hábil para conversar sobre o filme, visto que o mesmo terminou a apenas alguns minutos do fim da aula.

Na aula seguinte, alguns estudantes disseram que assistiram novamente o filme em casa, seja porque não entenderam algumas cenas (às vezes por conversas dos colegas) ou porque gostaram da animação. Ao falar sobre o filme, foi perguntado: qual foi o tema central? Alguns disseram o desmatamento, outros a ganância humana,

⁴⁶ A associação Guardiões do Mestre tem como objetivos sociais a promoção, educação, defesa, conservação e a preservação; coibindo as ações depredatórias utilizando para isso todos os meios e recursos legais aplicáveis, tendo como prioridade a Área de Proteção Ambiental (APA) Mestre Álvaro.

⁴⁷ O monte Mestre Álvaro, localizado no município de Serra/ES, é uma das maiores elevações litorâneas da costa brasileira e abriga uma das últimas áreas de Mata Atlântica de altitude do estado do Espírito Santo.

outros disseram capitalismo. A turma foi bastante participativa, a maioria queria falar algo sobre o filme. Solicitamos como atividade que escrevessem ou fizessem um desenho sobre o que o filme o fez pensar ou o que mais gostaram do filme. Em uma outra aula foi apresentado para a turma o material que eles elaboraram.

Dentre algumas narrativas e desenhos, alguns resolveram resumir o que foi trabalhado no filme, dizendo, “O filme Lorax mostra a realidade de um jeito simples.” Ou, ainda, ao dizer, “Lorax é um filme muito bom, já assisti várias vezes, inclusive recomendo. O Lorax mostra o cara que teve ganância e arrancou todas as árvores (Figura 49), até lá ele tinha muitos amigos, mas quando as árvores acabaram todo mundo foi embora”.

Figura 49 - Vale das trúfulas



Fonte: Acervo pessoal.

Já uma estudante lembrou da cena (Figura 50) da promessa feita pelo Umavez-Ildo em proteger as árvores. Neste momento, foi lembrado que a participação coletiva é importante para o cuidar do ambiente em que vivemos e não pensarmos o meio ambiente como um serviço, um negócio, algo a nos servir, uma ideia capitalista moderna e que defende o consumo desenfreado, como nos lembra Ailton Krenak (2019, p. 24-25).

[...] E nossas crianças, desde a mais tenra idade, são ensinadas a serem clientes. Não tem gente mais adulada do que um consumidor. São adulados até o ponto de ficarem imbecis, babando. Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões.

Figura 50 - *Imagemnarrativa Umavez-Ildo, Lorax e os ursinhos*



Fonte: Acervo pessoal.

A maior parte dos estudantes lembrou do desmatamento, como a *imagemnarrativa* (Figura 51), representando o desmatamento, “cortou todas as árvores, deixando tudo morto”. Outros estudantes foram além, comentando sobre a ganância para produzir mais, a poluição da água deixando o menino verde (em uma cena um menino na cidade cai na água e fica verde pela radiação), e também, como não poderia faltar, comentaram sobre a qualidade do ar, “O ar ficou ruim e era vendido pelo O’Hare, por isso ele era rico”. Ou ainda, “Ele era rico e não queria as árvores”.

Figura 51 - *Imagemnarrativa* sobre desmatamento em o “Lorax”



Fonte: Acervo pessoal.

Na *cineconversa* também foi abordada a vigilância na cidade na fala de uma estudante: “o prefeito vigiava a todos”. No que tange à industrialização e ao consumo desenfreado o estudante narrou que, “Ele (Umavez-Ildo) ficou rico porque todos queriam *Sneed*.” E ainda sobre a memória, a estudante comenta que “a avó sabia sobre as árvores”.

A metodologia de *cineconversas* potencializou o encontro e diálogo dos saberes dos educandos e de suas geografias, ecologias e educações ambientais, como no caso do filme “Lorax: Em busca da Trúfula perdida”, com reflexões nos docentes e discentes, tecendo narrativas que vão de encontro ao modelo capitalista neoliberal.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra,

passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consiga pensar é natureza.

Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas grandes corporações, que são os donos da grana (KRENAK, 2020a, p. 83).

Os contrastes dessa sociedade “perfeita” alcançada pelo consumismo em “Lorax” também são percebidos pelos estudantes, e também a visão *hollywoodiana* de heroísmo apresentada no filme, em que um rapaz toma a frente e encaminha a resolução dos problemas sociais.

Portanto, quando abordamos as *cineconversas* também refletimos sobre o que Ailton Krenak (2022) diz acerca da experiência coletiva na educação indígena e o questionamento de criar líderes para o futuro, pois “a base da educação é feita em fricção com o cotidiano. A eventual liderança de uma criança será resultado da experiência diária de colaboração com os outros, não de concorrência” (KRENAK, 2022, p. 115).

PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta possibilidades para a realização da metodologia das *cineconversas* em práticas pedagógicas de educação ambiental com o ensino de Geografia nos cotidianos escolares, apostando numa educação ambiental ético-estético-política e uma educação antirracista, anticolonial, dialógica, problematizadora e como prática de liberdade.

A metodologia de *cineconversa* e as práticas pedagógicas realizadas com os estudantes e problematizadas na dissertação fomentaram relações ecologistas com as diferentes turmas envolvidas e em momentos diferentes ao longo do ano. Com o interesse de um aprofundamento melhor das discussões e um melhor entendimento foi pensada uma sequência didática das *cineconversas*, pensando nas quatro *cineconversas* trabalhadas na dissertação.

Essa proposta de práticas pedagógicas de educação ambiental com as *cineconversas* no ensino de Geografia tem como intencionalidade debater as problemáticas ambientais locais e suas relações com a crise ambiental global, a partir de uma abordagem de educação ambiental e de ensino de Geografia que se aproxima da perspectiva decolonial, antirracista, coletiva, dialógica, problematizadora e como prática de liberdade.

Tal proposta pedagógica, pensada inicialmente para o 8º ano do Ensino Fundamental, contempla assuntos e conteúdos de propostas curriculares oficiais, como é o caso da BNCC, na qual uma das Unidades temáticas consiste em abordar “Natureza, ambientes e qualidade de vida”, e, dentre os objetivos de conhecimento estão listados: “Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na América Latina”.

Outro objetivo de conhecimento para este ano do Ensino Fundamental consiste em abordar as “Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina”. Pensando nesses objetivos e interrelacionando as escalas macropolíticas e micropolíticas da vida cotidiana dos *praticantespensantes*, nossa intencionalidade está em contemplar as habilidades propostas da BNCC, dentre elas, a EF08GE16:

analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho; e EF08GE17: analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.

CINECONVERSAS COM AS ECOLOGIAS E GEOGRAFIAS DE VILA VELHA

A elaboração dessa proposta de produto educacional teve como inspiração as experiências que tivemos com a metodologia das *cineconversas* em nosso grupo de pesquisa em 2021, quando a professora e pesquisadora Dra. Andreia Teixeira Ramos realizou algumas *cineconversas* com membros do nosso grupo de pesquisa e que contou com a participação de professores/as das redes de ensino, pesquisadores/as, cineastas dos curtas-metragens exibidos, estudantes e público em geral. Tal oportunidade nos possibilitou o encontro com outras perspectivas teóricas, dentre elas, segundo Alves e Ramos (2022), as perspectivas

teóricas do cinema negro, da educação e da literatura, tais como Edileuza Penha de Souza (2013), Nilma Lino Gomes (2003, 2010), bell hooks (2019a, 2019b, 2019c), e Conceição Evaristo (2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2017c), além dos pensamentos de Paulo Freire (1996, 2014) e de Marcos Reigota (1999, 2016) (ALVES; RAMOS, 2022, p. 3).

As *cineconversas* realizadas em 2021 foram apresentadas em forma de artigo acadêmico,⁴⁸ divulgando parcialmente os resultados do projeto de pesquisa intitulado “Movimentos migratórios: diáspora africana no cinema e nos cotidianos escolares” (UERJ/Proped/2020-2021).⁴⁹

⁴⁸ ALVES, N.; RAMOS, A. T. ‘Cineconversas’ para ‘verouvirsentirpensar’ o filme “Guri” nos cotidianos escolares. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 24, p. e022042, 2022. DOI: 10.22483/2177-5796.2022v24id4850. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4850>. Acesso em: 6 jun. 2023.

⁴⁹ Projeto de Pós-Doutorado PNPd/CAPES do Edital 01/2020, vinculado à linha de pesquisa Cotidianos, redes educativas e processos culturais, sob a supervisão da professora Nilda Alves. As atividades deste projeto de pesquisa contaram também com o apoio do Projeto de Extensão, Ensino e Pesquisa (Proex/CNPq) “Narradores da Maré”, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

As *cineconversas* foram assim realizadas, segundo as autoras:

A partir das ‘cineconversas’ online, em grupos compostos por aproximadamente 30 pessoas, ocorreram quatro encontros aos sábados, das 10h às 11h30, de março a junho, e foram discutidos, respectivamente, o documentário, de 25:51 min, *Mulheres de Barro* (HYSTERIA, 2018), dirigido por Edileuza Penha de Souza; o curta-metragem, de 15:50 min, *Cores e Botas* (PRETAPORTEFILMES, 2012), dirigido por Juliana; o curta-metragem, de 21:50 min, *Kbela* (KBELA FILME, 2018), dirigido por Yasmin Thayná e, por fim, o curta-metragem, de 13 min, *Guri* (GURI FILME, 2019), dirigido por Adriano Monteiro (ALVES; RAMOS, 2022, p. 4).

Também contribuíram para pensarmos nessa pesquisa e no produto educacional os trabalhos com as *cineconversas* do grupo de pesquisa “Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do cinema, suas imagens e sons”, coordenado pela professora e pesquisadora Nilda Alves, entre 2012 e 2015.

Desejamos com a proposta das *cineconversas* problematizar os dilemas ecológicos, geográficos, econômicos, históricos, sociais e culturais do município Vila Velha, com os saberes dos estudantes acerca da sua vida cotidiana e comunitária, pensando que essas outras ecologias e geografias estão imbricadas diretamente com nosso passado colonial e escravocrata que mantém e atualiza, na contemporaneidade, as relações opressoras e excludentes do racismo estrutural, institucional, cotidiano e ambiental. De certo modo, tal intencionalidade pode ser vivenciada com o filme “Lorax: Em busca da Trúfula Perdida”⁵⁰.

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (FREIRE, 1987, p. 51).

Na segunda *cineconversas*, com o episódio “O casamento de Roy”⁵¹ da série “Família Dinossauro”. o já discutido espaço geográfico é expandido com as segregações impostas por relações sociais e raciais, adentradas no neocolonialismo do sistema

⁵⁰ Disponível em <https://www.netflix.com/br/title/70208102?s=i&trkid=13747225&vlang=pt&clip=81009723>. Acesso em: 04 abr. 2023.

⁵¹ Disponível em <https://www.disneyplus.com/pt-br/video/14234730-8fcf-43e0-97f6-ca320e904874>. Acesso em: 24 nov. 2022.

capitalista. Há discussões ambientais, como o desmatamento, assim como o racismo e o racismo ambiental.

Com a terceira *cineconversas*, no episódio “A Música do Pântano”⁵² da série “Família Dinossauro”, o tema racial e de segregação continua a ser discutido, e neste episódio é possível ver como ocorre essa expressão na música e como as relações sociais dos grupos de mamíferos e dinossauros são construídas.

Na quarta *cineconversas*, foi trabalhado o episódio “Bob Esponja Protesta”⁵³ do seriado “Bob Esponja”, escolhido para finalizar o trabalho por ligar as modificações do espaço geográfico e o papel da sociedade nas micropolíticas comunitárias nas decisões de cunho ambiental, de forma mais notável com o exemplo da construção da superestrada e a destruição do Parque Campo das Águas Vivas.

CINECONVERSA ENTRE OS PROFESSORES DO GRUPO DE PESQUISA “TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGENS AUTOPOIÉTICAS”

Na prática, com o grupo de pesquisa “Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas”, ocorreu uma *cineconversa* sobre o episódio “Bob Esponja Protesta” e o filme “O Lorax: Em busca da Trúfula Perdida”. Estes audiovisuais foram assistidos previamente e na *cineconversa* ocorreram muitas reflexões, dentre as quais, algumas estão aqui escritas.

Foi perguntado quem gostaria de iniciar sua fala e um dos professores iniciou:

Foi chocante para mim perceber que a cidade era toda de plástico (se referindo ao filme do “Lorax”), e fez refletir sobre a quantidade de plástico que produzimos, dos descartáveis, que tudo é uma sacolinha, tudo é uma embalagem, é um produto

⁵² Disponível em <https://www.disneyplus.com/pt-br/video/14234730-8fcf-43e0-97f6-ca320e904874>. Acesso em 24 de nov. de 2022.

⁵³ Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLnpo3fQoGFhOmBgosgS3BHgu-ZXqPQWoB>. Acesso em 04 de abr. de 2023.

envolvido por papel filme, e me fez pensar até nas propostas que nós levamos para a escola.

[...]

Também pensei sobre o desprezo pelo local do outro no filme do “Lorax” com tantas promessas, mas nenhuma se cumpriu. Houve uma destruição, uma indústria não sustentável, uma sociedade não sustentável, e um modelo de vida não sustentável.

[...]

No final fica a dúvida, depois foi formada uma floresta, o rio da cidade ficou limpo?

Com estas questões iniciais, uma professora iniciou sua fala:

Problematizar as relações em que nós estamos, a relação com pertencimento do Bob esponja e do Patrick com o Campo das Águas Vivas e a possibilidade da estrada apresentada no episódio “Bob Esponja Protesta” com a negligência do poder do poder público, a falta de diálogo com poder público, me fez lembrar do filme “Narradores de Javé (2003)” e também o documentário “Quando sinto que já sei (2014)”.

[...]

Precisamos pensar nas relações que nós estamos realizando, com o cotidiano que estamos trabalhando uma relação libertadora Freiriana.

Outra professora iniciou sua fala:

Aquela comunidade do episódio “Bob Esponja Protesta” não deu importância para a construção da cidade, até porque a propaganda mostrava que seria muito bom. Me fez lembrar sobre barragens, as construções em encostas, o habitar colonial de Malcom Ferdinand (2022), e muitas pessoas compram essa ideia de progresso.

[...]

Percebemos que são poucos que percebem e buscam problematizar as mudanças ou as propostas de mudanças, mas estes são silenciados.

Um outro professor participante comenta:

Me fez pensar como estão sendo feitas as mudanças da educação no município de Vitória. Entramos num processo como um fio condutor, apenas passando as informações. Não há uma discussão sobre os interesses da comunidade, sobre comunidade escolar. E percebo como estes audiovisuais podem nos ajudar com este diálogo junto com as crianças, junto com nossos adolescentes, para falar sobre as demandas do bairro.

Uma outra professora inicia sua fala:

Sobre o filme do Lorax, me fez pensar sobre a música do sucesso, cantada pelo protagonista em uma parte do filme, “ser bem-sucedido”, e nessa busca ele até fala: “será que eu sou mal, eu quero me dar bem, quero lucro”, e vemos hoje essa noção de progresso que devasta, utiliza o que tem ao redor apenas como recurso. Me lembrei do Ferdinand (2022) e o habitar colonial, apenas devastando para colonizar, estou devastando em prol da modernidade. Me fez refletir quando ele vê no final que tá tudo devastado.

[...]

Me fez pensar sobre a fala do Ailton Krenak, da nossa sociedade que busca desenvolver, mas que devemos nos deixar envolver, envolver com a sociedade, suas problemáticas.

E sobre o episódio do “Bob Esponja” os personagens foram perceber quando as Águas Vivas tomaram a cidade, e eles perceberam que deveriam retirar a estrada. Houve uma votação pela estrada, até o seu Sirigueijo tinha votado em favor da estrada, e só depois refletiu e percebeu o problema, a propaganda enganosa que iria valorizar seu restaurante, o Siri Cascudo. Me lembrei da “humanidade zumbi”, que fala Ailton Krenak [...].

Uma outra professora continua sua fala:

Quem se beneficia com esse progresso? No município que atuo como professora enviamos propostas para Secretaria de Educação com alguns filmes, para realizar

trabalhos de cunho ambiental, racial, [...] inclusive, o município tem uma restrição de materiais, com cunho ambiental, e existe um enfrentamento dos professores no momento, até porque existe uma adaptação. Nós temos superado a partir do conhecimento, e a socialização da discussão mais ampla na área da Educação Ambiental. Não são só recicláveis, porque não pensamos a Educação Ambiental como a “Rainha da sucata”.

Outro professor inicia sua fala:

Trabalhar com o cinema, com o audiovisual, assim como as cineconversas, preenche uma lacuna nossa, como professores. Podemos trabalhar outras linguagens artísticas. poesia, teatro que são fundamentais para nossa formação e é algo que vem preencher uma lacuna da nossa formação, como professores pautados na lógica técnica-instrumental, competitiva, individualista, operacional, reprodutivista.

[...]

É importante para nossa formação as práticas pedagógicas pensadas nas questões ambientais locais, fomentando também outras discussões como Andreia Ramos (2021) e as questões raciais e os cotidianos escolares. Esse tipo de metodologia vem para contribuir para nós criarmos um espaço dialógico problematizador, diferente da concepção bancária de educação.

No filme do “Lorax”, artificialidade do ar, da água, da vida, vem ao encontro do livro do Krenak – “A vida não é útil” (2020). Muito do “mito do desenvolvimento” pensando como Krenak e percebido no filme, reforçando, mais uma vez, que precisamos deixar de nos desenvolver, e nos envolver, modificando a nossa relação com esta sociedade consumista, predatória antiecológica. [...].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos desta dissertação proporcionaram vivências com temas ligados às práticas educacionais, sobretudo das Educações Ambientais com o “ver”, o “ouvir”, “sentir”, o “pensar”. (ALVES; FERRAÇO, 2015), e tudo isso proporcionado por estes diálogos com os *praticantespensantes*, produzindo também uma transformação em nós, “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 15)

Com um trabalho de resgate de memória quanto as práticas pedagógicas, logo foram apresentadas as narrativas ficcionais de um resultado de mais de uma década na docência em escolas dos municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. Com estas, diferentes comunidades escolares apareceram com suas vivências, problemáticas e experiências. Um pontapé inicial da dissertação abrindo horizontes quanto as discussões que viriam a seguir.

A medida que foram avançadas nas discussões, os objetivos da dissertação foram contemplados como o fomentar nos cotidianos escolares práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia voltadas para a criação e cocriação de *imagensnarrativas*, sendo assim elaboramos junto aos estudantes, maquetes, entrevistas, desenhos que dialogavam com a realidade local. Nas realizações em conjunto podemos praticar conceitos e conteúdos discutidos no livro didático e também oficinas realizadas de *cineconversas* acerca das problemáticas ecológicas cotidianas e comunitárias.

Há muito o que se dizer e com a oportunidade das oficinas de *cineconversas* as vozes dos estudantes ecoaram a partir de diferentes temáticas de suas vidas cotidianas e comunitárias, nos aproximando de uma perspectiva decolonial e anticolonial de ecologia, de temas complexos como as várias expressões do racismo, as relações étnico-raciais assim como a segregação racial e socioespacial, o racismo ambiental e cotidiano e as políticas eugenistas.

Cada *cineconversa* buscou expandir algumas discussões das práticas do ensino de Geografia, como o episódio da “Família Dinossauro”, “O casamento de Roy”, que reforçam padrões de uma sociedade patriarcal e um modo de habitar colonial. Neste episódio ainda, destacamos as problemáticas ambientais daquela realidade com as nossas locais. Sendo ainda discutido o papel dos políticos e o nosso papel político na sociedade. Um termo ainda em discussão que foi debatido e pode ser mais discutido é o racismo ambiental, aparente na sociedade dos dinossauros bípedes e quadrúpedes, com as condições históricas de nossa sociedade.

Já no episódio da “Família Dinossauro”, “A música do pântano” as discussões realizadas sobre a segregação socioespacial e a discriminação proporcionaram a interação dos *praticantespensantes* com uma temática que perpassa as relações socioemocionais, pois ser segregado ou discriminado é possível, e além disso, a possibilidade de entender o que é ser discriminado, e como ocorre a segregação.

O episódio “A música do pântano” também abriu portas para o contato com estilos musicais diferentes da realidade da maioria dos que participaram, e pensamos que pode ter um impacto parecido se for trabalho em outras turmas, num Brasil tão plural e com características musicais regionais que podem ser valorizadas.

No episódio “Salve o campo das águas vivas”, do seriado Bob Esponja as conversas que ocorreram em torno dos impactos ambientais do ser humano e sua convivência hostil perante as outras espécies foram marcantes, tanto quanto as discussões com Ailton Krenak e Malcom Ferdinand e as leituras de mundo para além do ser humano como centro da natureza, mas parte integrante, e também predação do modo operante colonial de exploração dos espaços. Foi uma oportunidade de diálogo de como o município de Vila Velha é habitado, a forma política de como é pensado, e as mudanças ambientais no município, principalmente a partir de meados do século XX.

No filme “Lorax: Em busca da trufula perdida”, a realização da *cineconversa* trouxe várias reflexões, dentre elas sobre do avanço predatório nos espaços, ao ponto de os

tornar inabitáveis devido a poluição. Algo pensado posteriormente foram as características religiosas e espirituais que podem preservar a natureza, sendo que o Lorax se refere como “o que fala pelas árvores”, e lembramos de Krenak (2022) ao dizer sobre a natureza como entidade viva que deve ser ouvida e respeitada.

Outro ponto comentado durante a *cineconversa* com o filme Lorax, e pode ser expandindo é o caráter de vigilância as comunidades, sobretudo com as novas tecnologias do século XXI e a não vigilância as grandes corporações poluidoras e de grande impacto ambiental.

Quanto à análise dos dados desta pesquisa, às práticas cotidianas nos mostram *imagensnarrativas* das múltiplas leituras de mundo das realidades comunitárias e suas lutas contra o neocolonialismo, e de lutas que são também ecologistas, raciais e sociais.

Com as narrativas dos estudantes pudemos vivenciar suas memórias, histórias e modos de re-existências, assim como outras narrativas, ecologias e geografias que resistem ao processo de silenciamento da cultura dominante e colonizadora.

Reforçamos a nossa defesa, com essa pesquisa, em favor de práticas educacionais ambientais para além de uma sustentabilidade como cortina de fumaça, que tentam esconder problemáticas oriundas da manutenção do excludente capitalismo racial e neocolonial. Recorçamos também a nossa defesa por uma escola pública de qualidade, e de oportunidades para os docentes realizarem formações continuada e pesquisa, sendo sim professores-pesquisadores valorizados por um trabalho tão árduo e digno que é a educação de crianças e jovens.

Dizemos aqui o quão complexo foi realização da pesquisa em meio ao retorno ou tentativa de retorno as atividades docentes na medida que restrições de interação entre as pessoas ia diminuindo quanto a pandemia de COVID-19. Também a complexidade de trabalhar e realizar pesquisa, sem tempo suficiente muitas vezes para outros afazeres normais da vida, mas dizemos isto para valorização dos que se dedicam ao curso de mestrado profissional na educação.

Ao elaborar um produto educacional apresentamos a potencialidade das *cineconversas* nos cotidianos escolares e em práticas pedagógicas de educação ambiental no ensino de Geografia comprometidas com as problemáticas ambientais locais.

A proposta do produto educacional buscou ir ao encontro da educação ambiental política e uma educação antirracista, anticolonial, dialógica, problematizadora e como prática de liberdade, trabalhando com a práxis de Paulo Freire (1996), nas *cineconversas e imagensnarrativas*.

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento (FREIRE, 1996, p. 29).

Agradecendo pela oportunidade dos diálogos com as comunidades escolares da pesquisa, acreditamos na potência de que outros *praticantespensantes* possam realizar *cineconversas* gerando novas curiosidades e novas problematizações.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. ADAS, Sergio. **Expedições geográficas: manual do professor**. 8º ano. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2018.

AITH, Fernando Mussa Abujamra; ROTHBARTH, Renata. O Estatuto Jurídico das Águas no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo, v. 29, n. 84, p. 163-177, May/Aug., 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000200163. Acesso em: 11 mar. 2022.

ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas de hoje**. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; CHAGAS, Claudia; MENDONÇA, Rosa. Imagens, sons e narrativas: Criar conhecimentos e formar docentes. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 223-246, jan./abr. 2020.

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagensnarrativas na invenção dos currículos e da formação. **ESPAÇO DO CURRÍCULO**, v. 8, n. 3, p. 306-316, setembro a dezembro de 2015.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: *espaçostempos* de diferenças no cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abril 2004.

ALVES, Nilda; RAMOS, Andréia Teixeira. ‘Cineconversas’ para ‘verouvirsentirpensar’ o filme “Guri” nos cotidianos escolares. **Quaestio: revista de estudos em educação**, Sorocaba, SP, v. 24, p. 1-20, 2022.

AMANTE, Lúcia; OLIVEIRA, Fabiane L. de; SANTOS, Edméa O. dos. Dossiê Cibereducação: fundamentos, interfaces e pedagogias emergentes. **Revista UFG**, Goiânia, v. 21, n. 27, 2021. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-PT&user=5KZzT7QAAAAJ&sortby=pubdate&citft=1&citft=2&email_for_op=edmeabaiana%40gmail.com&citation_for_view=5KZzT7QAAAAJ:Xz60mAmATU4C. Acesso em: 18 jul. 2022.

ARRUDA, Daniel Péricles. Aproximações ao debate sobre o suicídio de adolescentes e jovens negros no brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 14, n. 39, p. 597–609, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1294>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BARCHI, Rodrigo. Contribuições “inversas”, perversas” e menores às educações ambientais. **Revista Interacções**, Santarém, v. 5, n. 11, p. 174-192, 2009.

Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/381>. Acesso em: 16 jul. 2022.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. **Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos**: os necessários contatos entre os praticantes pensantes de currículos. 2015. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARLOS, Ana Fani A. **A Geografia na sala de aula**. 9 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

D'ÁVILA, Wilson Pimenta da Silva. Uma abordagem socioambiental das transformações ocorridas no rio Marinho – Vitória, Espírito Santo. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, [S. l.], v. 12, n. 6, p. 70–84, 2017. DOI: 10.22292/mas.v12i6.629. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistameioambiente/index.php/meioAmbiente/artic/e/view/629>. Acesso em: 12 mai. 2023.

FARIA, Fledson Silva. **Educações ambientais políticas com os usos de drones e artefatos tecnoculturais na reserva de desenvolvimento sustentável dos manguezais de Cariacica e nos cotidianos escolares**. 2021. 201 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, CE/UFES, Vitória, 2021.

FAUNDEZ, Antonio. FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Ed. 11ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. Tradução: Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERNANDES, Olga Rodrigues Vicente. **Dos encantos às problemáticas ecológicas de Guarapari**: reflexões e saberes nos cotidianos escolares a partir de *imagens narrativas*. 2022. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

FRANCISCO, Gabriel Lecoque; NUNES, Pedro Nascimento. **Possibilidades do Recurso Audiovisual Filme como Interação das TICS na Educação de Jovens e Adultos**. Pós-graduação Lato Sensu em educação de Jovens e Adultos Faculdade Luso Capixaba, FLC, Cariacica, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. 23ª impressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FRINHANI, Elissa Maria Marchiori. **Voltando o olhar para o porto: a produção social do espaço portuário e retroportuário no município de Vila Velha/ES.** 2005. 137 f. Dissertação (mestrado) – Curso de Planejamento Regional e Gestão de Cidades, Universidade Cândido Mendes, 2005.

GAMA, Raphael da Silva. **As Educações Ambientais e o Racismo Ambiental em José de Anchieta/Serra-ES nos Cotidianos Escolares.** 2022. 118 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

GOMES, Antenor Rita; SILVA, Sergio Luiz Pereira da. Sertão vivo, em cores: linguagem fotográfica, leitura de imagem e percepção visual. In: COSTA, Rafael Nogueira et al. (org.) **Imaginamundos: Interfaces entre educação ambiental e imagens.** Rio de Janeiro: Nupem Editora, 2021.

GONZALEZ, Soler. **Educação ambiental Autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas.** 2013. 172 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2013.

GONZALEZ, Soler; SANTOS, Edilene Machado dos. Práticas pedagógicas e redes educativas com educações ambientais e os usos do cinema, fotografias, sons e vídeos nos cotidianos escolares. **Quaestio: revista de estudos em educação,** Sorocaba, SP, v. 24, p. 1-18, 2022.

GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andreia Teixeira. Educação ambiental nas redes educativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental,** v. 38, n. 3, p. 73-97, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v38i3.13414>. Acesso em: 15 jul. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais da população:** município de Vila Velha. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IJSN. Instituto Jones dos Santos Neves. **Mapas do Espírito Santo.** Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/>. Acesso em: 22 maio 2022.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br>. Acesso em: 30 de jun. de 2023.

JESUS, Victor de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um *continuum* colonial chamado racismo ambiental. **Revista Saúde Soc.,** São Paulo, v. 29, n. 2, e180519, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1099341> Acesso em: 8 jun. 2023.

JESUS, Victor de. Racismo ambiental, navios de lixo e quarto de despejo: a geopolítica neocolonial ambientalmente tóxica do descarte de resíduos nos países “lixeiros do mundo”. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as**

Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 14, n. Ed. Especial, p. 25-51, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1329>. Acesso em: 11 jun. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras. 2020a.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está à Venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LEITE, Maria J. dos S. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Sankofa**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 64-82, 2017. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2017.137196. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/137196>. Acesso em: 2 abr. 2023.

MACHADO, Marcelo Ferreira; MORAIS, Maria; TOJA, Noale. 'Cineconversas' – criando currículos com filmes de migração. **Revista de la Escuela de Ciencias de la educación**, año 16, nro. 15, vol. 1, Enero a Junio de 2020. páginas 93 – 103. ISSN 2362-3349 (EN LÍNEA).

MAZOCCO, Marcia Cristina. **Entre Fios, Nós e Educações Ambientais: Narrativas Ecológicas de Mulheres de Cariacica/ES**. 2021. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

MENDONÇA, Rosa Helena de et al. “Cineconversas” e Fabulações Curriculantes: O uso de filmes e a potência das conversas como metodologia de pesquisa em educação. Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo – PUC/SP. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1109-1130, out./dez. 2020.

MOREIRA, Adilson José. **Tratado de Direito Antidiscriminatório**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos Penesb**, n. 5, Niterói, Editora da UFF, 2004, p. 15-34.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de. **Educação e Militância Decolonial**. 1ª ed. RJ: Editora Selo Novo, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA. **SEMPLA - Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Gestão**. p.103, out. 2013.

QUINTAS-MENDES, Antônio; SANTOS, Edméa O. dos.; TORRES, Patrícia Lupion. Educação e Cibercultura: metodologias de pesquisa, curadoria e inovação

pedagógica. **RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning**, v. 3, n. 1, março/abril, 2020. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-PT&user=5KZzT7QAAAAJ&cstart=20&pagesize=80&sortby=pubdate&citft=1&citft=2&email_for_op=edmeabaiana%40gmail.com&citation_for_view=5KZzT7QAAAAJ:EPG8bYD4jVwC. Acesso em: 18 jul. 2022.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares**. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2018.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. 1 ed. Rio Grande do Sul: Editora EDUNISC, 2003.

REIGOTA, Marcos. Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação. **Pesquisa em Educação Ambiental (UFSCar)**, v. 5, 2010.

REIGOTA, Marcos. Educação Ambiental: a emergência de um campo científico. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 499-520, maio/ago., 2012.

ROSA, Ludmila Rodrigues. **O filme de animação O Lorax: em busca da trúfula perdida na perspectiva dos estudos culturais**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.232>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 30 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SANTOS, Edilene Machado dos. **Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio formate, Viana (ES)**. 2020. 212 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

SARTÓRIO, Marcus Vinícius Oliveira. **Processo de Urbanização em Bacias e Drenagem: Estudo de Caso da Bacia do Rio Marinho-ES**. 2015. 78 f. Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SILVA, Juliano Motta. **Aspectos de paisagem, memória e esquecimento de um rio urbano: lembranças do Rio Marinho (ES)**. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e identidade: o currículo multiculturalista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 85-90.

SOARES, Conceição; SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda, LIBÂNEO,

José Carlos. **Temas de Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Editora Cortez, 2012, p. 308-330.

SUCESSO NOS ANOS 90, '**FAMÍLIA DINOSSAURO**' COMPLETA 25 ANOS.

Correio 24 horas. Salvador, 27 de abr. de 2016. Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sucesso-nos-anos-90-familia-dinossauro-completa-25-anos/> Acesso em: 02 jul. 2022.